Universidade do Extremo Sul Catarinense
Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais

Grasiele de Costa Scarduelli

A PRAÇA, PAISAGEM URBANA E SEUS PROCESSOS DE IDENTIDADE: UM ESTUDO SOBRE A PRAÇA NEREU RAMOS- CRICIÚMA/SC

Criciúma
2020

Grasiele de Costa Scarduelli

A PRAÇA, PAISAGEM URBANA E SEUS PROCESSOS DE IDENTIDADE: UM ESTUDO SOBRE A PRAÇA NEREU RAMOS- CRICIÚMA/SC

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense para obtenção do Título de Mestre em Ciências Ambientais.

Área de Concentração: Sociedade, Ambiente e Desenvolvimento.

Orientadora: Prof. Dr.ª Teresinha Maria Gonçalves

Criciúma

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

S285p Scarduelli, Grasiele de Costa.
A praça, paisagem urbana e seus processos de identidade : um estudo sobre a Praça Nereu Ramos-Criciúma/SC / Grasiele de Costa Scarduelli. - 2020.
133 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Criciúma, 2020.
Orientação: Teresinha Maria Gonçalves.

1. Paisagem urbana. 2. Praças. 3. Praça Nereu Ramos (Criciúma, SC). 4. Espaços públicos. 5. Patrimônio cultural. I. Título.

CDD 23. ed. 712

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla – CRB 14/1101
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
Pró-Reitoria Acadêmica
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais

PARECER

Os membros da Comissão Examinadora homologada pelo Colegiado de Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais reuniram-se para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado apresentada pela candidata **GRASIELE DE COSTA SCARDUELLI,** sob o título: **"A PRAÇA, PAISAGEM URBANA E SEUS PROCESSOS DE IDENTIDADE: UM ESTUDO SOBRE A PRAÇA NEREU RAMOS-CRICIÚMA/SC",** para obtenção do grau de **MESTRE EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS** no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Após haver analisado o referido trabalho e arguido a candidata, os membros são de parecer pela **"APROVAÇÃO"** da Dissertação.

Criciúma/SC, 20 de fevereiro de 2020.

Profa. Dra. Maíra Longhinotti Felippe
Primeiro Examinador

Profa. Dra. Viviane Kraieski de Assunção
Segundo Examinador

Profa. Dra. Teresinha Maria Gonçalves
Presidente da Comissão e Orientadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais Rosimery e Claudemir, pelo apoio e dedicação em proporcionar todo o suporte para que eu finalizasse mais essa etapa.

Ao meu esposo Eduardo, pelo carinho e paciência, que me apoiou e incentivou em todos os momentos desta caminhada.

Agradeço em especial, a minha orientadora Prof.ª Dr.ª Teresinha Maria Gonçalves, pela confiança em mim depositada e por toda colaboração e dedicação, mostrando caminhos e sugestões que possibilitaram a realização deste estudo.

Ao grupo interdisciplinar e interinstitucional de Estudos e Pesquisas sobre o Meio Ambiente e Espaço Urbano – GIPMAUR e aos colegas do laboratório de pesquisa sobre o Meio Ambiente, Desenvolvimento Urbano e Psicologia Ambiental, aos quais me trouxeram muito conhecimento e contribuíram para enriquecer ainda mais este estudo.

Aos meus colegas do Mestrado em Ciências Ambientais da UNESC e as demais pessoas que contribuíram e fizeram parte dessa trajetória, o meu singelo agradecimento.

À todos aqueles que acreditaram em mim.

RESUMO

Qual a importância de preservarmos a história da cidade no sentido de fomentar o sentimento de pertença, a identidade de lugar e as relações socioculturais? O espaço urbano como característica singular de cada cidade está atrelado à união da forma do espaço com o uso da população, variando de acordo com o tempo e cultura. A construção dos processos de identidade é realizada pelas relações sociais e pelas interações entre o sujeito e seu ambiente construído. Dentro do contexto urbano, as praças são consideradas locais de importância vital para as cidades. O presente estudo possui como tema o espaço público e suas relações de urbanidade. Possui como objeto de pesquisa a Praça Nereu Ramos, considerada a materialização viva de toda a história da população Criciumense. A reflexão proposta possui como objetivo investigar o processo de apropriação e identidade de lugar da população de Criciúma/SC quanto a importância da preservação dos espaços públicos e paisagem urbana da Praça Nereu Ramos. O estudo possui uma abordagem qualitativa, numa perspectiva da pesquisa social de caráter investigativo, através do reconhecimento da praça como um espaço público. A coleta de dados foi realizada pelas técnicas de observação simples, entrevista semiestruturada e inventário fotográfico, e analisadas pelas técnicas de análise dos conteúdos e conceitos chaves. Tudo isso pela importância em entender os espaços públicos como resultados de um produto social de uma sociedade específica. A interpretação dos dados possibilitou entender a importância da preservação dos patrimônios culturais e suas relações com a paisagem urbana na área central da cidade, analisando a consciência da população criciumense quanto á sua contribuição para manutenção da identidade e memória cultural, concluindo até que ponto os espaços públicos contribuem para a valorização da vida das cidades. Os principais resultados foram: identificação do processo de apropriação do espaço e construção da identidade de lugar, o conhecimento histórico da cidade de Criciúma materializado no inventário fotográfico tendo como ponto central e foco a Praça Nereu Ramos como marco fundador da cidade, o entendimento da Praça como espaço público e o processo de transformação da paisagem urbana pelo crescimento, evolução e transformação da Praça.

Palavras-chaves: Espaço Público. Patrimônio Cultural. Lugar antropológico. Praça Nereu Ramos.

ABSTRACT

What is the importance of preserving the history of the city in order to foster the sense of belonging, the identity of place and the socio-cultural relations? Urban space as a unique feature of each city is linked to the union of the form of space with the use of the population, varying according to time and culture. The construction of identity processes is performed by social relations and interactions between the subject and his built environment. Within the urban context, squares are considered places of vital importance to cities. The present study has as its theme the public space and its urbanity relations. Its research object is Praça Nereu Ramos, considered the living materialization of the entire history of the Criciumense population. The proposed reflection aims to investigate the process of appropriation and place identity of the population of Criciúma / SC regarding the importance of preserving the public spaces and urban landscape of Praça Nereu Ramos. The study has a qualitative approach, from an investigative social research perspective, through the recognition of the square as a public space. Data collection was performed by simple observation techniques, semi-structured interviews and photographic inventory, and analyzed by content analysis techniques and key concepts. All this due to the importance of understanding public spaces as the result of a social product of a specific society. The interpretation of the data made it possible to understand the importance of preserving cultural heritage and its relationship with the urban landscape in the central area of the city, analyzing the conscience of the Cricium population regarding its contribution to the maintenance of cultural identity and memory, concluding to what extent the spaces public policies contribute to the appreciation of city life. The main results were: identification of the process of appropriation of space and construction of the identity of the place, the historical knowledge of the city of Criciúma materialized in the photographic inventory with the central point and focus of Praça Nereu Ramos as the founding landmark of the city, the understanding of the Praça as a public space and the process of transforming the urban landscape through the growth, evolution and transformation of the Square.

Key words: Public Space. Cultural Heritage. Anthropological Place. Nereu Ramos Square.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cruzamento Vias Iniciais 16
Figura 2: Estação Ferroviária em 1924 18
Figura 3: Praça Nereu Ramos na década de 1930 19
Figura 4: Igreja Matriz de São José 20
Figura 5: Monumento aos Homens do Carvão 21
Figura 6: Mapa ilustrativo do Município de Criciúma com destaque para a área de estudo 54
Figura 7: Praça Nereu Ramos- local de passagem, 2019. 60
Figura 8: Croqui Vetores dos Percursos da Praça Nereu Ramos. 62
Figura 9: O sábado na Praça, 2019. 64
Figura 10: Praça Nereu Ramos -imagem noturna, 2019. 65
Figura 11:Croqui dos usos da Praça Nereu Ramos. 66
Figura 12: Praça Nereu Ramos - os engraxates, 2019. 67
Figura 13: Praça Nereu Ramos- Local de descanso, 2019. 68
Figura 14: Praça Nereu Ramos - Local de Lazer, 2019 68
Figura 15: Paisagem da Praça Nereu Ramos, 2019. 75
Figura 16: Edifício antiga Casa Londres, 2019. 77
Figura 17: Shopping Della, 2019 78
Figura 18: Casa da Cultura, 2019. 81
Figura 19: Edifício Filhinho (1944) 84
Figura 20: Edifício Filhinho, 2019. 85
Figura 21: Igreja São José (local atual) 88
Figura 22: Local atual Praça Nereu Ramos 89
Figura 23: Núcleo central da Vila em 1920 90
Figura 24: Estação Ferroviária Criciúma 91
Figura 25: Catedral São José 92

Figura 26: Avenida Getúlio Vargas 1930 93
Figura 27: Rua João Pessoa 1930 93
Figura 28: Praça Nereu Ramos 1940 94
Figura 29: Vista do alto da torre da Catedral, 1943 95
Figura 30: Interior Café São Paulo, 1940 97
Figura 31: Comemoração Chorpus Chisti (Rua João Pessoa) 1940 97
Figura 32: Vista Aérea Praça Nereu Ramos, 1950 98
Figura 33: Concentração Religiosa na Praça Nereu Ramos, 1951 98
Figura 34: Rua João Pessoa - P. Nereu Ramos. Casa Londres à direita funcionava como Bar e Restaurante Gruta Baiana. 99
Figura 35: Vista aérea da Praça e do Centro de Criciúma, 1966 100
Figura 36: Colocação Petit Pavê na Praça 101
Figura 37: Inauguração Petit Pavê na Praça 101
Figura 38: Praça Nereu Ramos 1970 - Triangulo Praça Eltevina Luz e vista edifício atual 102
Figura 39: Fonte Luminosa- Praça Nereu Ramos, 1979 103
Figura 40: Av. Centenário- Terminal de Transportes Urbanos, 1981 104
Figura 41: Praça Nereu Ramos, 1979. 105
Figura 42: Catedral São José, 1979. 106
Figura 43: Casa da Cultura, 1980. 106
Figura 44: Festa das Etnias, 1980 107
Figura 45: Vista Aérea Praça Nereu Ramos, 1980 108
Figura 46: Praça Nereu Ramos, 2019. 109
Figura 47: Praça Nereu Ramos, 2019. 110
Figura 48: O sábado na Praça Nereu Ramos, 2019. 111
Figura 49: Monumento aos Homens do Carvão, 2019. 112
Figura 50: Catedral São José, 2019. 113

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Relação entre Objetivos específicos e instrumentos metodológicos 55

Tabela 2: Relação entre faixa etária entre os entrevistados 61

Tabela 3: Qual a motivação para vir a Praça? 63

Tabela 4: Você se identifica com a Praça? 69

Tabela 5: Sente que é um espaço também seu? 69

Tabela 6: Você cuidaria da Praça? 69

Tabela 7: Defenderia a Praça contra agressores? 69

Tabela 8: Traria uma planta bonita para plantar na Praça? 70

Tabela 9: Você compreende a Praça como portadora de importância histórica para a cidade? 72

Tabela 10: Você poderia citar os três primeiros elementos físicos da Praça que você se lembra de imediato? 74

Tabela 11: Você poderia citar alguma edificação que se destaca na paisagem urbana da Praça? 76

Tabela 12: Casa da Cultura 81

Tabela 13: Casa da Cultura 81

Tabela 14: Casa da Cultura 82

Tabela 15: Edifício Filhinho 83

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13

1.1 A FORMAÇÃO DE CRICIÚMA E A PRAÇA NEREU RAMOS 14

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA 24

1.3 OBJETIVOS 25

1.3.1 Objetivo Geral 25

1.3.2 Objetivos específicos 25

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 26

2.1 ESPAÇO E LUGAR 26

2.1.1 O sujeito e sua identificação e apropriação do espaço 27

2.1.2 A construção da imagem urbana 30

2.2 CIDADE, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA 31

2.2.1 Relação entre patrimônio cultural e memória urbana 33

2.2.2 Paisagem urbana 38

2.3 ESPAÇOS PÚBLICOS URBANOS 39

2.3.1 A praça: formação do conceito 43

2.3.1.1 Contexto histórico das praças 45

2.3.2 O individualismo urbano 50

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 53

3.1 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS E COLETA DE DADOS 55

3.1.1 Observação simples 56

3.1.2 Entrevista semiestruturada 56

3.1.3 Inventário fotográfico 57

3.2 INSTRUMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS 58

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS 60

4.1 A LEITURA DA PAISAGEM URBANA: A PRAÇA E SEUS PROCESSOS DE IDENTIDADE 60

4.2 A LEITURA DA PAISAGEM URBANA: A PRAÇA VIVIDA HISTORICAMENTE 87

4.2.1 Período de 1899 - 1920 87

4.2.2 Período 1930- 1950 91

4.2.3 Período 1960- 1980 99

4.2.4 Período 2000 - 2019 108

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 114

REFERÊNCIAS 118

APÊNDICES 122

ANEXOS 129

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa foi motivada pelas lembranças de infância da pesquisadora. O convívio com a Praça Nereu Ramos, que é um espaço coletivo, reveste-se de um grande significado, o que despertou o interesse de uma arquiteta que trabalha com o urbanismo a investigar esse lugar ligando-o ao processo de identidade.

Este estudo quer ser uma contribuição às discussões realizadas ao grupo interdisciplinar e interinstitucional de Estudos e Pesquisas sobre o Meio Ambiente e Espaço Urbano – GIPMAUR, na busca por avançar no entendimento sobre a apropriação dos espaços públicos e seus processos de identidade.

O ambiente mais próximo para a arquitetura é o ambiente construído, embora também trabalhe com o ambiente natural. E, nessa perspectiva, a praça se constitui como um ambiente coletivo de múltiplas dimensões. É espaço de lazer, de encontro, manifestações e de referência da cidade.

Os espaços arquitetônicos e urbanísticos formados pelas praças, ruas e edifícios possuem importância física e social. O espaço público é um catalizador para o encontro e trocas sociais, comerciais e culturais. As trocas garantem o exercício da cidadania, priorizando o interesse coletivo sobre o individualismo e propriedade privada. A arquitetura urbana, em conjunto com suas formas e tipologias caracterizam o hábitat permanente de uma cidade, são resultados de suas produções e conteúdos próprios (ROLNIK, 1994, pág. 17). É a partir da leitura histórica das edificações inseridas na sua paisagem urbana, que podemos interpretar e decifrar seus significados.

O conjunto do patrimônio material de uma cidade é a materialização de sua história. É através dele que a população compreende sua identidade e produz o sentimento de pertencimento ao lugar. A conservação dos referenciais históricos em conjunto com sua paisagem urbana garante a compreensão, identificação e apropriação da cidade. A paisagem urbana é a soma dos espaços físicos de uma cidade com as intervenções sociais e a apropriação do homem ao lugar. A apreensão urbana é perdida devido à crescente homogeneização das cidades que descaracterizam as áreas históricas centrais devido à falta de preservação dos elementos urbanos.

As praças são locais de importância vital para as cidades. As praças fazem parte do contexto da vida urbana, é nelas que os caminhos se cruzam e que os encontros acontecem. A

praça não possui somente importância funcional para o uso de passagem, ela é local de vida urbana, traduz à fruição poética e a identidade dos seus usuários. Logo é na praça que ocorrem os processos complexos e intensos de memória, de significados, e de reconhecimento pessoal.

Portanto o presente projeto justifica-se na necessidade do entendimento das relações entre os usuários da Praça Nereu Ramos e o seu espaço físico, verificando seus usos e seus processos de apropriação e identidade urbana. A pesquisa visa contribuir para análise e caracterização das edificações de caráter histórico no contexto da paisagem urbana do entorno da Praça. O estudo justifica-se na necessidade da compreensão da importância da preservação das edificações históricas, desempenhando o seu papel simbólico e integrador das atividades da cidade. Realiza-se uma contribuição para a sociedade e para o meio ambiente urbano por meio da possibilidade de ressignificação desses espaços e que possam contribuir para o fortalecimento do processo de apropriação, do sentimento de pertença e a consequente preservação dos mesmos.

1.1 A FORMAÇÃO DE CRICIÚMA E A PRAÇA NEREU RAMOS

A retrospectiva histórica do município de Criciúma e da Praça Nereu Ramos se confundem e se conectam. Por isso a história do município e a história da Praça serão tratados de maneira única, devido a sua íntima relação e sua importância cultural para Criciúma.

A origem das cidades ocorre de acordo com duas interpretações distintas. A primeira vertente considera a religião como propulsora do desenvolvimento dos espaços urbanos. Nesta abordagem, inicia a aglomeração de famílias que possuem em comum o culto religioso a uma mesma divindade. A organização destas pessoas resulta na construção de templo comum, que vai ao longo do tempo atraindo mais famílias a este local (FERNANDES; GOMES, 2004).

A segunda vertente considera a diferenciação das organizações sociais como propulsoras de origem das cidades. Neste contexto, utiliza-se a venda de excedentes agrícolas como forma de separação entre classes sociais: a classe dos trabalhadores rurais, e a classe de trabalhadores não-agrícolas. Os trabalhadores não-agrícolas se separam dos campos, formando as primeiras aglomerações urbanas (FERNANDES; GOMES, 2004).

Diante dos fatos, o surgimento do núcleo central da Vila de São José de "Cresciúma" esteve associado a estes dois fatores, a implantação da capela e a venda dos excedentes agrícolas.

A evolução da estrutura física e atividades econômicas presentes no munícipio de Criciúma influenciaram e são dependentes dos aspectos sociais de sua população. Por meio da interação entre seus elementos, é formado um marco cultural, econômico e social. Por isso Oliveira e Milioli (2014, p. 111) afirmam que o conhecimento dos parâmetros históricos do município é fundamental para "reconhecer a espacialidade e como se desenvolve nas suas expansões e modos de produção e sobrevivência, e reconhecer as culturas tradicionais".

Criciúma foi fundada em 1880 com a vinda de 22 famílias de imigrantes italianos, que vieram se instalar na Vila de São José de Cresciúma[1], território onde inicialmente viviam os índios Laklaño, Kaigangs e Guaranis (OLIVEIRA; MILIOLI, 2014).

Os imigrantes Italianos eram católicos, e possuíam como costume realizar o culto aos domingos. Foram construídas inicialmente duas capelas em madeira, a Capela Santo Antônio e a Capela São José construída no local onde hoje é a Casa da Cultura. Em 1899, junto à capela de São José é instalada a primeira paróquia da Igreja Matriz São José. Com a instalação da paróquia, foi definido aquele ponto como o centro da vila, e que posteriormente influenciaram toda a estrutura urbana da cidade (BALTHAZAR, 2001).

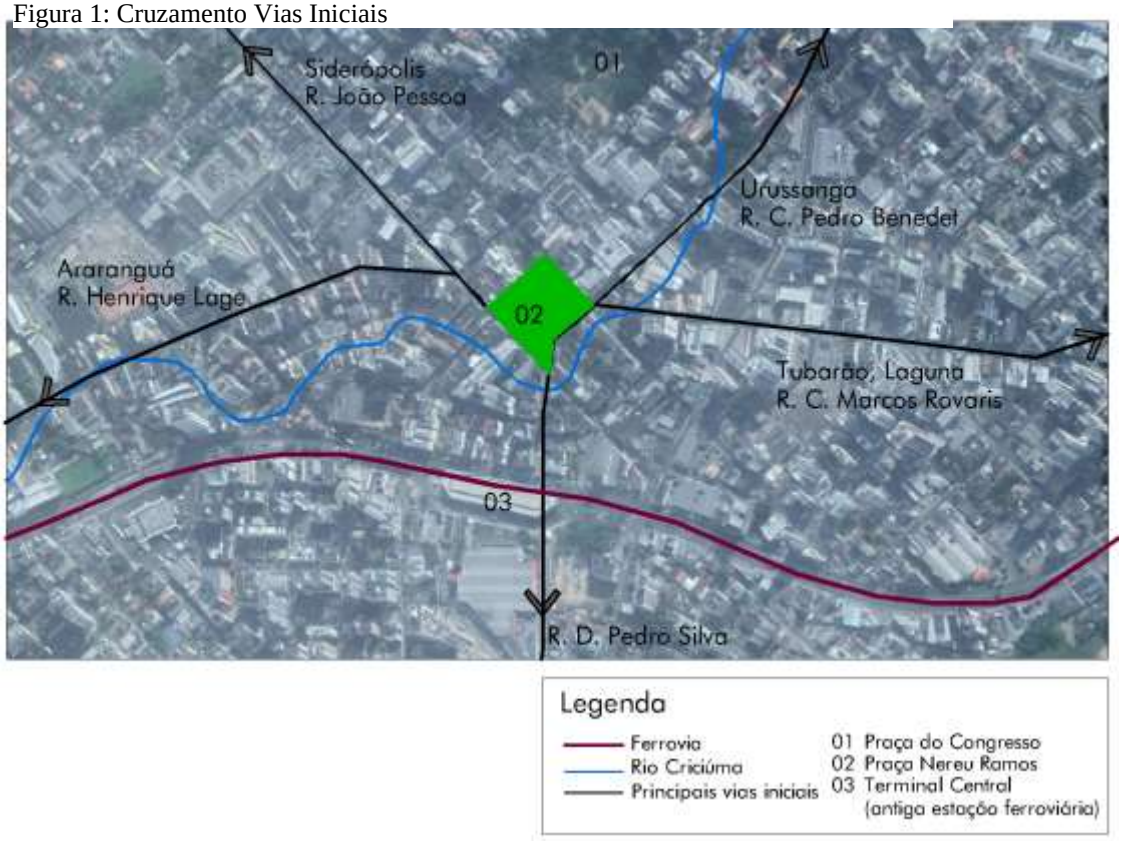
> O local em que os primeiros habitantes italianos levaram seus animais para beberem água, aonde havia uma vegetação abundante de cresciúmas [...]. O vínculo do nome da cidade com a praça Nereu Ramos, aponta aquele espaço como o lugar simbólico de nascimento de Criciúma. [...] A praça se constituiu como um espaço livre entre a estrada colonial de Urussanga a Araranguá e o templo da igreja católica do distrito, terminado em 1917, tendo sido efetivamente urbanizada até a década de 1930. Ao redor da praça se localizaram as famílias mais importantes do lugar. Todos esses vínculos, reais e imaginários, colocaram a Praça Nereu Ramos como o coração da cidade, o espaço simbólico mais importante em relação à identidade urbana" (NASCIMENTO, 2006, p. 121).

O início da ocupação da Vila foi no local onde hoje está localizada a Praça Nereu Ramos[2] de Criciúma, que na época era o ponto de cruzamento entre as estradas que faziam a ligação da vila com as outras colônias existentes na região, como Tubarão, Urussanga,

[1] Cresciúma é uma vegetação da família das gramíneas que crescia com fartura ao local, que acabou por dar o nome à cidade.
[2] O nome da praça homenageia o catarinense Nereu de Oliveira Ramos, advogado e político brasileiro. Natural de Lages. Foi vice-presidente da república no período de 1946 a 1951. Assumiu a presidência da república por dois meses de novembro de 1955 a janeiro de 1956.

Araranguá e Nova Veneza (ver figura 1). Além de ser um ponto importante de encontro, também funcionava como local de descanso e parada entre os tropeiros que por ali passavam. Em meados do fim do século XIX, Balthazar (2001) salienta que no cruzamento das ruas Av. Getúlio Vargas[3] e Cel. Pedro Benedet[4] os colonos construíram a primeira 'bodega', para venda dos excedentes agrícolas e atendimento aos viajantes. Porto (2008, p. 66) afirma que até hoje os principais serviços e comércios que atendem toda a região são encontrados neste ponto.

Figura 1: Cruzamento Vias Iniciais



Fonte: Elaborado pela autora.

Segundo Costa e Câmara (2011), o comércio externo era realizado pelos tropeiros, vendendo charque, queijo, querosene, etc. O comércio interno era feito pelas bodegas, vendas, e lojas de secos e molhados, que comercializavam feijão, arroz, vários tipos de alimentos, e utensílios para a casa. A instalação de pequenos comércios configurou o espaço como um local

[3] Getúlio Vargas foi presidente da República em 1931, contribuindo para incentivar a indústria nacional do carvão, por meio do Decreto 21.089, que estabeleceu a obrigatoriedade do consumo de 10% do carvão nacional sobre o similar estrangeiro.
[4] Pedro Benedet foi imigrante da Itália, chegando ao município de Urussanga em 1879, e liderou o grupo de mais 30 famílias que colonizaram Criciúma. Pedro Benedet carregou títulos importantes para a história do município, sendo o primeiro presidente da Câmara de Vereadores, fundador de uma das carboníferas da cidade, e fundador do extinto Jornal O Mineiro.

de trocas e convívio social, começando a surgir as primeiras residências, formando uma aglomeração.

Após os primeiros imigrantes italianos, vieram para a região os imigrantes poloneses, alemães, e em menor quantidade os portugueses, africanos e árabes. Primeiramente o núcleo possuía como principal economia a atividade agropastoril. Devido à distância do núcleo a grandes centros urbanos, os excedentes da produção eram comercializados na própria vizinhança (BALTHAZAR, 2001).

A centralidade do núcleo foi o local onde começou a estruturação urbana da vila. Em 1917, o espaço urbano foi delineado, determinando a criação de um espaço público onde hoje está instalada a Praça Nereu Ramos. O espaço era inicialmente um local de pastagem, se transformando em campo de futebol, com as ruas circundando-o e formando a primeira quadra, iniciando a ocupação urbana no vilarejo. De acordo com Naspolini Filho (1995), as casas iniciais eram de arquitetura típica italiana, e caracterizavam o entorno do campo de futebol.

Foi no ano de 1913 em que o carvão mineral foi descoberto na região de Criciúma. O carvão foi descoberto nas terras de Giácomo Sônego, na proximidade da Igreja de Santo Antônio. A primeira galeria de mina foi aberta em 1917 pela CBCA-Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá. O carvão era transportado até Jaguaruna através de carros de boi, e a partir daí levado por canoas até o Porto de Laguna, e transportado para as outras regiões por navios.

Para facilitar o transporte do minério, foi inaugurado em 1919 o trecho Criciúma-Tubarão da Ferrovia EFDTC. A ferrovia ligava Criciúma até o porto de Imbituba, e transformou o carvão mineral como a principal atividade econômica do Distrito. A instalação da ferrovia e a construção da estação ferroviária no espaço central acarretaram na formação de um novo símbolo ao contexto urbano. A extração do carvão realizou mudanças importantíssimas no contexto social, econômico, histórico, urbanístico e ambiental, com transformações na paisagem regional (BALTHAZAR, 2001).

A ferrovia se transformou como a mais importante forma de transporte e comunicação entre mercadorias e de pessoas entre o distrito e outros municípios da região. Desta forma, sua implantação resultou em uma grande transformação na ocupação físico-espacial da região da Praça Nereu Ramos. A presença das caixas de embarque e das estações de passageiros (figura 2) acabaram por caracterizar e definir a malha urbana, por funcionar como um centro aglutinador de pessoas e mercadorias, atraindo ao seu redor casas e estabelecimentos comerciais. (NASCIMENTO, 2004).

Figura 2: Estação Ferroviária em 1924

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

O Distrito de Criciúma emancipou-se em 4 de novembro de 1925. No ano de 1930, o então prefeito Cincinato Naspolini inicia a realização de seu sonho, que era a construção da maior praça do município de Criciúma. A praça foi nomeada para Praça Dr. Nereu Ramos em homenagem ao político catarinense Nereu de Oliveira Ramos. Em 1931 começa a ser delineado os traçados e os canteiros, estando originalmente preservados até hoje. Na época os moradores tinham o costume de criarem animais soltos, como cavalos e gados, que invadiam e destruíam os jardins.

> Era comum observar animais dividindo o espaço com as pessoas, no vão central. Esta situação trouxe problemas para a manutenção da praça. É que os animais, costumeiramente, invadiam os canteiros, prejudicando os jardins; foram colocados, então, arames nos limites do logradouro, para dificultar a entrada dos animais (AUGUSTINHO, 2007, p. 33).

Figura 3: Praça Nereu Ramos na década de 1930

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

Na década de 30, a Praça Nereu Ramos (figura 3) já simbolizava como o principal espaço urbano do município e local das trocas sociais entre os moradores. A paisagem urbana da época se transforma, em substituição das casas de estilo típico italiano para as construções em sobrados na linguagem *art déco* e eclético. Estas construções possuem como característica a marcação das esquinas, se transformando automaticamente em pontos referenciais na cidade. Alguns exemplares destes patrimônios culturais ainda se encontram presentes nos arredores da Praça Nereu Ramos, Praça do Congresso e Rua Henrique Laje[5], mas a maioria se encontra descaracterizado e alterado.

O enriquecimento da cidade contribuiu para a construção da nova Igreja Matriz São José, localizada ao lado oposto da Praça Nereu Ramos (figura 4). Na década de 30, como forma de simbolizar o poder da igreja e da economia da cidade, foi inaugurada a sua primeira torre. No local onde funcionava inicialmente a Igreja, foi instalado o primeiro colégio da cidade, o Grupo Escolar Professor Lapagesse.

Posteriormente, a Igreja passou por outras modificações. No período de 1940 foi erguida a sua segunda torre. Ao lado da Igreja foi construído um coreto, onde eram realizadas apresentações de bandas e corais. Em 1946, a Igreja é ampliada, devido a construção de suas laterais e alpendre em sua frente. Nesta mesma época o Colégio Lapagesse é transferido ao seu atual local, e no lugar é construído a Prefeitura de Criciúma.

[5] Henrique Lage foi o primeiro empresário da indústria carbonífera catarinense. Proprietário da Companhia Brasileira Carbonífera de Araranguá CBCA, que era na época a principal empresa carbonífera da cidade. Administrou a Estrada de Ferro Dona Theresa Christina, construiu o porto de Imbituba, além da construção de vilas operárias em Criciúma e em Lauro Muller.

Figura 4: Igreja Matriz de São José

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

A Praça Nereu Ramos também passou por diversos processos de transformação ao longo de sua história. O coreto ao lado da Catedral foi demolido para dar lugar a um estacionamento. Ainda no ano de 1946 foi construído bem no alto e no centro da Praça Nereu Ramos o Monumento aos Homens do Carvão. Sua localização privilegiada, bem no coração da cidade, representava o trabalhar mineiro como um membro superior da sociedade, valorizando-o como um símbolo histórico e cultural de pertencimento e identificação (NASCIMENTO, 2006).

O monumento foi construído pela iniciativa da igreja católica e dos empresários da indústria carbonífera, para comemoração do Congresso Eucarístico do Sul do Estado de Santa Catarina, realizado naquele ano. A inauguração do monumento vem da "reafirmação do catolicismo e do reconhecimento da importância do operário mineiro, presente na colocação da estátua no pedestal" (NASCIMENTO, 2006 p. 45).

A constituição dos monumentos pode representar materialmente a identidade e o poder. A implantação do Monumento aos Homens do Carvão (figura 5) foi realizada como forma de demonstrar o poder que a instituição católica e indústria carbonífera possuíam na época. Também possui significado afetivo, através da representação material do processo econômico, social e político vivido no período (CORRÊA, 2005).

O Monumento era formado por uma estátua em bronze de um mineiro em tamanho natural, segurando suas ferramentas de trabalho, a picareta e gasômetro, erguido sobre um alto pedestal de granito. O modelo escolhido para representar o mineiro, foi o senhor Manoel Costa, trabalhador da Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá – CBCA.

Figura 5: Monumento aos Homens do Carvão

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

A multidão dos operários é representada por um mineiro que não tem nome e nem rosto, anônimo, cujo destaque é dado por aquilo que distingue a classe, os seus instrumentos de produção. O mineiro-herói é criado simbolicamente como o herói do trabalho, exaltado no monumento ao ser colocado em seu ponto mais alto, porem exaltado apenas em sua condição de produtor de carvão, a partir do qual ele passa a existir. A picareta e o gasômetro têm exatamente a função de criar a figura do bom mineiro, estandartilizada no monumento, como aquele que produz o carvão para as empresas carboníferas (NASCIMENTO, 2006, p. 47).

O monumento também representava os outros trabalhadores da indústria carvoeira, através das efígies em forma de medalhões instaladas no pedestal. O principal homenageado era o empresário Henrique Lage, responsável por diversos investimentos no Sul do Estado.

A exploração do carvão inicialmente era realizada de uma forma precária e artesanal, que necessitava de uma grande mão de obra. Para satisfazer as necessidades da indústria, inicia-se o processo de crescimento do distrito, com a vinda de pessoas de diversas regiões do estado e do país a procura de emprego.

A implantação do Decreto 21.089 em 1931 obrigando o consumo pelas indústrias de uma porcentagem do carvão nacional, o início da Segunda Guerra Mundial, a implantação da Companhia Siderúrgica Nacional - CSN e a crise do petróleo em 1973 impulsionaram a indústria do carvão catarinense. A cidade de Criciúma foi reconhecida nacionalmente como a "Capital Brasileira do Carvão". O forte crescimento da atividade transforma e expande o núcleo urbano central da cidade, influenciando no surgimento de novos bairros como o Pinheirinho e Próspera, e zonas de expansão urbana com a implantação de vilas operárias próximas das minas (OLIVEIRA e MILIOLI, 2014).

Entre as décadas de 40 e 50, a estação ferroviária era a principal forma de contato entre o município e o restante do mundo exterior. Essa forma de troca e chegada de informação e novidades transforma a Estação Ferroviária e consequentemente a Rua Cons. João Zanette[6] como um local de sociabilidade, encontro e convívio entre a sociedade. Para a época, o trem era o símbolo de modernidade. A chegada do trem de passageiros às 18 horas era motivo de festa. As pessoas iam à Estação bem arrumadas e esperavam ansiosamente para o apito do trem, e quando ele chegava, as lojas eram fechadas e todos iam à estação recepcionar as pessoas que chegavam (BALTHAZAR, 2001).

[6] João Zanette foi minerador e proprietário da Carbonífera Urussanga.

> O trem estava contido na vida das pessoas. A presença dos trilhos, o vai-e-vem das marias-fumaça, ao passar constante dos trens de transporte de carvão, a ida à estação, o viajar no 'trem horário', tudo isso fazia da estrada de ferro e de seus elementos algo íntimo para os habitantes de Criciúma (NASCIMENTO, 2004 p. 95).

Na esquina entre a Praça Nereu Ramos e Rua Cons. João Zanette estava localizado o Café São Paulo. De acordo com Balthazar (2001, p.41), era neste local onde ocorriam as principais relações sociais, com "conversas, informações, novidades, autoridades que chegam ou saem, tudo na cidade sempre começa ou termina no Café São Paulo". A presença do Café São Paulo e do Clube Sociedade Recreativa Mampituba transformam a Praça como o local mais prestigiado pela população criciumense.

Portanto, a produção do carvão em conjunto com a estrada de ferro fez parte da paisagem cotidiana de todos os moradores da cidade. Foi na década de 60 que a indústria carbonífera atingiu seu auge em Criciúma. A cidade passa por uma rápida evolução urbana, quadriplicando sua malha viária, se configurando ao longo da ferrovia, nos eixos leste e oeste.

Foi com a mineração do carvão que Criciúma cresceu e se desenvolveu. Junto à mineração vieram as consequências catastróficas e irreversíveis ao meio ambiente da região. Os rejeitos do carvão eram depositados ao longo dos leitos dos rios e plantações agrícolas, poluindo as águas, o solo e o ar. A grande degradação ambiental titulou Criciúma como "a cidade brasileira mais poluída depois de Cubatão" (OLIVEIRA; MILIOLI, 2014).

Dentro deste contexto, Criciúma possuía o desejo de se tornar uma cidade limpa, com odor agradável e arborizada. A cidade questiona sua dependência econômica da indústria carbonífera, o que contribuiu para o surgimento da diversificação da indústria entre as décadas de 1960 e 1970. Esta diversificação industrial trouxe o desenvolvimento das indústrias cerâmicas de pisos e azulejos, que utilizavam como fonte de matéria-prima o barro branco encontrado junto às camadas de carvão (BALTHAZAR, 2001).

Neste contexto de movimentos em detrimento à cultura do carvão, na década de 1970, o Monumento aos Homens do Carvão é retirado do centro da Praça e relocado em sua lateral, no triângulo do Jardim Etelvina Luz[7]. A mudança do Mineiro para um pedestal menor e para um local menos valorizado representou um desprezo com o seu mais notável trabalhador e símbolo da cidade (AUGUSTINHO, 2007).

> O antigo monumento aos Homens do Carvão foi substituído em 1971 por uma fonte luminosa. A fonte luminosa em conjunto com o novo Monumento aos Homens do

[7] A praça foi nomeada em homenagem a Etelvina Luz, esposa do então governador do estado de Santa Catarina, Hercílio Pedro da Luz.

> Carvão representava "o interesse do poder público tinha em construir uma cidade que fizesse esquecer a cidade carbonífera e que se construía em ruptura, senão completo ao menos parcial, com aquela cidade carbonífera construída anteriormente" (NASCIMENTO, 2006, p. 126).

Dentro disso, o reconhecimento dos elementos que valorizam a história e cultura dos municípios, e particularmente de Criciúma, são essenciais para reforçar as relações entre as pessoas. Incentivar o conhecimento e o reconhecimento dos fatos e locais históricos que ainda permanecem na cidade, como o local onde aconteceram os primeiros assentamentos, a formação do centro, etc. são práticas necessárias para reavivar a história da sociedade criciumense.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Qual a importância de preservarmos a história da cidade no sentido de fomentar o sentimento de pertença, a identidade de lugar e as relações socioculturais? Com essa pergunta, iniciamos a reflexão sobre o problema de pesquisa que fundamenta e justifica esse estudo. O que a paisagem urbana diz sobre a história cultural de uma população?

O município de Criciúma está inserido em uma região de grande riqueza cultural, colonizado por imigrantes vindos de diferentes países, mas não possui políticas eficientes que assegurem a preservação de sua cultura, tanto do conjunto de seu patrimônio material e imaterial. Atualmente a lembrança de sua colonização são relembradas somente em eventos específicos, e que ano após ano, vão perdendo seu incentivo e importância cultural.

Foi na região central da cidade onde surgiu o primeiro núcleo de colonização e o aparecimento das primeiras edificações. Ao longo do tempo, é modificado o modo de vida das populações, surgindo novas necessidades que influenciam uma nova organização espacial das sociedades urbanas. O novo modo de urbanização, o avanço econômico e a especulação imobiliária muitas vezes negligenciam a presença dos patrimônios históricos, podendo até considerá-los como obstáculos ao progresso.

A paisagem urbana demonstra as evoluções históricas e sociais que ocorreram ao longo do tempo em um determinado espaço. É através da arquitetura, dos monumentos e das manifestações culturas que ocorrem nos espaços públicos que podemos materializar a história de um lugar. A apropriação de espaços públicos na cidade favorece o aumento da qualidade de vida da sociedade, fomentando a vida coletiva e promovendo "resgate cultural e a valorização do ambiente urbano, construído através das gerações". (BALTHAZAR, 2011 p. 4).

A pesquisa visa entender os espaços públicos como resultados de um produto social de uma sociedade específica. Além disso, busca compreender a importância da preservação das edificações históricas e suas relações com a paisagem urbana na área central da cidade, analisando a consciência da população criciumense quanto á sua contribuição para manutenção da identidade e memória cultural, concluindo até que ponto os espaços públicos contribuem para a valorização da vida das cidades.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Investigar o processo de apropriação e identidade de lugar da população de Criciúma/SC quanto a importância da preservação dos espaços públicos e paisagem urbana da Praça Nereu Ramos.

1.3.2 Objetivos específicos

- Analisar a importância da preservação dos patrimônios culturais para compreensão da memória e identidade;
- Compreender a Praça Nereu Ramos como elemento histórico ao processo de urbanização do município de Criciúma/SC;
- Identificar e caracterizar as edificações históricas no contexto da paisagem urbana da Praça Nereu Ramos/SC;
- Interpretar as relações entre o espaço físico e grupos sociais que frequentam a Praça Nereu Ramos;
- Compreender o processo de apropriação da Praça Nereu Ramos pelos usuários.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ESPAÇO E LUGAR

Os conceitos de espaço e lugar são denominações referentes as interações do sujeito e meio ambiente. É no meio ambiente que o sujeito vive, trabalha, constrói sua subjetividade e sente-se pertencente ao lugar. Para Sennett (2003, p. 160) “a distinção entre espaço e lugar é fundamental na forma urbana”.

O espaço é um produto social, formado a partir das ações de uma determinada sociedade, resultado de seus usos e forma de vida, que acabam o transformando e o modificando. As modificações do espaço são realizadas tanto no seu campo físico, como também no campo social e cultural. O espaço é transformado aos poucos, modificando a sua estrutura lentamente, a partir dos seus modos de vida e da dominação de seus elementos pela sociedade, atrelado a sua história e cultura (BALTAZAR, 2001).

O espaço é considerado uma totalidade, sendo formado e organizado pela relação dos diversos elementos que o constituem. Por ser um produto social, deve ser analisado de acordo com os processos sociais realizados em cada momento histórico. Santos (2012, p.120) conceitua o termo espaço e caracteriza as relações existentes entre seus elementos:

> Consideramos o espaço como uma instância da sociedade, ao mesmo título que a instância econômica e a instância cultural-ideológica. Isso significa que, como instância, ele *contém* e é *contido* pelas demais instâncias, assim como cada uma delas o contém e é por ela contida. A economia *está* no espaço, assim como o espaço *está* na economia. O mesmo se dá com o político-institucional e com o cultural-ideológico. Isto quer dizer que a essência o espaço é social. Nesse caso, o espaço não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a Natureza. O espaço é tudo isso mais a sociedade: cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual.

O conceito de espaço é obtido pelos simbolismos, sua identidade social e sentimento de pertencimento e apropriação de um lugar. Existe uma relação entre o processo de apropriação e a construção da identidade do espaço. O conceito de espaço é amplo, não está relacionado somente ao seu espaço físico, como a natureza, entorno; mas também caracterizado pelas suas dimensões socioculturais, como os espaços culturais, sociais e psíquico (GONÇALVES, 2007).

Copatti e Oliveira (2016) destacam que o espaço é formado por quatro elementos: a forma, função, estrutura e processo. As interações e ações de sujeitos, as suas dinâmicas, produzem a diversidade destes elementos, que constroem e transformam os espaços de maneira

singular e única. O elemento forma configura-se como a parte visível do objeto, e a função é a atividade que o objeto desenvolve no espaço. O elemento estrutura é a ordem com que os objetos se organizam e se inter-relacionam. Por último o processo envolve o tempo e mudança. A formação dos lugares ocorre pela compreensão das interações entre ações e objetos pelos sujeitos.

O espaço é sociocultural e simbólico. É dinâmico e realizado pelas transformações ao longo do cotidiano das pessoas, que criam e recriam lugares. De acordo com Claval (1999, pág. 207) "o espaço, suporte da sociedade, é físico, social e simbólico, onde o sujeito significa. Os nomes dos lugares permitem falar do mundo e discorrer sobre ele, transformando o universo físico em universo socializado".

O lugar é onde o sujeito produz a sua subjetividade. É de acordo com os lugares em que os sujeitos trabalham, vivem e relacionam-se que ele realiza o seu processo de significação. Para Gonçalves (2007, p. 58), o espaço é caracterizado pela ação dos homens, é o conjunto de objetos naturais ou artificiais, já o lugar é o local concreto, "é o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram, e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas".

A transformação de um espaço qualquer, que pode simplesmente ser substituível por outro, em um lugar cheio de subjetividades e significados humanos, é chamado de processo de constituição de um lugar antropológico. Augé (2005, p. 51) define lugar antropológico como "aquela construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja".

Desse modo, um lugar antropológico consiste em um lugar que demonstre um sentido de apropriação e pertencimento aos seus diferentes usuários. Para Seda et al. (2014), cada habitante do lugar antropológico apresenta suas próprias representações pessoais, que dependem da maneira de como elas o utilizam, produzindo percepção de vida urbana, identidades, memórias e poéticas singulares.

2.1.1 O sujeito e sua identificação e apropriação do espaço

No campo da Psicologia, os processos de apropriação dependem das relações entre sujeitos e grupos sociais, e pelos seus modos de vida. São divididos entre os processos cognitivo, afetivo, simbólico e estético. O conceito de apropriação é identificado como todo

processo que realizamos e que eventualmente deixamos nossa marca. É pela apropriação das formas, cores, odores e sensações que o sujeito vai transformando as suas paisagens internas do lugar.

Desta forma, na ação-transformação sobre o entorno, as marcas deixadas são representadas pela identidade, modo de ser e agir de um sujeito e comunidade no espaço. Quando as interações sujeito e espaço dotam de significado, é realizado o processo cognitivo e afetivo de um sujeito. O reconhecimento de um sujeito ou grupo sobre um entorno caracterizam o processo simbólico (GONÇALVES, 2007).

Para Seda et al (2014), a identidade é construída a partir de um processo de diferenciação. A construção da identidade é realizada particularmente em cada sujeito, através da percepção de que ele é um ser único, um ser singular, na medida em que se compara com os diversos grupos presentes. Follmann (2001 p. 86), salienta ainda que os "processos de identidade envolvem dinâmicas coletivas, dinâmicas individuais e dinâmicas que expressam interações entre o nível individual e o nível coletivo".

Como explica Darmegian (2001, p. 89), em um mesmo lugar podem estar presentes diferentes indivíduos que o habitam e interagem de variados níveis. Esta interação humana nos fornece subsídios para compararmos o outro com nós mesmos, aceitando-o como um ser simbólico, de modo com que não nos confundirmos com ele, e que aceitemos a suas individualidades, de forma com que podemos "aceitá-lo como diferente enquanto ser desejante mas, igual enquanto direito ao desejo, reconhecendo-o sujeito de sua própria história".

De acordo com Hall (2005) o processo de identidade é realizado de modo contínuo, na estruturação do sujeito, por meio das experiências vivenciadas, tanto no seu individual como no seu coletivo. O autor salienta que o processo de identidade ocorre em duas dimensões simbólicas, localizadas na dimensão do espaço e na dimensão do tempo.

As representações sociais estão caracterizadas pelas relações entre conversas, atitudes e encontros realizados no cotidiano. Estas representações ocorrem de maneira própria para cada indivíduo, realizadas no coletivo.

Segundo Gonçalves (2007, p. 29) a construção do sujeito é realizada pelo conjunto de suas histórias individuais e suas histórias coletivas. Portando o lugar só se torna lugar para o sujeito no momento em que ele recria o seu mundo interno, se apropriando.

A apropriação, como processo de identificação, é, em certo sentido, um agente transformador, pois ao apropriar-se do espaço o sujeito deixa sua marca ao transformá-lo,

iniciando assim, um processo de reapropriação constante, que vai desde a casa aos objetos em seu interior.

A compreensão de um objeto é mais importante do que o objeto em sí. O significado de um determinado objeto é fruto da sua vivência no cotidiano das pessoas, que passam a interagir e considerá-lo parte de sua, passando a ter importância simbólica.

Nessa perspectiva, a construção da identidade é realizada pelos seus processos sociais e também com a relação do sujeito com seu ambiente construído. Jodelet (2002, p.37) salienta que a identidade dos lugares é formada pela relação do passado do indivíduo com suas "memórias, concepções, interpretações, ideias e sentimentos, a propósito dos diferentes espaços e lugares vivenciados ao longo da vida".

Os lugares físicos e suas características e aspectos de identidade podem gerar sentimentos positivos ou negativos nas pessoas. De acordo com o lugar e seus aspectos simbólicos, estes podem remeter sensação de acolhimento, alegria e bem estar, ou ainda ser intimador, causando medo e sofrimento. Para Jodelet (2002) estes processos identitários podem causar conflitos de apropriação e defesa dos espaços por diferentes grupos.

Seda et al. (2014) defende que a importância e significado que cada objeto ou lugar representa varia de acordo com cada usuário. Deste modo, um parque ou praça pode ser um lugar agradável, aconchegante e cheio de significados para uma pessoa, e ao mesmo tempo pode ser um lugar sem importância e que nada representa a outra pessoa.

Nos tempos atuais está ocorrendo a falsa busca pela significação de imagens e objetos. Para Gonçalves (2007), a construção de monumentos, deve ser realizada em conjunto com a comunidade, com discussões coletivas pela correta recriação de significados, de acordo com os sentimentos e práticas do lugar. "Ao se monumentalizar um espaço urbano, por exemplo, para dar-lhe um significado preestabelecido, corre-se o risco de esse significado não ser apropriado pela população" (GONÇALVES, 2007, p. 30). Deste modo um monumento somente se torna um símbolo se este traduzir a identidade e apropriação para um grupo social.

Portanto, é através da contextualização histórica e física em conjunto com a interação entre sujeitos e seu grupo social, que será possível a criação e recriação de seus significados. O sujeito somente irá se apropriar daquilo com o qual ele se identificar.

2.1.2 A construção da imagem urbana

A formulação de uma imagem consiste em recriar de forma intencional através do imaginário os aspectos exteriores e suas características de algo que foi visualizado, relacionando a um local e um tempo. “A imagem pressupõe fixação de valor, que seleciona do todo percebido, os elementos mais significativos ao observador” (CRESTANI; KLEIN, 2017, p.141).

O homem reconhece seus elementos simbólicos, e utiliza a memória como instrumento de decodificação das imagens, materializando-as em conteúdo. “Essas associações conduzem facilmente à concretização da lembrança por meio de espaços simbólicos, referenciada em monumentos históricos, ícones contemporâneos ou marcos” (CRESTANI; KLEIN, 2017, p.145).

Nessa perspectiva, a cultura é um conceito que engloba a identificação e recriação das imagens formadas socialmente em um local, se compondo no imaginário. Portanto a cultura é constituída na forma de símbolos e na forma imaterial (CRESTANI; KLEIN, 2017).

Neste sentido, a imagem urbana possui relação dependente entre tempo e apreensão do espaço. O tempo pode ser dividido entre o tempo vertical e o tempo horizontal. O tempo vertical consiste no tempo cronológico, construindo imagens da cidade facilmente reconhecidas no meio coletivo. O tempo horizontal consiste no tempo vivido, com imagens da cidade sendo compreendidas aos poucos e por partes, não podendo ser reconhecidas ao todo (CRESTANI; KLEIN, 2017).

Para a formulação das imagens urbanas, é necessária a compreensão entre as relações das “imaginações individuais”, criadas pelas experiências individuais e pelas trocas coletivas. Para as autoras, a partir do momento que o conjunto das relações das imaginações individuais forem revividas e repassadas entre as gerações, estas se transformarão em uma memória coletiva aos seus cidadãos.

Uma imagem de uma paisagem e de uma cidade pode ser construída a partir de três componentes relacionados: a identidade, estrutura e significado. Uma imagem necessita ser identificável a um objeto, distinguindo-o de outros objetos e possuir relação estrutural e significado emocional do objeto com o observador.

> As pessoas criaram uma forte ligação a tudo isto, a um passado histórico ou à sua própria experiência anterior. Todas as cenas são imediatamente reconhecidas e trazem à memória um conjunto de associações. As partes ajustam-se. O meio ambiente visual torna-se parte integrante da vida dos habitantes. A cidade não é, de modo algum,

> perfeita, mesmo considerando apenas o significado limitado da palavra imaginabilidade (LYNCH, 2017, p.96).

Azevedo, Magalhães e Pereira (2010, p. 234) esclarecem que podemos utilizar as imagens criadas coletivamente como instrumento de gestão urbana, de forma a caracterizar um território, explorando-as como forma de significado e identidade de um local. A gestão urbana utilizando as imagens da cidade é "um sistema de atuação, dirigido ao conhecimento e fortalecimento da imagem territorial, com o objetivo de reforçar um posicionamento diferenciado e a melhoria das capacidades competitivas locais". Esta prática, se utilizada de maneira inadequada, pode promover imagens criadas para o consumo, que acabam se diferenciando das imagens socialmente legítimas.

2.2 CIDADE, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA

Ao analisar um espaço, não é suficiente somente estudar as características de sua forma urbana e de seus elementos constitutivos, necessita da percepção total do local, compreendendo os seus usos, significados e as memórias ali presentes, e que juntas constroem o seu espaço urbano. Para Magalhães (2002) o espaço urbano como característica singular de cada cidade está atrelado à união da forma do espaço com o uso da população, ou seja, a produção dos espaços e sua apropriação, variando de acordo com o tempo e cultura.

A introdução de novos meios de comunicação e incentivo ao transporte individual transformaram radicalmente a cidade, a tal ponto de que nem seus próprios cidadãos a reconhecem. A construção de edificações para uso de estacionamento, implementação de grandes empreendimentos, como os shopping centers, contrastam com as outras edificações da cidade. A comunicação realizada de forma online dispensou a necessidade de lugares definidos para o encontro e a comunicação física entre as pessoas, diminuindo os contatos sociais e desterritorializando a cidade moderna (MAGALHÃES, 2002).

Desta maneira, a desterritorialização da cidade moderna causa o distanciamento dos moradores com as suas cidades. A construção da cidade como produto coletivo, de acordo com o seu tempo e sua forma produzem as singularidades do espaço, criado a partir de sobreposições de imagens. De acordo com Magalhães (2002, p.33) "o espaço urbano, usado, vivido, e as imagens simbólicas e a memória que a ele se associam, constituem-se em poderoso instrumento de fortalecimento do vínculo entre cidade-cidadão, contrapondo-se à percepção de desterritorialização".

Outra reflexão importante que devemos fazer sobre as cidades é o estudo da relação entre espaço e tempo. As cidades são formadas por espaços implantados em diferentes tempos, e criados para diversos usos e funções. A paisagem urbana é, portanto, formada por esta mescla simultânea de variados grupos sociais, vivendo em diferentes tempos, de acordo com seu uso, podendo ser de lazer ou a trabalho.

Diante disto, são encontradas variadas temporalidades nas cidades. A percepção da passagem do tempo pelas pessoas é modificada de acordo com o meio em que vive. O tempo nas centralidades das grandes cidades passa muito mais acelerado do que o tempo dos interiores de bairros ou cidades pequenas. O tempo também é diferenciado pelas fases da vida: a percepção do tempo das crianças, adultos e idosos não são idênticos. Portanto, o tempo nas cidades não é linear, é um conjunto fragmentado por diferentes ritmos e intensidades (MAGALHÃES, 2002).

O aumento do ritmo dos processos produtivos e dos trabalhos sociais, fazem com que haja maior necessidade de redes físicas de circulação, e transformação rápida do ambiente urbano. Este fato provoca a decadência dos espaços públicos. As ruas ficam congestionadas de veículos e pedestres, que não possuem mais tempo para apreciar os lugares e as paisagens. As praças e parques vão se esvaziando pouco a pouco, não sendo mais lugares para encontros e socialização. A rápida transformação e substituição dos lugares causam o estranhamento de seus habitantes, desaparecendo suas referências espaciais (MAGALHÃES, 2002).

Avançando sobre o estudo das cidades, além de produzir espaços e tempos sociais, a cidade também é formada por um conjunto de imagens urbanas. A primeira imagem criada é a imagem topológica, elaborada a partir das características geográficas e paisagem física do espaço. A segunda imagem é a imagem arquitetônica, que é distinta a partir das suas construções e edificações, incluindo suas particularidades, como forma, cores e texturas. Seu conjunto leva a construção da forma urbana, e de suas características patrimoniais. A terceira imagem é a imagem de ação, originada pela percepção ao lugar, compreendendo o modo de uso que é realizado dentro dos edifícios e nos locais abertos.

A quarta imagem, a imagem simbólica, é formada pela superposição das imagens topológicas, arquitetônicas e de ação, ou seja, é o produto da relação entre o espaço geográfico, os edifícios e seu patrimônio com a apropriação do lugar pela sua população. A quinta e última, é a imagem da memória, sendo a mais abstrata e permanente de todas as demais, podendo ser originada somente por um fragmento ou pelo todo, não necessitando ser uma representação fiel a sua origem. Portanto, para Magalhães (2002), a preservação do patrimônio de uma cidade não

é somente a preservação de sua imagem topológica, mas também a conservação de suas imagens simbólicas e de memória, construídas a partir das trocas sociais e culturais.

> Devemos defender uma cidade como patrimônio de nossas gerações e das gerações futuras. Entretanto, penso que o patrimônio urbano que nos exige a mais veemente defesa não é o cenário material onde vivemos, mas sim a própria vida urbana. Por assim dizer, a vida com seus conflitos, encontros, trocas, abertas a todos, e não fragmentada em guetos, alheios à convivência e à interação (MAGALHÃES, 2002, p. 34).

As imagens urbanas são formas de representar signos de uma determinada cidade. É através da análise das imagens urbanas que podemos conhecê-las. Os conjuntos de signos permitem a elaboração da cultura e da técnica.

> A organização das cidades faz com que as pessoas estejam muito próximas, e inexoravelmente umas dependem das outras. Os elementos que dão sentido à vida no urbano são os lugares onde o sujeito mora e habita, trabalha e locomove, mas, principalmente, os lugares de fruição poética resultam da montagem da realidade a partir de junções materiais (Braundel, 1983). A cidade, na realidade, é montada a partir da cultura e da técnica (GONÇALVES, 2007, p. 53).

Portanto, a cidade é o local em que o homem vive, local onde ele se cria e se modifica. A cidade é testemunho vivo das marcas deixadas pelos sujeitos, que ao longo de sua história e transformações, constroem sua cultura social. Para Carlos (2003), a cidade pode ser compreendida como um produto social, por ser resultado do trabalho materializado. A necessidade dos usuários de realizar, de produzir, consumir, habitar, determina o modo de ocupação de uma cidade. Portanto, a cidade é produzida e consumida.

2.2.1 Relação entre patrimônio cultural e memória urbana

A crescente busca pelo novo, aliado à especulação imobiliária, leva ao abandono e descarte de espaços ricos em memória urbana, para a implantação de construções com novos usos e tecnologias, sem nenhuma relação e identificação com a rua, bairro ou cidade. As edificações, monumentos e demais elementos urbanos que fazem parte do cotidiano de uma cidade são prova material dos valores formais, sociais e culturais de uma população.

O espaço urbano é o local onde ocorrem as produções sociais, culturais e econômicas de uma determinada cidade. É produto único de uma criação coletiva, por diferentes grupos sociais que interagem e criam novas experiências, e desenvolvem processos históricos e culturais.

O espaço urbano é palco das dinâmicas constantes das inter-relações que ali ocorrem. Está sempre em processo de construção e reconstrução, e é devido este ciclo que se

formam os patrimônios culturais. Ou seja, o espaço urbano é formado pelo conjunto de características e funções formado pela construção social, que se dá num determinado local ou cidade (COPATTI; OLIVEIRA, 2016).

O patrimônio cultural é constituído por objetos físicos e das dimensões simbólicas de um determinado espaço. O patrimônio cultural é construção coletiva, criando elos de memória e identidade aos grupos sociais participantes. Carvalho (2010, p. 17) conceitua que patrimônio cultural:

> [...] diz respeito à sua construção física - prédios, monumentos, edificações, acervos arquitetônicos- edificada em um determinado tempo e espaço, e à dimensão simbólica das diversas formas de agir, sentir e viver dos grupos sociais enquanto membros partícipes de uma comunidade: os ofícios e manifestações populares tradicionais, a gastronomia, as artes populares, o artesanato, os quais estabelecem processos de identificação e vinculação comunitária em relação a uma dada cultura.

Como os espaços urbanos, a cidade também está em constante processo de transformação. As cidades são formadas pelo conjunto dos objetos materiais distribuídos em um espaço, e por aspectos imateriais de uma determinada sociedade. Os objetos materiais de uma cidade são representados por prédios, casarões, ruas, igrejas e monumentos. Já os aspectos imateriais de uma cidade são representados pelos patrimônios culturais e tradições populares, construídos e repassados ao longo do tempo, como as danças, culinária etc.

O conjunto dos patrimônios culturais participam do desenvolvimento de um lugar. Sua preservação é importante por serem elementos físicos que contam as suas histórias, onde os cidadãos se identificam, se reconhecem e se vinculam à cidade. De acordo com Magaldi (1992, p. 21) "[...] desconsiderar a questão do patrimônio histórico-ambiental urbano é exilar o cidadão, alijá-lo de seu próprio meio – fazer da cidade um ambiente hostil e estranho a maioria da população".

É a partir do estudo dos componentes do patrimônio cultural de uma cidade, que se caracterizam como espaço de memória e história de seus moradores. Copatti e Oliveira (2016, p. 51) consideram que a cidade é “compreendida como monumento, como documento e ‘lócus continuum de cultura’, onde natureza, construção material, símbolos e significados e representações se constroem em diversidade e em harmonia”. A harmonia aqui referida não é constante, por ser fruto de um trabalho dinâmico e de interrelações na cidade também é formada por conflitos, desenvolvidos por disputas sociais, políticas e econômicas.

A reunião dos elementos culturais-históricos de uma determinada cidade também é seu espaço emocional e de memória, que produzem significados próprios para cada indivíduo. O reconhecimento de símbolos instiga o sentimento de integração e de pertencimento ao lugar

e acabam por estimulando a proteção dos marcos históricos pela sociedade. Os marcos históricos presentes nas cidades preservam a sua memória, "onde as construções do passado mesclam-se às inovações que, por vezes, agem avassaladoras na transformação do espaço urbano, modificando a estrutura física, os hábitos, as tradições do lugar e as interações sociais vivenciadas nele" (COPATTI; OLIVEIRA, 2016, p. 51).

Portanto, a constituição de cidade é muito maior do que apenas o conjunto de seus objetos materiais, ela é um complexo formado pela construção da coletividade e pelo individualismo. É complexa por ser construída por processos de uma série de gerações.

> Além de constructos tangíveis – conjunto de edificações, monumentos, objetos e coleções, incluem-se na categoria lugar de memória os saberes e fazeres populares, as lendas, simbologias, imaginários e valores, ou seja, todos os elementos que representam a trajetória de uma comunidade, suas rupturas e permanências, nos quais se descortinam vozes, silêncios, experiências, conflitos, sensações, cores, que eternizaram gerações e permanecem vivos nas subjetividades e nas práticas cotidianas dos seus habitantes e que os (re)constroem permanentemente (CARVALHO, 2010, p. 18).

A cidade é fruto de seu patrimônio cultural, e sua sociedade é fruto de sua memória. Tudo está vinculado. A preservação do patrimônio cultural de uma determinada sociedade influencia na continuidade de sua história, memória e identidade, pois é a partir dela que é transmitido os saberes e fazeres às outras gerações. Portando, a preservação da memória de um espaço garante a continuidade da construção dos sentidos e identidades de um grupo. Para Gastal (2002, p. 77):

> As diferentes memórias estão presentes no tecido urbano, transformando espaços em lugares únicos e com forte apelo afetivo para quem neles vive ou para quem os visitam. Lugares que não apenas têm memória, mas que para grupos significativos da sociedade, transformam-se em verdadeiros lugares de memória.

Neste sentido, a memória urbana é formada pela apropriação e coletivização do patrimônio cultural de uma comunidade local. Portanto a memória é ao mesmo tempo coletiva e subjetiva. As constantes interações ao longo do tempo produzem transformações em cada sujeito, modificando suas percepções de sociedade e cultura. Estas transformações também influenciam na modificação do espaço, agregando novas memórias e identidades.

O conceito de memória é identificado como um conjunto psíquico com capacidade humana de conservar informações. Para Le Goff (2003, p. 469), "a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje". Portanto, a memória é construída de acordo com as experiências e vivências sociais de uma pessoa, e é por meio dela que se relacionam e promovem os sentimentos de identidade e pertencimento.

Neste contexto, a memória é caracterizada como um elemento social, sendo desenvolvida por meio das pessoas, lugares e dos acontecimentos. Mesmo a memória sendo individual e particular de cada um, sua formação é concretizada no meio coletivo, pertencendo ao seu grupo social.

A reconstrução de uma memória por meio de análises e representações é a história, sendo que as duas estão relacionadas. Le Goff (2003, p. 471) afirma que "a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta; procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro". Diante disto, a memória relaciona o passado, presente e futuro, em uma dialética que preserva o estilo de vida dos indivíduos e seus grupos em seus territórios.

De acordo com pensamentos de Lefebvre (1991, p. 46), a cidade pode ser caracteriza como produto material, e como obra. A cidade como obra é resultado da sua própria história, determinado pela sua vida cotidiana, relações sociais individuais e coletivas.

> Desta forma, a cidade é obra, a ser associada mais com a obra de arte do que com o simples produto material. Se há uma produção da cidade e das relações sociais na cidade, é uma produção e reprodução de seres humanos por seres humanos, mais do que uma produção de objetos. A cidade tem uma história, isto é, de pessoas e grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas.

A cidade também é caracterizada como construção histórica, em constante evolução entre tempo e espaço. A transformação espacial ocorre por meio das modificações dos ambientes construídos, sendo no espaço urbano onde se estabelecem as relações entre o antigo e o novo. A memória e o conjunto de significados relativos à cidade fazem parte a cada um de seus indivíduos, sendo que a memória coletiva está representada nas ruas, bairros, cidades e conjuntos arquitetônicos.

Partindo do conceito de cidade como construção histórica, Halbwachs (2006) identifica três tipos de memória urbana. O primeiro tipo de memória detectado é a memória eventual, característica de locais onde ocorreram um acontecimento emblemático, como um evento de guerra, revolta, ou manifestação. Estes acontecimentos importantes são relembrados constantemente pela população somente por estarem nestes lugares.

O segundo tipo de memória é chamado de memória coletiva de grupos, para Halbwachs (2006) é nela que guardamos lembranças de lugares familiares, é através dela, que quando caminhamos por uma rua antiga temos a sensação de aconchego. Portanto é dentro de um contexto espacial que produzimos as lembranças coletivas. A preservação das memórias é de importância fundamental para a formação das identidades particulares quanto coletivas.

O terceiro tipo de memória urbana é a memória monumental, caracterizados por construções que carregam vestígios e lembranças do passado. Jadelet (2002) faz uma crítica à eficácia dos monumentos como forma de representação de uma memória, pois eles podem ser elementos significativos a uma população do passado, mas que podem não representar uma população do presente.

A preservação da memória urbana é uma tendência nova nas cidades brasileiras, percebendo uma tentativa para a valorização pelo passado. Isto ocasiona a busca pela preservação de lugares de memória. Segundo Nora (1993, p.22), os lugares de memória são locais que representam a identidade de uma cidade, e possuem importância material, simbólica e funcional. Possuem "a função principal de parar o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado das coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial". O problema dos lugares de memória é a criação e recriação de local como uma obrigação de preservação de uma cultura que já estava esquecida.

Neste sentido, a identidade, sobre o ponto de vista cultural, é formada por meio de processos dinâmicos que determinam significados culturais e conjunto de características inter-relacionadas. A construção da identidade é realizada durante toda a vida, e está relacionada a um contexto histórico, social e a um lugar. Da mesma forma que a memória, a identidade também é construída no nível individual e no nível coletivo.

Para Lynch (2017, p.122) a cidade é um conjunto de representações poéticas e simbólicas para uma determinada sociedade.

> Deve falar dos indivíduos e da sua sociedade complicada, das suas aspirações e tradições históricas, do conjunto natural e das funções e movimentos complicados do mundo citadino. A clareza de estrutura e vivacidade de identidade são os primeiros passos para um desenvolvimento de símbolos fortes. Aparecendo como um *local* notável e bem interligado, a cidade pode constituir um espaço para a aglomeração e organização destes significados e associações. Um tal sentido de lugar reforça todas as atividades humanas aí desenvolvidas, encoraja a retenção na memória deste traço particular.

Desta forma, o processo de significação de espaços, transforma-os em lugares, tornam possível a construção da identidade urbana, e com isso, identificar os elementos espaciais de importância histórica que devem ser preservados. As identidades urbanas são formadas por elementos que representam e dão sentido a cada época desenvolvida em um determinado lugar. Portanto a preservação de sua identidade implica na preservação da cultura e história de um povo, característica importante para preservação de valores e signos de um espaço.

Porém, as análises das cidades não são realizadas somente nas suas dimensões culturais e históricas. A contemporaneidade e a pós-modernidade também são objetos de estudos, de forma a compreender as modificações sociais e culturais de seus habitantes. O desenvolvimento da tecnologia implicou em uma transformação brusca do estilo de vida das pessoas, resultando em algumas problemáticas nas cidades.

Neste contexto, a rapidez das informações acarretou em uma uniformização de suas referências culturais, gerando cidades homogêneas, sem elementos que representem sua identidade e história, acarretando em espaços sem sentido aos seus grupos sociais. Jodelet (2002, p.33) explica que este fenômeno somado com a individualização das pessoas produzem modificações nas relações das cidades com seus habitantes e espaços físicos. A autora afirma que isto "dificulta a criação dos laços sociais e o estabelecimento de relações simbólicas com os outros, ao menos em sua forma atual".

2.2.2 Paisagem urbana

A atual paisagem de praticamente todo mundo é reflexo da ação humana sobre um espaço natural preexistente. Até os ambientes que são considerados naturais sofreram alguma ação de transformação humana, dominando e modificando os elementos físicos a fim de satisfazer suas necessidades. A concepção da paisagem como ação sociocultural, produz um conjunto de objetos que traduzem os significados de uma determinada sociedade, reflexos de seu cotidiano, estilo de vida e história.

A paisagem é o território construído pelo homem, um lugar ou uma região na qual a história dos homens é explicitada. Pode ser conceituada como o conjunto dos elementos físicos e das intervenções sociais de um determinado lugar. As paisagens possuem como funções simbolizar e localizar uma cidade em meio as demais. São a partir das intervenções sociais que dão significado e essência a uma cidade, resultando na sua apropriação.

A paisagem de um lugar está intimamente relacionada à vida de seus habitantes. É em torno da paisagem que as pessoas realizam suas atividades diárias, onde eles trabalham, moram, criam e se recriam. De acordo com Lynch (2017), é por meio dela que os habitantes se identificam, representando as certezas de sua continuidade e estabilidade.

O espaço urbano está em constante transformação. O homem é o agente da paisagem urbana. As diversas modificações no espaço urbano traduzem características do modo de vida dos habitantes referentes a cada período, e seu conjunto, se devidamente preservados,

podem representar importância histórica. Portanto a paisagem urbana como soma de todos os períodos representados no espaço possibilita a compreensão e preservação da memória social e espacial de um determinado local.

Os fatos históricos existentes garantem a compreensão e o reconhecimento do homem com a sua cidade e sua paisagem. Landim (2004, p.38) reconhece que "somente seremos capazes de realmente apreender, entender e reconhecer a cidade por meio de sua paisagem se nesta estiverem presentes elementos remanescentes de outros tempos".

O conjunto de sua paisagem com o ambiente edificável desempenha um papel social. É por meio desta relação que distinguimos os símbolos e lembranças comuns a uma sociedade, representando uma forma de preservação da memória e história de um lugar. Em seus estudos, Lynch (2017) salienta que é a partir das paisagens que podemos estabelecer uma organização simbólica entre seus elementos, reconhecendo as relações entre os homens, e entre eles e seu ambiente.

Para compreender uma determinada paisagem, é necessário levar em consideração a interpretação da inter-relação entre a paisagem, cultura e simbolismo do lugar. O estudo da paisagem é resultado de várias etapas de ação humana para construção e transformação do meio ambiente, é uma atividade de percepção por parte do pesquisador sobre os múltiplos significados simbólicos atribuídos a cada processo de construção.

As paisagens naturais e urbanas foram adquirindo ao longo dos séculos características de beleza, gerando uma emoção estética. A exaltação iconográfica da paisagem é observada devido à baixa qualidade estética dos espaços urbanos, que atribuem valores simbólicos às fotografias, pinturas e obras literárias. A emoção estética pode estar relacionada de igual modo pela contemplação de uma paisagem ou de uma obra artística (LAMAS, 2014).

Todas as pessoas têm o direito de viver e usufruir de ambientes humanizados de alta qualidade estética. O fator cultural existente no prazer pela observação da paisagem; como um pôr do sol, o fluxo das águas de uma cachoeira, ou de uma paisagem urbanizada; implicam na reordenação do território para defesa desses locais, como áreas de preservação de parques e reservas naturais.

2.3 ESPAÇOS PÚBLICOS URBANOS

Um espaço público representa um local da cidade que seja livre e acessível a todos, independentemente de sua classe social, e que forneça condições para o exercício pleno de seus direitos e deveres civis. É nos espaços públicos que temos a condição de praticarmos nosso direito de vida coletiva, a urbanidade, produzidas de acordo com as diferentes formas de convívio e interação entre sujeitos. Desta forma, a urbanidade é possível devido às experiências do coletivo, do diálogo e conflitos entre os diferentes gerados pelo espaço público. É no espaço público que o sujeito se reconhece como parte do coletivo, remetendo a memória, história e seus símbolos.

Os espaços públicos são elementos estruturadores do ambiente urbano. Um lugar irá ser caracterizado pelo conjunto de seus elementos, que unidos conformam as ruas, quadras, praças, bairros, etc. de um determinado sítio.

Os espaços públicos possuem importância tanto social como urbana. Do ponto de vista social, os espaços públicos expressam no contexto urbano os costumes e culturas de seus habitantes. "Entende-se, portanto, que o espaço livre público é aquele que abriga diversas práticas sociais, reflete a cultura e costume de seus usuários e cuja vitalidade está ligada à possibilidade de apropriação" (ROSANELI et al, 2016, p.361). Já para a importância urbana, percebe-se que é a partir dos espaços públicos que se estruturam a paisagem urbana de uma cidade.

Segundo Solá-Morales (2001) a importância dos espaços públicos não está relacionada com sua dimensão espacial, mas sim pela sua representatividade no espaço urbano. Os espaços públicos devem ser pensados e qualificados para proporcionarem caráter urbano e público aos edifícios de seu entorno, urbanizando parte dos espaços privados para se transformarem em espaços públicos.

Para Magalhães (2002), a "urbanicidade" é um princípio que visa manter a essência da vida coletiva e da vida social de uma cidade, reconhecendo e preservando a sua cultura, trocas sociais e características espaciais. Portanto a urbanicidade tem como objetivo preservar e manter público a todos os cidadãos os espaços urbanos, de modo que todos possam ter a oportunidade e o direito de conviver, se apropriar e se reconhecer no espaço urbano. "Significa ampliar as possibilidades democráticas pela oportunidade do convívio entre as diferenças, o que é possível com tolerância, reconhecimento dos direitos próprios e alheios, pela afirmação do qualitativo e do heterogêneo" (MAGALHÃES, 2002, p. 39). Portanto a urbanicidade e a conservação dos espaços públicos pretendem reconhecer e valorizar a cidade existente, reforçando a sua identidade coletiva.

Rosaneli et al (2016) salienta que os significados e processos identificatórios variam de acordo com o tempo e seus novos usos. Dessa forma, é necessário o conhecimento da evolução histórica de um determinado lugar para entendimento de todas as transformações ocorridas. Com o passar do tempo, naturalmente vão ocorrendo modificações nas paisagens urbanas, e por consequência alterações nos significados que passam a constituir a memória e identidade urbana.

De acordo com Garboggini (2016) o conjunto de elementos urbanos formadores da cidade são divididos entre ruas, praças, edifícios, fronteiras, estilos arquitetônicos, sinais banners e símbolos. Entre eles, a rua é o espaço aberto menos modificável, que sobrevive mesmo às transformações e evoluções das cidades. A rua possui várias funções vitais ao funcionamento das cidades, realizando a comunicação e trocas entre pessoas, mercadorias e ideias, e ainda forma de acesso e ligação entre lugares.

O espaço público praça, local de convívio social é formado pelos sistemas de ruas e seu entorno. Segundo Lynch (2017), a praça é o local que relaciona a rua, suas arquiteturas e as pessoas. Sua forma induz ao exercício da cidadania, pela participação ativa das pessoas com o espaço urbano.

Kevin Lynch (1999) elege dimensões de performance inter-relacionadas que ajudam na leitura do espaço urbano. Portanto, a qualidade dos espaços devem ser constituídos de: vitalidade- ambiente que propicia fontes de subsistência, segurança e consonância (acessibilidade e qualidade ambiental), para uma boa qualidade de vida de seus usuários; senso- relação entre a identificação e percepção humana e a forma de um ambiente; congruência ou adequação- relação de interação dos usuários com os espaços, através de seus sentidos perceptivos, permitindo a compreensão das atividades e processos realizado; controle- controle espacial garantido o direito de propriedade, circulação e utilização; acesso- garantia de acesso igualitário pela população aos espaços públicos, aplicando conceitos de acessibilidade, por meio do seu acesso físico, simbólico e visual.

O estudo da evolução das cidades, sua história e cultura de seus moradores está relacionada às experiências sociais (individuais e coletivas) no espaço aberto, realizadas em cada período histórico. Para Secchi (2006), de acordo com as diferentes épocas, medieval, barroca, neoclássica e moderna; foram ocorrendo modificações nas articulações entre os espaços públicos, edifícios e seus usuários.

A cidade medieval é marcada pelo grande número de pontos nodais – pátios, pórticos, claustros- que proporcionam diversas experiências e relações entre sujeito e espaço.

Nesta época as principais atividades sociais ocorriam ao longo do espaço público -festas populares, religiosas, apresentações culturais - e eram nesses espaços onde aconteciam a vida urbana. Ao longo do tempo, o papel dos espaços públicos nas cidades foi sendo invertido. As épocas barrocas e renascentistas foram caracterizadas pela abertura dos espaços internos para os grandes visuais, realizados pelo passeio em meio aos jardins românticos e marcados pelos eixos axiais e simétricos (GARBOGGINI, 2016).

A finalização da transição da importância dos espaços urbanos abertos foi realizada entre os séculos XIX e XX. O movimento moderno e o desenvolvimento capitalista acarretaram no crescimento acelerado da população, adensamento das cidades, aumento de problemas urbanos e novas exigências de transporte, proporcionando modificações radicais nas cidades.

A cidade moderna passa por mudanças estruturais a fim de se adequar às novas demandas e necessidades. Essas modificações também ocorreram nos espaços abertos urbanos. De acordo com Garboggini (2016, p.41) as novas tecnologias e formas de vida acarretaram em modificações nas escalas dos espaços, e posterior desvalorização dos espaços públicos. "Os espaços passaram a ser concebidos em escala aumentada para ser observados a grandes distâncias e tornaram-se indiferenciados".

A construção de edificações homogêneas e nova forma de implantação por edifícios isolados no lote, acabaram por eliminar as divisões e fronteiras entre os domínios públicos e privados, produzindo uma cidade sem identidade. A nova estrutura urbana formada por elementos soltos e desarticulados se contrapõem à forma urbana das cidades antigas, caracterizadas por edifícios heterogêneos e conformadores de lugares.

Jane Jacobs (2011) realizou críticas quanto a concepção da cidade moderna, defendendo o retorno da valorização dos espaços públicos urbanos. Os parques eram implantados devido ao seu papel higienista e sanitarista. Para a autora, a importância destes locais vai muito além disto, atribuindo aos parques e praças um valor inestimável. A cidade contemporânea deve promover a volta da utilização dos espaços públicos, por meio da restauração das atividades e relações entre as pessoas e os espaços abertos. A utilização dos espaços abertos no cotidiano das sociedades irão colaborar para o aumento da vitalidade, diversidade e segurança da vida pública das cidades.

Atualmente observa-se a perda da qualidade de vida e significação dos espaços públicos nas cidades. Isto ocorre pela tendência de priorizar o projeto de espaços edificados, levando ao esquecimento a concepção dos espaços abertos de uso coletivo. Os tecidos urbanos das cidades acabam por se tornarem segregados, formados por conjuntos de edifícios isolados

em seus lotes, formando espaços vazios residuais, que poderiam se tornar locais de convivência e de uso coletivo entre seus habitantes.

Secchi (2006, p. 160) explica sobre a problemática da falta de relação entre os espaços livres e espaços edificados na experiência da vida pública nas cidades contemporâneas:

> O contato dos edifícios com o solo é frequentemente resolvido de forma grosseira, os espaços de mediação quase totalmente eliminados, a divisão entre o interno e externo, público e privado é delimitada explicitamente por muros recintos, cercas e portões impenetráveis. [...] Até a maior invenção do século, permitida pelas novas técnicas construtivas, o edifício sobre pilotis, foi deslocada ou internalizada no edifício e quase nunca fez parte de um projeto de solo mais amplo, em condições de enfrentar a questão mais relevante da cidade e cultura contemporânea: a questão das relações entre o uno e o múltiplo.

Os tecidos urbanos fragmentados das cidades contemporâneas levaram a reflexão e crítica pela nova geração de arquitetos, acarretando na elaboração de uma nova forma de planejamento do ambiente urbano. A concepção de novas relações formais entre o entorno e seu contexto sociocultural, o respeito pelas preexistências, integrando o novo com o antigo, e relações entre o espaço público e privado, levaram a criação de novas experiências quanto aos seus usuários. O novo desenho urbano acarreta em cidades heterogêneas, com projetos arquitetônicos pensados para a cidade.

2.3.1 A praça: formação do conceito

O conceito de praça pode ser definido como espaços abertos, públicos e urbanos que possua como função principal a aproximação de pessoas para uso cultural, econômico, político ou social, proporcionando convivência e recreação para uma população.

A praça é um elemento morfológico na forma das cidades, resultado de planejamento, desenho e concepção arquitetônica; nascendo por uma intencionalidade de forma e função, vinculada a um programa.

As praças são locais de importância vital para as cidades. As praças fazem parte do contexto da vida urbana, é nelas que os caminhos se cruzam e que os encontros acontecem. A praça não possui somente importância funcional para o uso de passagem, ela é local de vida urbana, traduz à fruição poética e a identidade dos seus usuários. Logo é na praça que ocorrem os processos complexos e intensos de memória, de significados, e de reconhecimento pessoal.

> Se a rua, o traçado, são os lugares de circulação, a praça é o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e consequentemente, de funções estruturantes e arquitetura significativas. Outros espaços como o largo, o terreiro, não

> podem ser assimilados ao conceito de praça. São de certa maneira espaços acidentais: vazios ou alargamentos de estrutura urbana e que, com o tempo, foram apropriados e usados (LAMAS, 2014, p. 102).

Diante disso, Barbini e Ramalhete (2012, p. 235) alegam que a praça possui importância histórica e social, utilizada "como espaço de utilização coletiva e de significativa qualidade arquitetônica, lugar sagrado para cerimônias e atividades coletivas, ponto de convergência dos percursos do território e lugar simbólico da centralidade da comunidade".

A praça como espaço de acesso público e livre representa o convívio de diversos tipos de usuários, indo ao encontro do diferente e dos opostos. Caracteriza processos de dinâmicas individuais, coletivas e na interação entre as duas. Para os diferentes indivíduos ou grupos de usuários que habitam a praça, são formados diferentes lugares antropológicos, dependente da interação, convívio e frequência de uso (SEDA et al, 2014).

Significa dizer que uma praça é muito mais que uma praça, é uma representação de parte da vida de seus usuários. É na praça "onde o sujeito significa e dá sentido à vida coletiva", é o "lugar do encontro do eu e do outro, lugar da revelação da identidade cultural urbana", construídos pelos processos de identidade e dimensão simbólica de seus lugares antropológicos (SEDA et al, 2014, p. 114).

A praça pode exercer vantagens quanto aos seus valores ambientais (controle ventilação, insolação, temperatura, umidade), funcionais (lazer urbano) e valores estéticos/simbólicos (identidade urbana) (ROBBA E MACEDO, 2003).

Para Font (2003) a praça é considerada um marco arquitetônico, criador de caminhos, é o ponto inicial e o ponto final de um trajeto. A praça guarda consigo as transformações históricas e sócio-culturais que deram origem a sua cidade e seus habitantes, carregando consigo símbolos do imaginário e do real. É na praça que ocorrem as trocas culturais, sociais e comerciais, realizadas pelo comércio formal e informal (feiras populares e de artesanato) e manifestações cívicas.

As praças também possuem a presença de monumentos, elementos singulares que ajudam na construção da imagem de uma cidade. Os monumentos podem ser denominados por "marcos sem finalidade de uso, mas com significação social, histórica ou cultural" ou ainda "edifícios utilitários com valor social e importância cultural" (LAMAS, 2014, p. 104). A importância da presença dos monumentos nas praças ajuda na sua afirmação como espaços de significados históricos, culturais, estéticos.

Robba e Macedo (2003) classificam as praças em quatro tipos, de acordo com a sua vegetação e elementos construídos presentes:

- Praça jardim: definida como espaço que proporcione contato e contemplação com a natureza. A praça jardim pode ser local aberto ou fechado com cercas, podendo ser rodeado de construções comerciais ou residenciais.
- Praça seca: constituem os largos ou espaços de grande fluxo de pedestres. Os mais significativos exemplos deste tipo de praça são a Praça de São Marcos em Veneza e a Praça de São Pedro em Roma, ambas na Itália. As praças secas são espaços vazios, muitas vezes sem vegetações, definidas pelas relações entre seus símbolos arquitetônicos.
- Praça Azul: definidas como praças em que o elemento de destaque é a água, por meio de fontes, chafariz, caracterizadas pelos belvederes e jardins de várzea.
- Praça Amarela: é a determinação para as praias em geral.

As praças e sua apropriação produzem significados, símbolos e elementos de memória em seus usuários. Para Lynch (2017) as praças contribuem para a desenvolvimento da imagem da cidade, considerados pontos nodais e referenciais a um lugar. Isto se deve ao fato de as praças serem de fácil identificação, tanto pelo seu volume de vegetação, ou pela inserção de um ambiente vazio em meio aos ambientes cheios das massas edificadas.

De acordo com Marx (1980), as praças funcionaram como elementos estruturadores do traçado urbano, possuindo em conjunto com a igreja o ponto inicial de urbanização de uma vila. A praça funcionava como uma extensão da igreja, e após a missa funcionava como ponto de reunião e vida social dos fiéis. Com o aumento do fluxo de pessoas, o espaço se desenvolve, originando ao seu redor construção de moradias, espaços de comércio e edifícios públicos.

Portanto, a praça é definida pela relação entre os locais vazios, utilizados como espaços de permanências, e seus limites, formados pelos planos marginais das fachadas dos edifícios. Às transformações culturais e sociais que a humanidade passa ao longo do tempo, vai sendo modificado também a forma e importância atribuídas as praças.

Dentro dos conceitos apresentados de espaço público e praça, percebe-se que a Praça Nereu Ramos é um espaço público importante para a vida social e urbana do centro da cidade de Criciúma, favorecendo o convívio social, trocas comerciais e a contemplação da paisagem.

2.3.1.1 Contexto histórico das praças

A definição de praça pode ser bem abrangente e interpretada de acordo com o tempo e a cultura vigente. A primeira definição que aparece na história de praça como espaço simbólico e público foram a ágora grega e o fórum romano. A ágora grega era um espaço aberto configurado por edifícios e por um mercado. No fórum romano era delimitado aos grandes edifícios públicos, sendo que o local para discussão ocorria dentro dos edifícios, em espaço fechado.

A propósito, a forma com que eram organizados a sociedade e modo político das cidades gregas e romanas influenciaram na concepção dos seus espaços urbanos. Nestas cidades, seus espaços públicos estavam associados à religião e ao poder democrático.

A estrutura urbana nesta época, era composta por edifícios singulares, de caráter monumental, dispostos de maneira orgânica e simétrica, formando grandes conjuntos de edifícios e equipamentos. Este conjunto de edifícios eram utilizados para as funções cívicas, públicas, comerciais e religiosas, conformando o ponto essencial de composição urbana. Enquanto era dada prioridade aos espaços públicos, os espaços privados de áreas residenciais eram tratados de maneira modéstia (LAMAS, 2014).

De fato, os espaços públicos podem ser traduzidos como lugar de prática de reunião, discussão, de plateia, e exercício da democracia, sendo vitais à vida pública da época. Sennett (2003, p. 48) narra as inúmeras atividades que eram realizadas em conjunto na ágora:

> Havia danças religiosas no terreno descoberto e regular [...]; atividades financeiras transcorriam em mesas postas ao sol, onde os banqueiros sentavam-se de frente para seus clientes. Os ritos religiosos eram celebrados ao ar livre e em uma espécie de santuário, ou recinto sagrado, chamado ‘Doze Deuses’, ao norte do lugar das danças. Os pórticos eram palco para comer e negociar, tecer mexericos e cumprir obrigações religiosas; alinhadas do oeste em direção ao norte da ágora, protegidas do vento pelas paredes dos fundos, e com suas colunatas, à frente, abertas ao sol, elas eram frequentadas mesmo durante o inverno.

Os gregos e romanos utilizavam a arquitetura e a escultura como forma de comunicação. Em Roma, a construção de monumento e obras públicas eram realizadas para demonstrar o poder do imperador. Quando um território era conquistado pelos romanos, eram destruídos os templos, ruas e prédios já existentes, afim de se implementar a arquitetura e urbanismo característicos.

O fórum romano, assemelhava-se a ágora grega, pela diversidade de usos atividades praticadas neste local, com práticas de caráter político, social, econômico e religioso. A diferença principal entre os dois eram as características de ordem e linearidade imposta pelos romanos nos espaços, agrupando as edificações de forma a delimitar uma forma retangular.

A partir do século X na idade Média, os espaços públicos e as praças se originam a partir do comércio, funcionando como lugares de trocas e de serviços. Neste período começa a definição de praça como espaço público cercado por edifícios, conhecidas como praças europeias, que eram formadas a partir de espaços livres deixados pelo desenho urbano irregular, configuradas a partir dos planos dos edifícios ali construídos. Nestes espaços estavam localizados os edifícios mais importantes, como os palácios, igrejas, prédios públicos e o mercado (LAMAS, 2014).

Foi na idade média que começaram a surgir o sentimento de comunidade cristã entre as pessoas. Os moradores das vilas criavam laços afetivos com as igrejas e as cidades. Apareceram as práticas de caridade, modificando a relação entre homens e mulheres e a Igreja, e transformando as catedrais, igrejas, hospitais, asilos e conventos em locais de acolhimento e compaixão aos doentes e desconhecidos.

Na idade média foi desenvolvido a técnica de jardinagem em torno de igrejas e casarões isolados e castelos, com jardins aliados a espaços para caramanchão, labirinto e espelho d'água. As grandes áreas arborizadas eram espaços contemplativos, que remetiam à melancolia e o sofrimento, e traziam o sentimento de calma e tranquilidade as pessoas. Estes espaços abertos contrastavam com o restante das cidades, que possuíam alta densidade demográfica, formadas por ruas estreitas configuradas por casas e edifícios amontoados, uns sobre os outros, com poucos e apertados cômodos, o que impedia a individualidade de cada um (SENNETT, 2003).

O período do Renascimento e do Barroco entre os séculos XV até XIX, ocasionaram em grandes modificações nas formas de pintura, escultura, arquitetura e urbanismo. Suas características contrastam ao período medieval, obedecendo a ordem e as formas racionais e geométricas. A cidade ideal renascentista possuía como desenho urbano a forma radioconcêntrica, localizando a praça no seu ponto central.

As pesadas e caras fortificações renascentistas irão condicionar a forma das cidades e o modo de vida de seus moradores, elevando sua densidade e favorecendo sua vida social. Os traçados urbanos possuíam percursos retilíneos, favorecendo a perspectiva e efeitos estéticos, valorizando visualmente os elementos urbanos. No período barroco, a rua e seu embelezamento se torna palco de prestígio social, sendo um lugar principal para realização de movimentações e procissões. Os planos marginais formados pelas fachadas dos edifícios, caracterizados pela ordem e unidade, delimitavam os traçados das ruas e a forma das cidades.

Os traçados retilíneos e as praças eram os principais elementos de composição urbana. Lamas (2014) salienta que no período existiam três tipos de praças: as praças formadas pelo cruzamento das vias urbanas e utilizadas tanto por pessoas quanto para os veículos; praças residenciais, com acesso restrito aos moradores dos edifícios; e os espaços de uso exclusivo de pedestres.

Era na praça renascentista e barroca onde estavam localizados os principais edifícios e monumentos mais significativos, atribuindo a estes locais grande importância urbana. Estes espaços públicos eram conformados "por edifícios públicos, por igrejas ou edifícios religiosos, por filas de habitações ou palácios. Eram lugares de cenário urbano e decoração, [...] e também lugares de vida social e manifestações de poder". Portanto as praças representavam para a sociedade valores religiosos, políticos, sociais, simbólicos e artísticos (LAMAS, 2014, p. 176).

A preocupação com a saúde pública das cidades no século XVIII trouxe modificações nos modos de higiene pessoas, e também na higiene urbana. As pessoas começaram a cuidar da limpeza dos espaços públicos. Nas cidades de Londres e Paris foram implantados grandes parques que funcionavam como pulmões e fonte de oxigênio saudável. A urbanização das cidades da época introduziu novas praças urbanas, espaços cercados com arborização para fornecimento de ar fresco em meio as ruas da cidade (SENNETT, 2013).

Neste mesmo contexto, foram introduzidas na Europa as ideias iluministas que antecederam as revoluções, que tinham como lema a liberdade, igualdade e fraternidade. A liberdade, como direito de ir e vir dos habitantes modificaram o espaço urbano, com novas ruas que facilitassem o movimento, e enormes praças vazias, sem vegetação, jardins, calçadas ou qualquer elemento bloqueador. Sennett (2013, p.241) salienta que "os urbanistas revolucionários preocuparam criar extensões livres de tudo o que prejudicasse o movimento e a visão", por isso "todas as plantas desenhadas para o centro da cidade propunham um lugar sem vegetação ou quaisquer outros obstáculos, uma vasta *plaza* de superfície dura".

Foi a partir do século XIX, com a destruição das muralhas e desenvolvimento de melhores meios de transportes, que a cidade se espalha e fragmenta-se por todo o território. As indústrias e unidades habitacionais de baixas densidades vão sendo transferidas para a periferia, acarretando em modificações na morfologia urbana tradicional, com novos modelos espaciais e urbanísticos.

O espaço público deixa de ser um local de convívio social. A praça é abandonada, e as avenidas e ruas necessárias para ligação entre o subúrbio e centros urbanos passam a ser

somente locais de passagem. A nova forma de implantação dos edifícios isolados nos lotes intensifica a individualidade e priorização do espaço privado e da habitação frente aos espaços públicos.

O século XX e o desenvolvimento do modernismo modificaram ainda mais a estrutura urbana. A cidade se organiza em zonas delimitadas, e projetada em função da habitação. Lamas (2014, p. 302) salienta que "os edifícios deixam de pertencer à estrutura superior do quarteirão e autonomizam-se. As ruas deixam de pertencer às relações físico-espaciais da cidade e reduzem-se a traçados de circulação e serviço".

Robba e Macedo (2003, p.22) realizam uma revisão histórica do desenvolvimento das praças no Brasil. No Brasil Colônia, os núcleos de povoamento das vilas eram formados a partir das capelas. Nos arredores da capela eram construídas as edificações mais importantes, formando assim a estrutura das cidades coloniais. O adro, espaço deixado em frente às igrejas, foi o local de formação das primeiras praças, sendo que estas, possuíam como principal função o uso religioso, servindo também como uso comercial, e espaço de encontro da população.

> A praça – até esse momento chamada de largo, terreiro e rossio – era o espaço de interação de todos os elementos da sociedade, abarcando os vários estratos sociais. Era ali que a população da cidade colonial manifestava sua territorialidade, os fiéis demonstravam sua fé, os poderosos, seu poder, e os pobres, sua pobreza. Era um espaço polivalente, palco de muitas manifestações dos costumes e hábitos da população, lugar de articulação entre os diversos estratos da sociedade colonial.

Segundo os mesmos autores, entre os séculos XXI e XX, os espaços urbanos brasileiros sofrem modificações com a introdução de ajardinamento em seus espaços. As funções também mudam, e a praça agora é transformada em um cenário paisagístico, com jardins e espaços projetados, destinadas ao lazer e contemplação dos espaços.

A utilização das praças pela população instituiu novas maneiras de apropriação, valorizando estes locais e os caracterizando como ponto central da vida urbana. No brasil, o urbanismo moderno, a partir da década de 1940, consolidou as modificações dos usos dos espaços públicos e das praças, incluindo como a principal atividade, o lazer urbano. Os novos programas de lazer incluídos nas praças incluem as atividades esportivas, a recreação infantil, e lazer cultural, introduzindo quadras esportivas, playground, palcos e espaços para exposições culturais (BARBINI; RAMALHETE, 2012).

A praça moderna e sua nova forma de usos modificaram também o seu projeto. A praça passa de simples caminhos e eixos de passagem para um local de utilização e convívio, com implantação de estar para contemplação e lazer visando a permanência dos usuários. O

desenho da praça era caracterizado pela composição de pisos e canteiros, com espaços com setorização de atividades e interligação de equipamentos (ROBBA; MACEDO, 2003).

Em 1960 as áreas centrais se tornam os polos estruturadores das cidades. O crescimento urbano e aumento do número de automóveis, esses locais passam a sofrer com congestionamentos e conflitos entre pedestres e veículos. Ao final da década de 1970 surgem como solução a pedestrianização de ruas da área central, com implantação de calçadões para tentar diminuir seus problemas e fortalecimento do comercio local.

Os calçadões foram adotados na maioria das cidades brasileiras, se caracterizando como praças lineares, utilizados para passagem e lazer dos pedestres. No início, eram implantados equipamentos ao longo dos caminhos, como bancos, floreiras, quiosques. Mais tarde, percebeu-se que estes equipamentos atrapalhavam o fluxo de pedestres, e os calçadões tornaram-se espaços reservados somente ao trânsito de pessoas (ROBBA; MACEDO, 2003).

Juntamente com a multifuncionalidade dos programas, atualmente, nota-se a volta da importância do uso comercial e de serviços nas praças e os espaços públicos. No entorno da praça, voltam os estabelecimentos como mercados e lojas, incluindo adaptações dos programas pelas atividades informais, como os camelôs e feiras livres.

Mesmo com o passar dos anos, as praças mantêm sua importância de elemento urbanístico de referência do contexto histórico e urbano para a cidade. Mesmo após modificações e adaptações para atendimento às necessidades dos usuários, as praças permanecem com seus valores de espaço simbólico e de representatividade urbana. Portanto as praças são espaços resultantes de um produto social, e são peças fundamentais para a permanência da memória e da história das cidades.

2.3.2 O individualismo urbano

A paisagem urbana contemporânea formada por projetos arquitetônicos homogêneos e monótonos diminuem os estímulos dos sentidos e sensações do corpo humano, provocando uma angustia ao ambiente urbano. A falta de relação entre os corpos humanos e os espaços, produzem pessoas distantes umas das outras. O espaço urbano é formado por pessoas que não se veem nem se ouvem, passivas e sem reações.

> Cada pessoa age como se fosse estranha à sorte dos demais (...). Nas transações que estabelece, mistura-se aos seus concidadãos, mas não os vê; toca-os, mas não os sente; existe apenas em si mesmo e somente para si mesmo. Assim, sua mente guarda um

> senso familiar, não um senso social. (TACQUEVILLE, 1845 apud SENNETT, 2003, p.264)

O avanço das tecnologias de transportes, a abertura de grandes avenidas e estradas permitiram o rápido e fácil deslocamento entre lugares, transformando o espaço em um lugar de passagem. Richard Sennett (2003, p. 18) esclarece que a padronização das ruas, com sinais, linhas de marcação e falta de pedestres criam espaços urbanos homogêneos e sem atrativos. "O viajante, tanto quanto o telespectador, vive uma experiência narcótica; o corpo de move passivamente, anestesiado no espaço, para destinos fragmentados e descontínuos". Essa nova forma de vida transformaram as pessoas em simples seres passantes, onde a pressa e o super-carregamento de informações fazem com que os usuários não apreciem mais os espaços abertos, deixando de contemplar as praças, as árvores, ruas e enfraquecendo o vínculo entre os espaços e as pessoas.

No espaço contemporâneo o corpo humano é anestesiado, ele se locomove por espaços sem perceber o que está a sua volta, perdendo os vínculos com as outras pessoas e com os lugares. Os cidadãos se transformam em corpos singulares que ao invés de se locomoverem apreciando a cidade e sua paisagem, acabam por somente transitar pelas ruas. Para piorar, a fragmentação urbana dispersa a aglomeração em bairros isolados, segregando os ricos dos pobres, as culturas étnicas, e as moradias do trabalho.

Os transportes coletivos, como trens, metrô e ônibus, transformaram o movimento de massa de pessoas em uma experiência passiva, onde as pessoas se locomovem individualmente, sozinhas e em silêncio. A forma de configuração das poltronas, viradas em um único sentido, fazem com que as pessoas se sentam juntas e caladas, facilitando o silêncio e a privacidade (SENNET, 2003).

A urbanização das cidades provocou o crescimento físico dos centros urbanos e o consequentemente o seu crescimento populacional. A velocidade das mudanças provocaram a modificação da cultura urbana, o individualismo e anonimato de seus moradores. A sociedade vive em grandes aglomerações, de maneira complexa, onde os sujeitos se relacionam e vivem em locais e em situações desconhecidas. Segundo Velho (2000), o ambiente urbano heterogêneo e diversificado acabam por classificando as pessoas em categorias, devido as suas características físicas, comportamentais e/ou culturais, podendo ser de modo discriminado ou não.

> A indiferença, o egoísmo, o narcisismo aparecem como expressão do individualismo associados à especificidade da vida metropolitana, à separação de domínios, à fragmentação de papéis, à perda de laços de comunidade, a

> deformações do capitalismo competitivo, à massificação, entre outros. [...] O individualismo aparece como produtor de situações de desagregação e anomia sociais, rompendo com valores e redes de reciprocidade e de atuação pública (VELHO, 2000, p. 21).

Portanto, a urbanização e o desenvolvimento do capitalismo moderno trouxeram com ele modificações profundas nas relações sociais. Diante disto, as pessoas tendem a evitar o contato físico umas com as outras, causando o medo da multidão. O espaço urbano se transforma em local de movimentação de multidões, formado por pessoas individualistas, que vivem isoladamente e carentes de relações pessoais.

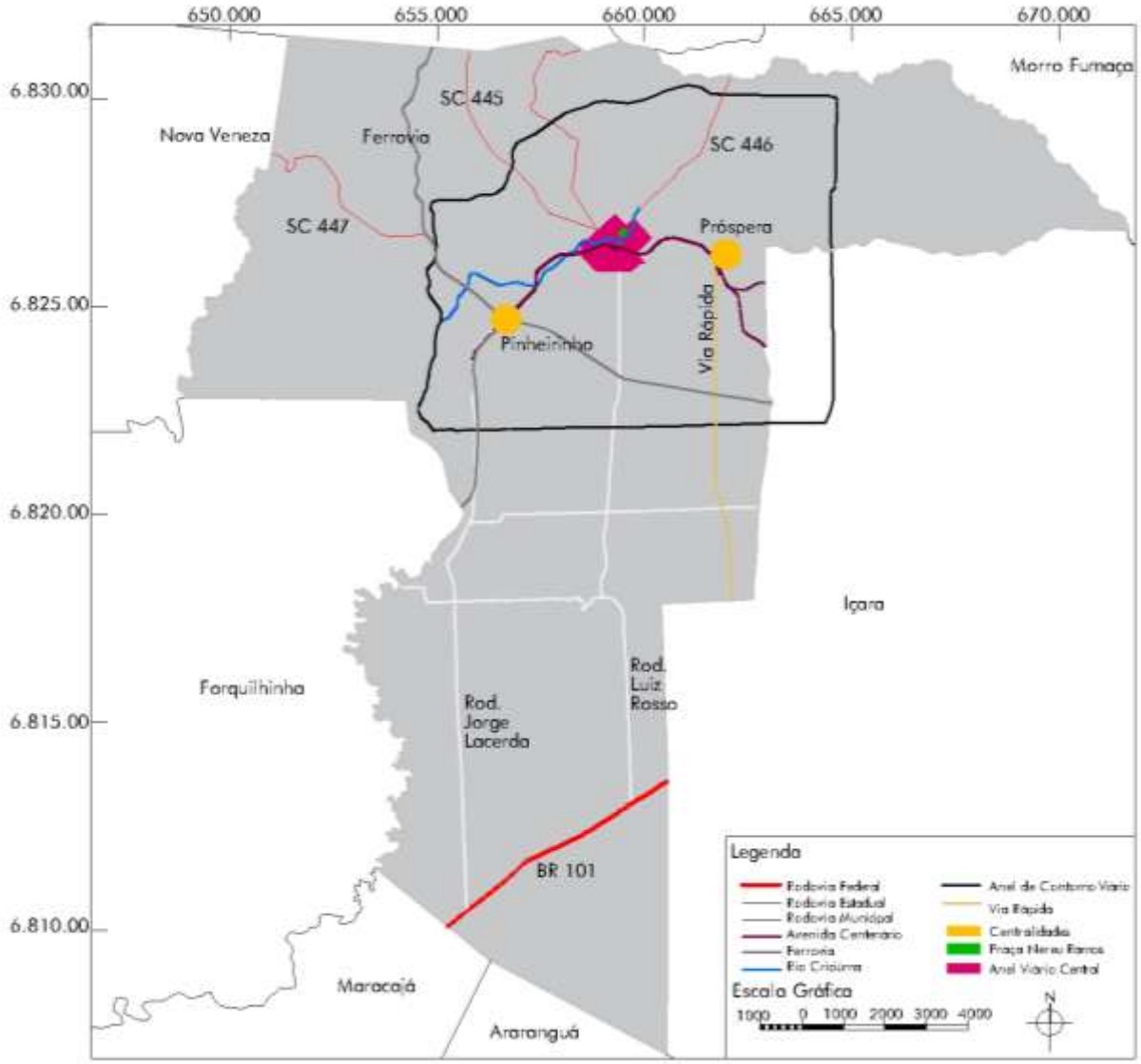
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é caracterizada como uma pesquisa qualitativa, numa perspectiva da pesquisa social de caráter investigativo, através do reconhecimento da praça como um espaço público. O conhecimento científico possui como principal objetivo confirmar a verdade sobre fatos e problemas propostos. A pesquisa social está baseada em processo que permite "a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social, [...] envolvendo todos os aspectos relativos ao homem em seus múltiplos relacionamentos com outros homens e instituições sociais" (GIL, 1999, p.38). Segundo o mesmo autor (1999, p.39), a pesquisa empírica "concebe a realidade como singular e revelada graças à experiência sensível. Desta forma, o objeto passa a ser o que é, ou seja, o fato". As pesquisas em ciências sociais utilizam frequentemente este método, por ser mais adequado para análise de aspectos de difícil quantificação.

A pesquisa do tipo qualitativa é utilizada para investigação e análise dos fenômenos de caráter socioambiental. Este tipo de pesquisa possui como vantagem a possibilidade de interação entre o pesquisador e seu objeto de estudo, podendo ser modificada e redirecionada de acordo com o caminhar do estudo. Segundo Oliveira (1997, p.117), "a pesquisa qualitativa propõe-se a descrever a complexidade de uma determinada hipótese e classifica os processos dinâmicos experimentados por grupos sociais".

Para permitir o conhecimento profundo sobre a relação dos processos de identidade entre os espaços públicos e sua paisagem urbana o principal método é o estudo de caso. Como afirma Gil (1999) o estudo de caso é uma pesquisa que resulta em uma análise detalhada e profunda de um universo delimitado. O *locus* é a Praça Nereu Ramos, localizada na área central da cidade de Criciúma/SC (figura 6).

Figura 6: Mapa ilustrativo do Município de Criciúma com destaque para a área de estudo.



Fonte: Elaborado pela Autora

O estudo também está baseado no método observacional, utilizando a observação participante direta como ferramenta da percepção e análise do cotidiano e das diferentes formas de apropriação dos usuários da Praça Nereu Ramos. Gil (1999, p.49) salienta que o método observacional é utilizado para estudos em que a "realidade não é fixa e o observador e seus instrumentos desempenham papel ativo na coleta, análise e interpretação dos dados". A operacionalidade dessa observação consistiu no seguinte: a pesquisadora ficou por períodos da manhã e/ou tarde vivenciando a praça e interagindo com os "moradores da praça" e os que por ela transitam ou focam temporariamente. Moradores da praça segundo Seda et al. (2014), são as pessoas que trabalham na praça como motoristas de taxi, vendedores ambulantes artesãos e outros.

3.1 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS E COLETA DE DADOS

Como primeiros passos da pesquisa, foi realizado um estudo em nível exploratório. A pesquisa bibliográfica foi um dos procedimentos adotados para a realização do estudo teórico sobre os temas que compõem a dissertação. A exploração das fontes bibliográficas utilizou como ferramenta de pesquisa a base de dados eletrônica de artigos científicos SciELO. O estudo teórico sobre o tema também utilizou livros para a compreensão de conceitos de desenvolvimento urbano, processos de identidade e formação do lugar antropológico, relação entre patrimônio cultural e memória urbana, e a importância da preservação da paisagem urbana e dos espaços públicos.

Tabela 1: Relação entre Objetivos específicos e instrumentos metodológicos

Objetivos Específicos	**Instrumentos Metodológicos**
Analisar a importância da preservação dos patrimônios culturais para compreensão da memória e identidade;	Pesquisa bibliográfica, observação simples e entrevista semiestruturada.
Compreender a Praça Nereu Ramos como elemento histórico ao processo de urbanização do município de Criciúma/SC;	Inventário Fotográfico e pesquisa bibliográfica.
Identificar e caracterizar as edificações históricas no contexto da paisagem urbana da Praça Nereu Ramos/SC;	Inventário fotográfico e pesquisa bibliográfica.
Interpretar as relações entre o espaço físico e grupos sociais que frequentam a Praça Nereu Ramos;	Observação simples, entrevista semiestruturada, análise de conteúdo e ou análise por conceitos chave.
Compreender o processo de apropriação da Praça Nereu Ramos pelos usuários.	Observação simples, entrevista semiestruturada, análise de conteúdo e ou análise por conceitos chave.

Fonte: Elaborado pela autora.

Para o levantamento dos dados históricos referentes ao município de Criciúma e a Praça Nereu Ramos, utilizou-se como fonte documentos e acervos fotográficos dos Arquivos Históricos de Criciúma, acervo do fotógrafo Faustino Zapellini, e matérias encontradas nos periódicos da cidade e uso de bibliografias.

Para responder às questões levantadas na problematização e nos objetivos específicos deste estudo, foram utilizadas três técnicas de coletas de dados, de acordo com a tabela 01. Foram realizados diagnósticos da situação atual da Praça, utilizando técnicas de

observação e entrevistas, com foco na identificação dos tipos de usuários, atividades desenvolvidas e os horários mais utilizados. Também foi realizado por meio do estudo de documentos históricos e de registros fotográficos a descrição e análise da paisagem urbana existente no entorno da Praça, avaliando a relação entre seu ambiente físico e comportamentos sociais.

3.1.1 Observação simples

Inicialmente foi utilizada a técnica de observação simples, investigando de maneira geral a rotina do ambiente pesquisado. As observações foram realizadas na Praça Nereu Ramos e no seu entorno durante os meses de setembro e outubro de 2018, observando as atividades realizadas pelos usuários, seus fluxos e permanências.

A observação da área a ser estudada ocorreu por meio de passeios realizados em diferentes dias da semana e nos finais de semana, em horários variados. Isto foi necessário para a realização da delimitação do espaço físico para a pesquisa, e entendimento das relações de apropriação e cotidiano dos usuários da praça.

3.1.2 Entrevista semiestruturada

A utilização da técnica de entrevista semiestruturada foi necessária para a compreensão da relação entre os usuários e a paisagem urbana, verificando questões de apropriação do espaço, identidade e memória urbana e significados urbanos existentes na Praça Nereu Ramos.

A entrevista semiestruturada é caracterizada por questionamentos pré-definidos por meio de uma listagem com perguntas a serem realizadas aos entrevistados. A vantagem desta entrevista é a possível formulação de novas perguntas e hipóteses surgidas a partir das respostas dos entrevistados. Para Trivinõs (1987, p.152), este tipo de entrevista “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade”.

A entrevista foi dividida em duas fases, com perguntas apoiadas nas teorias relacionadas ao tema, com questões fechadas e abertas, podendo ser respondidas livremente de forma verbal, conforme estão descritos no Apêndice B.

Na primeira fase da entrevista foram identificadas as percepções dos usuários quanto aos significados e memória dos espaços físicos e paisagem da Praça. Nesta etapa, foram realizadas entrevistas para a compreensão de como os usuários se relacionam, se identificam e se apropriam com os espaços físicos e grupos sociais da Praça.

Na segunda fase da entrevista foram apresentadas duas imagens individuais de edificações existentes na Praça Nereu Ramos, verificando se o usuário às reconhece e às localiza, a fim de verificar o entendimento que os sujeitos possuem sobre a importância da preservação das edificações históricas como elementos constituintes da memória e paisagem urbana da cidade.

A coleta dos dados foi obtida por meio de registros em cadernos de notas, gravadores e câmeras fotográficas. As apresentações dos dados foram realizadas em forma de mapas, tabelas e quadros com posterior análises esclarecedoras das interpretações frente ao problema proposto.

As entrevistas foram realizadas na praça e nas ruas de seu entorno, em horários e dias distintos durante o mês de outubro de 2019. A amostra foi definida em grupo de 30 pessoas, representando a população do município de Criciúma. Foi utilizada uma amostragem estratificada, constituída de pessoas que utilizam a praça de diferentes maneiras: 10 usuários, 10 moradores das proximidades e 10 trabalhadores do entorno da Praça. Os grupos de entrevistados foram escolhidos em ordem aleatória, de forma a determinar diferentes percepções relativas a diferentes usos cotidianos.

3.1.3 Inventário fotográfico

Foi realizada uma pesquisa imagética por meio de um inventário fotográfico com coleta de imagens entre os períodos de 1880 a 2019 da Praça Nereu Ramos e de seu entorno. Por ser um elemento em constante transformação, o inventário fotográfico auxiliou na leitura e identificação das edificações que estão ou estavam presentes na paisagem urbana deste local.

Após o levantamento, foi realizada a sistematização das imagens. A sistematização foi feita por meio da organização das imagens por décadas, produzindo um levantamento com identificação das principais edificações. Com todos os dados disponíveis foi possível a construção de mapas temáticos da Praça Nereu Ramos com suas variações de edificações e seus usos ao longo do tempo.

As transformações ocorridas com o passar dos anos na paisagem urbana da Praça Nereu Ramos influenciaram no modo de identificação e significação dos bens culturais presentes. A valorização do patrimônio cultural somente é possível com o conhecimento dos elementos representativos de significado social ou histórico aos seus moradores.

A leitura da paisagem urbana foi feita por meio do estudo das modificações realizadas pelos agentes físicos e sociais na Praça, por meio de análises quanto à relação da subjetividade, emoções e sentimentos dos moradores com o espaço público; e entre as edificações com seu imaginário e tempo histórico.

3.2 INSTRUMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

As respostas verbais obtidas nas entrevistas semiestruturadas foram transcritas no programa Word. A organização das informações e estatísticas de dados comuns foram realizadas com a ajuda do programa Excel, para sobreposição das informações obtidas, auxiliando na geração de tabelas simplificadas.

A metodologia utilizada para análise dos conteúdos coletados foram as técnicas de análise de conteúdo e análise por conceitos chaves. Para Bardin (1979, pág. 42), a análise de conteúdo utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos para obter, a partir dos dados coletados, os “indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens e identificação de componentes conceituais”.

A partir do marco teórico, foi possível identificar os componentes conceituais que fundamentam a pesquisa, auxiliando na compreensão dos parâmetros analisados. Para o reconhecimento do processo de identificação e apropriação de um espaço, foram definidos como palavras chaves os conceitos de identidade de lugar, sentimento de pertença, memória urbana e paisagem urbana.

Os dados coletados foram necessários para a compreensão da consciência da população criciumense frente a memória e paisagem urbana da Praça Nereu Ramos e a área central da cidade, e os benefícios dos espaços públicos para as relações sociais e sentimento de pertença de lugar.

Os estudos de significado, lugar e apropriação do campo da interdisciplinaridade que faz parte a Psicologia Ambiental tomaram como referencias básicas os autores Enric Pol (1988), Moore (1987), Proshansky (1978). Para estabelecer os conceitos chaves de identidade de lugar e sentimento de pertença foram consultados os autores Copatti e Oliveira (2016), Hall (2005), Follmann (2001), Jodelet (2002) e Sennet (2003). Para o conceito chave memória urbana foram utilizados como base os estudos dos autores Le Goff (2003), Lefebvre (1991), Halbwachs (2006) e Lynch (2017), e para o conceito de Paisagem urbana, os autores Sechi (2006), Lynch (2017), Landim (2004).

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

4.1 A LEITURA DA PAISAGEM URBANA: A PRAÇA E SEUS PROCESSOS DE IDENTIDADE

Por meio das observações e entrevistas realizadas, foi possível analisar os usuários da Praça Nereu Ramos mais a fundo, verificando as suas percepções em relação ao espaço urbano. Ficou claro que a Praça Nereu Ramos (figura 7) possui vários tipos de usuários, que utilizam o espaço em diferentes horários do dia. Percebem-se que a predominância do uso comercial e de serviços na Praça e no seu entorno influencia diretamente nos fluxos e a utilização dos espaços.

Figura 7: Praça Nereu Ramos- local de passagem, 2019.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Os usuários das praças e dos espaços públicos podem ser classificados entre ativos e passivos, dependendo da sua relação e frequência de utilização. “Ao falarmos da praça como lugar antropológico, repleto de subjetividades, estamos atentos às singularidades de cada usuário, em particular, e de todos os usuários, no seu conjunto” (SEDA et al, 2014, p.102). Para estes autores, os usuários ativos são os que estão habituados a frequentar o lugar constantemente; e os usuários passivos são os que somente frequentam de maneira esporádica, ou os que utilizam como forma de passagem ou são somente visitantes.

De acordo com a metodologia aplicada, a escolha dos entrevistados não possuía como pré-requisito a faixa etária ou sexo, mas pode-se perceber na tabela 2 a predominância de entrevistados entre a faixa de 20 aos 30 anos, e entre 50 aos 60 anos. Isto se deve ao fato de na Praça ter a presença da maioria destas pessoas, divididas entre os trabalhadores que a utilizam para o descanso do seu intervalo de trabalho, e os aposentados, que a utilizam como forma de encontro.

Tabela 2: Relação entre faixa etária entre os entrevistados

Relação entre faixa etária entre os entrevistados					
Idade	18 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 59	60 a 69
Nº Pessoas	14	2	3	9	2

Fonte: Elaborado pela autora.

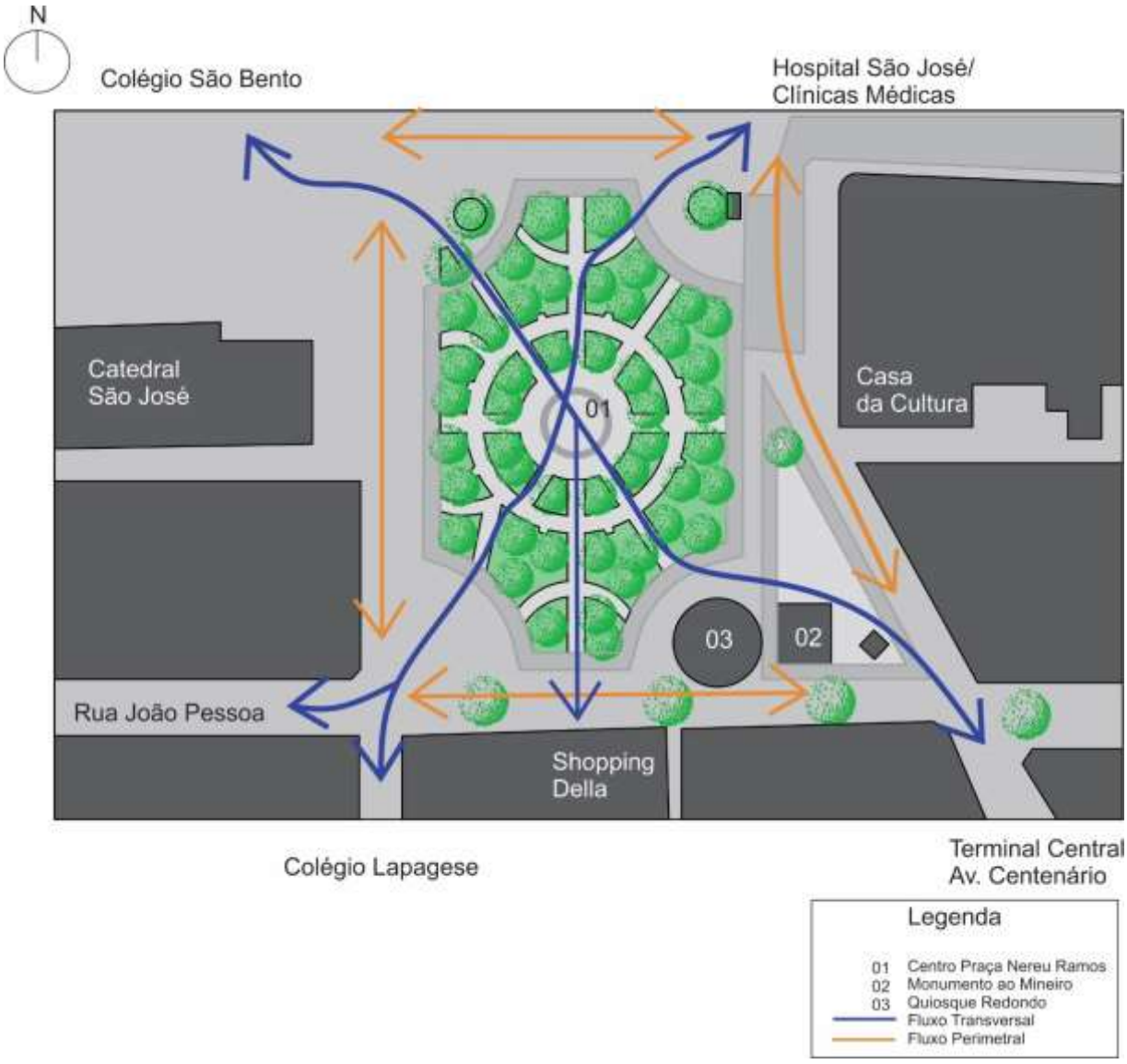
A fragmentação dos usos no espaço urbano provoca a movimentação diária de massas de pessoas. No início do dia o movimento flui em direção aos espaços de trabalho, saindo da periferia em direção ao centro da cidade; e a noite o fluxo contrário, com o esvaziamento do centro para as moradias. “A geografia passou a depender do relógio: densidade e diversidade, de dia, dispersão e homogeneidade, à noite” (SENNETT, 2003, p. 273).

Durante os dias da semana, no início da manhã e fim do dia, percebe-se fortes vetores de fluxos passando pela Praça, identificados como os caminhos de circulação de trabalhadores e estudantes, devido aos horários de entrada e saída dos colégios e da abertura e fechamento dos comércios, como pode ser visto na figura 8. A rotina diária das pessoas, e o seu movimento automático, fazem com que elas passem pela Praça sem perceber e enxergar o seu universo. Ou seja, estas pessoas acabam por terem uma percepção muito superficial da Praça, não se apropriando e se identificando a ela.

Durante os outros horários do dia, percebem-se que continua o movimento de pessoas circulando por toda a Praça, por ser o miolo central que realiza a conexão de equipamentos atratores de pessoas, como o Terminal Central de Transporte Público, o Hospital

São José e consultórios médicos, a Catedral São José, Shopping Della, agências bancárias e escolas. A utilização dos espaços públicos embora que de maneira passiva e casual não implica dizer que estes espaços não possuem importância ou significado pessoal àqueles usuários. Os processos de identidade podem ser criados de maneira momentânea, portanto, mesmo utilizando o espaço público de forma esporádica, este cria os processos de afirmação da vida urbana e poética. "Na cidade encontramos coexistência de espaços apropriados para diferentes usos e funções e com diferentes ritmos e ou em diferentes tempos [...] O mesmo espaço cruzam-se diferentes tempos como, por exemplo, o do trabalho e do lazer" (MAGALHÕES, 2003, p. 99).

Figura 8: Croqui Vetores dos Percursos da Praça Nereu Ramos.

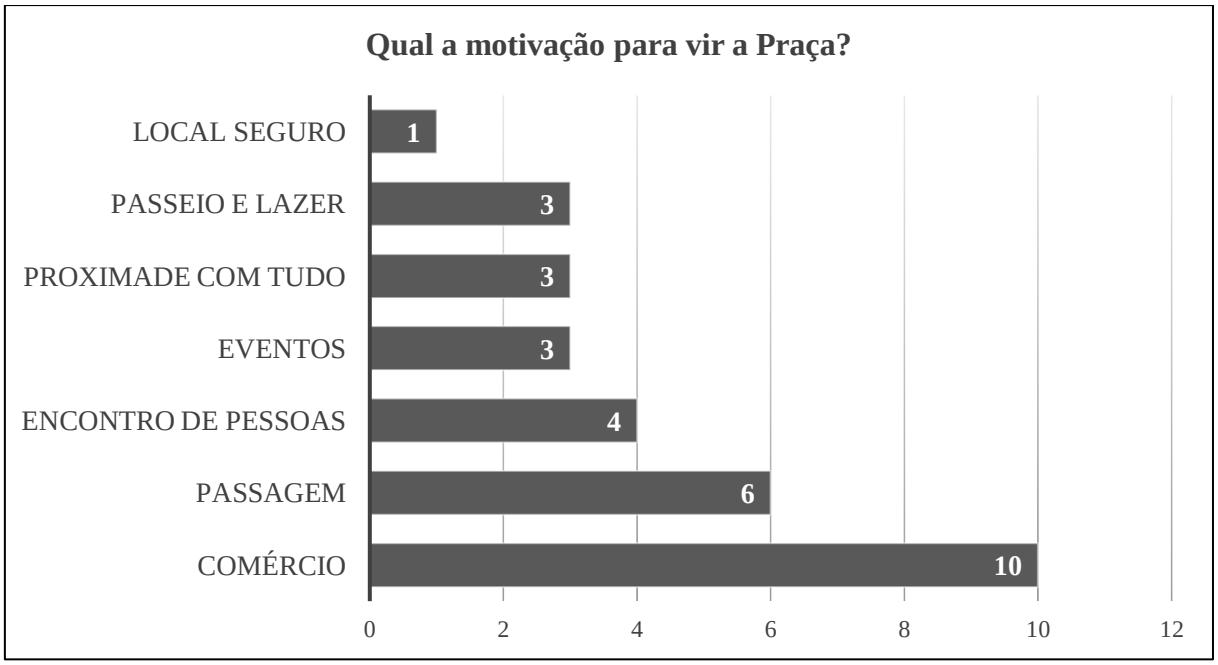


Fonte: Elaborado pela autora.

As primeiras questões da entrevista tinham como objetivo estabelecer se os entrevistados possuem algum tipo de sentimento e apego à Praça Nereu Ramos, observando se os usuários se identificam, e se possuem sentimento de pertença com a Praça. As questões serviram como apoio para o estudo da forma de utilização, e de relacionamento entre os usuários e os elementos físicos e edificações da sua paisagem urbana.

A segunda questão (tabela 3) possibilita que o entrevistado fale as razões que o motiva a utilizar a Praça. Verifica-se que a maioria dos usuários utilizam a Praça devido a sua localização privilegiada, por estar próximo das principais atividades necessárias à vida urbana. Para Balthazar (2001, p. 11) "o centro é o espaço que permite, além das características de sua ocupação, uma coordenação das atividades urbanas, uma identificação simbólica e ordenada destas atividades".

Tabela 3: Qual a motivação para vir a Praça?



Fonte: Elaborado pela autora

O depoimento do entrevistado 18 demonstra importância central da Praça: "Frequento a praça por ela ser perto de tudo, venho ao centro sempre para fazer uma compra, ir ao médico, ou ao banco, e sempre paro nela para descansar e olhar o movimento". O relato da entrevistada 02 reforça esta afirmação: "Utilizo quando vou até o centro resolver assuntos pessoais".

Por estar em uma localização privilegiada, é na área central da cidade onde são compartilhados as marcas e costumes de várias épocas históricas. Outra característica própria

dos centros urbanos é a sua importância física, como local de concentração de estabelecimentos de comércio e serviços, realizando as trocas e atividades comerciais e encontros sociais.

Nota-se que o caráter urbano da Praça justifica a segunda maior motivação para a sua utilização: como forma de passagem. As outras motivações levantadas reafirmam a Praça como local para atividades de lazer, passeio, e um propulsor de encontros de pessoas. Portanto é na Praça e seu entorno onde se formam as práticas sociais, a comunidade urbana, e são através das relações coletivas que os sujeitos se identificam e produzem o sentimento de pertencimento.

As pessoas frequentam os lugares em que mais se identificam, o que depende de suas representações culturais e simbólicas. Os espaços públicos da cidade são escolhidos por seus usuários devido a criação de vínculos, podendo ser vínculos econômicos, sociais, políticos, religiosos, etc. Durante as observações foram percebidos a grande movimentação de pessoas aos sábados de manhã na Praça (figura 9). A Praça Nereu Ramos se transforma no principal centro de comércio da cidade, e também funciona como palco para manifestações artísticas, políticas e sociais.

Figura 9: O sábado na Praça, 2019.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

O uso predominante comercial dificulta a utilização da Praça durante o período noturno e ao longo de todo o domingo, por haver pouco fluxo de pessoas e utilização da Praça, o que acaba gerando a sensação de insegurança por parte dos usuários (figura 10). A apropriação dos espaços públicos e sua movimentação frequente faz com que estes locais sejam bem mais

cuidados e conservados, com presença de pessoas que protejam umas às outras, e proteção ao patrimônio em sí. De acordo com Jacobs (2011), a quantidade de pessoas que utilizam e se apropriam de um espaço público é relacionado com a quantidade de usos que estão presentes nele. O local será atrator de pessoas se nele existirem moradias em seu entorno em conjunto com uso comercial e de prestação de serviço, com atividades funcionando em diferentes horários. Outra solução para o aumento de usuários, é a implementação de atividades principais, que ocasionem na atração e desenvolvimento de outras atividades secundárias, gerando a diversidade de pessoas e possibilidades de utilizações.

Figura 10: Praça Nereu Ramos -imagem noturna, 2019.

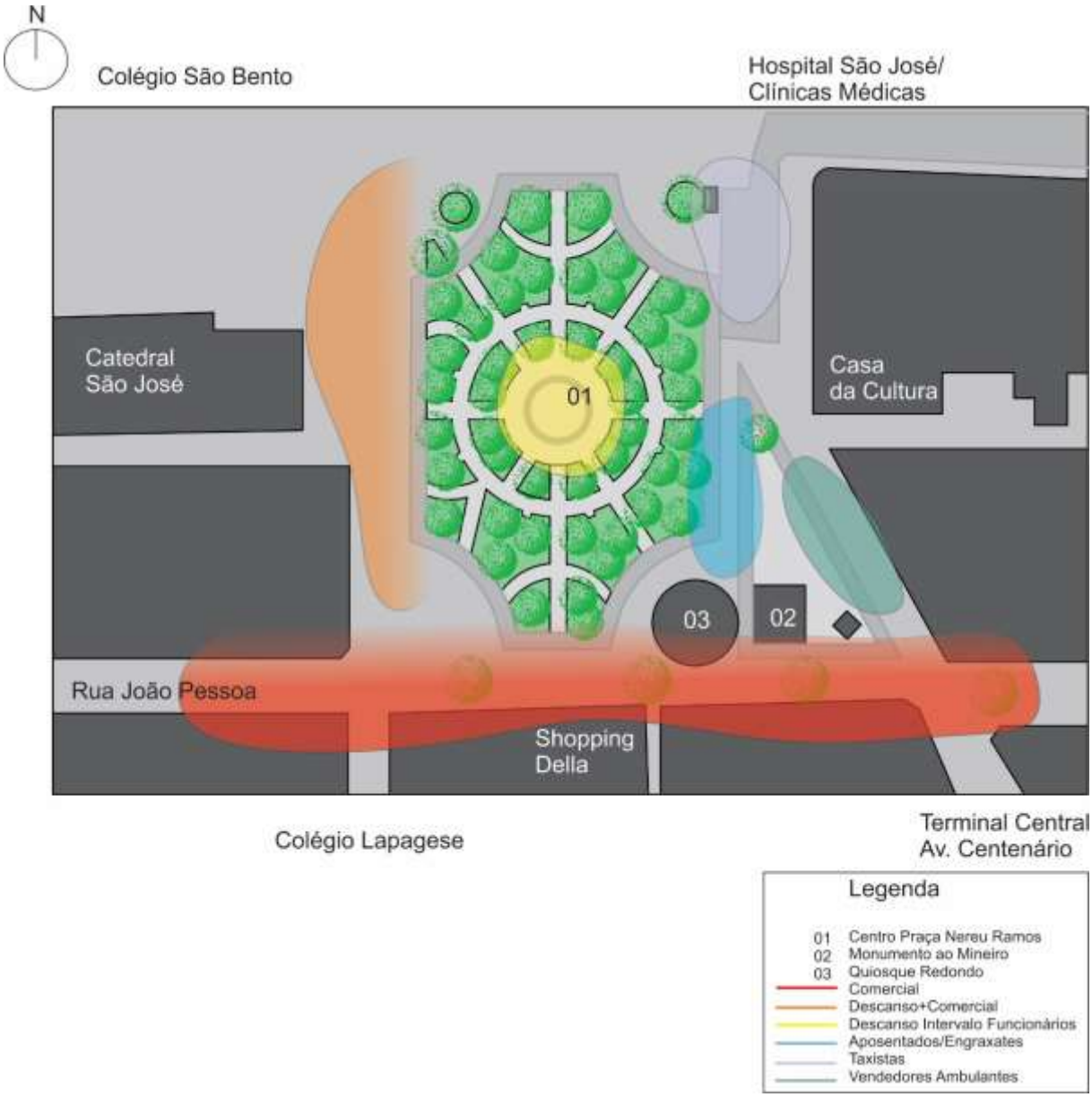
Fonte: Acervo pessoal da autora.

A diversidade de usos acarreta na presença de diferentes tipos de usuários num espaço público, podendo estar presente aquelas que o utilizam para descanso, cultura, trabalho, diversão, etc. Portanto um mesmo espaço pode ser utilizado para brincadeiras, jogos, leitura, caminhada, com presença de crianças, jovens, adultos e idosos.

Durante as visitas foi possível observar uma distinta divisão entre grupos de usuários ao longo da Praça Nereu Ramos. A figura 11 ilustra locais da Praça que são mais

utilizados como áreas de descanso, de comércio, área de convívio dos aposentados, os comerciantes ambulantes, os taxistas, os transeuntes etc.

Figura 11:Croqui dos usos da Praça Nereu Ramos.



Fonte: Elaborado pela autora.

Entre os tipos de usuários, foi possível distinguir entre os que frequentam a Praça como um local de encontro e dinâmica social, utilizando a Praça como uma extensão de suas casas, utilizando como forma de convívio e práticas sociais, ou ainda somente para observar as pessoas que passam. Entre os usuários mais assíduos, pode-se destacar os aposentados, que frequentam os bancos da Praça ao longo de todos os dias, com mais frequência entre o início da manhã e início da tarde.

No horário do intervalo do almoço a Praça vira local de descanso para as pessoas que trabalham em sua redondeza, que a utilizam como local de descanso em seu intervalo de trabalho, utilizando geralmente os espaços centrais, usando as floreiras como bancos e aproveitando a sombra das árvores e o espaço livre.

Figura 12: Praça Nereu Ramos - os engraxates, 2019.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

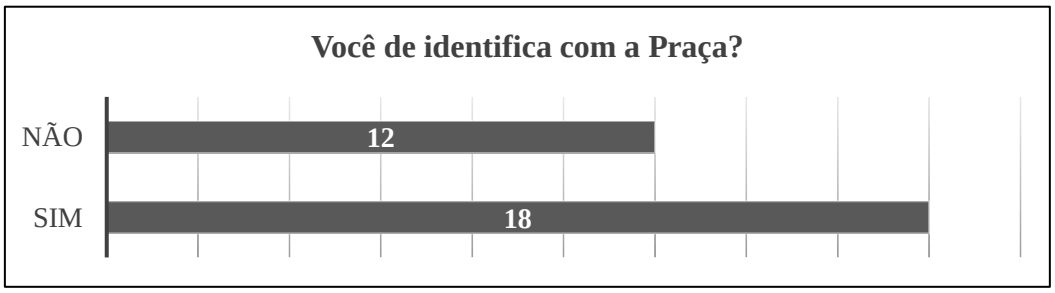
Figura 13: Praça Nereu Ramos- Local de descanso, 2019.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 14: Praça Nereu Ramos - Local de Lazer, 2019.

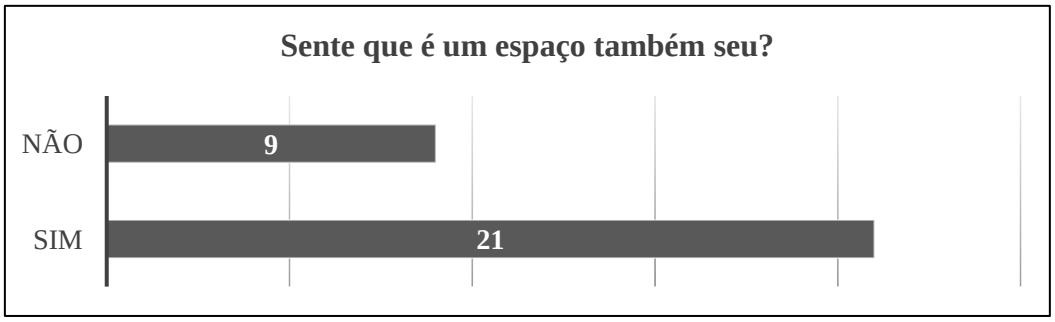
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Tabela 4: Você se identifica com a Praça?



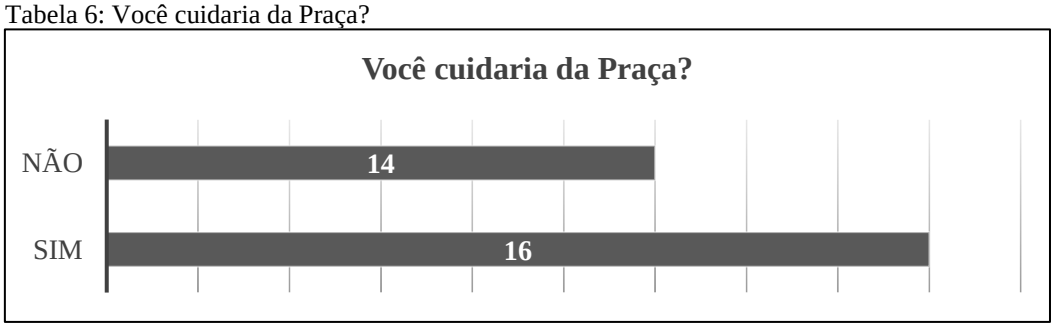
Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 5: Sente que é um espaço também seu?



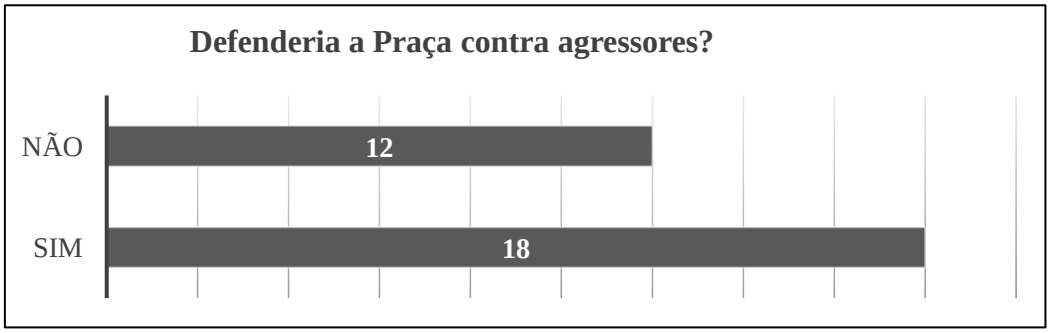
Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 6: Você cuidaria da Praça?



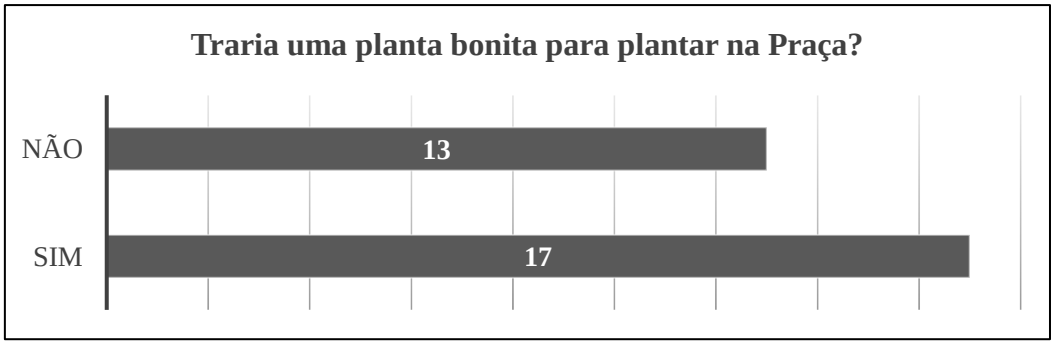
Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 7: Defenderia a Praça contra agressores?



Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 8: Traria uma planta bonita para plantar na Praça?



Fonte: Elaborado pela autora.

As perguntas das tabelas 4 à 8 ajudam a compreender como os usuários se identificam com a Praça. Em todas as questões, a maioria dos entrevistados afirmaram que se identificam, e que se sentem motivados a cuidar e defender a Praça e seus elementos físicos (mobiliário urbano, vegetação) dos agressores.

A partir do relato do entrevistado 03, é possível perceber que ela se identifica com a Praça devido à toda a sua importância histórica e cultural que ela significa para a cidade: “sim, acho importante a preservação dos elementos que fazem parte da história da nossa praça”. Para a entrevistada 26, a Praça possui um significado poético: “A praça é um local muito bonito, sempre vejo pessoas cuidando do jardim, varrendo o lixo e as folhas que caem das árvores, sinto que ela é bem cuidada”.

Pode-se afirmar que o reconhecimento da identidade de lugar é resultado dos processos sociais entre o sujeito e seu ambiente construído, com o seu modo de ser e de agir perante o espaço. O reconhecimento do espaço pelo sujeito implica na sua identidade, em seus significados, relacionados pelas ideias conscientes e inconscientes. A apropriação do espaço é realizada através da sua internalização como sujeito, é a construção do sentimento de possuidor, por meio de seu uso e sua identificação. “É no espaço que o sujeito vive, constrói sua existência. É nele que a humanidade produz as cidades, a cultura e a sua história” (GONÇALVES, 2007, pág. 75).

Além disso, a produção do espaço é resultado da interação de diferentes grupos sociais em diferentes períodos do tempo. As interações são dinâmicas ocasionadas pelas práticas sociais, econômicas, culturais e políticas, produzindo transformações e rearranjos espaciais e sociais em um determinado lugar. É a partir das experiências e vivências de cada sujeito com o coletivo que se produz as transformações do espaço, e que dependem das construções coletivas realizadas em seu cotidiano, o seu modo de habitar, trabalhar e recrear, etc. (COPATTI E OLIVEIRA, 2016)

> "A produção espacial realiza-se no plano do cotidiano e aparece nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar, num momento específico e, revela-se pelo uso como produto da divisão social e técnica do trabalho que produz uma morfologia espacial fragmentada e hierarquizada" (CARLOS, 2003, p. 20).

De fato, o lugar é o espaço de construção das memórias de determinados grupos sociais, formado pelas histórias individuais e coletivas. As trocas de experiências sociais com o lugar permitem a volta das lembranças do passado, para projeção no futuro. Segundo Copatti e Oliveira (2016) é no lugar que os sujeitos constroem e compreendem seus sentimentos de identidade, pertencimento e de afetividade.

Apesar dos resultados positivos, demonstrando que a maioria se identifica e se sente motivado a cuidar e defender a Praça, não podemos negar a parte negativa dos resultados. Quando questionados se os usuários se identificam com a Praça (tabela 4), 40% responderam de forma negativa. A dificuldade de apropriação das pessoas com os lugares, com os sentimentos e com as pessoas é uma problemática atual, advinda do individualismo urbano e desterritualização da cidade moderna.

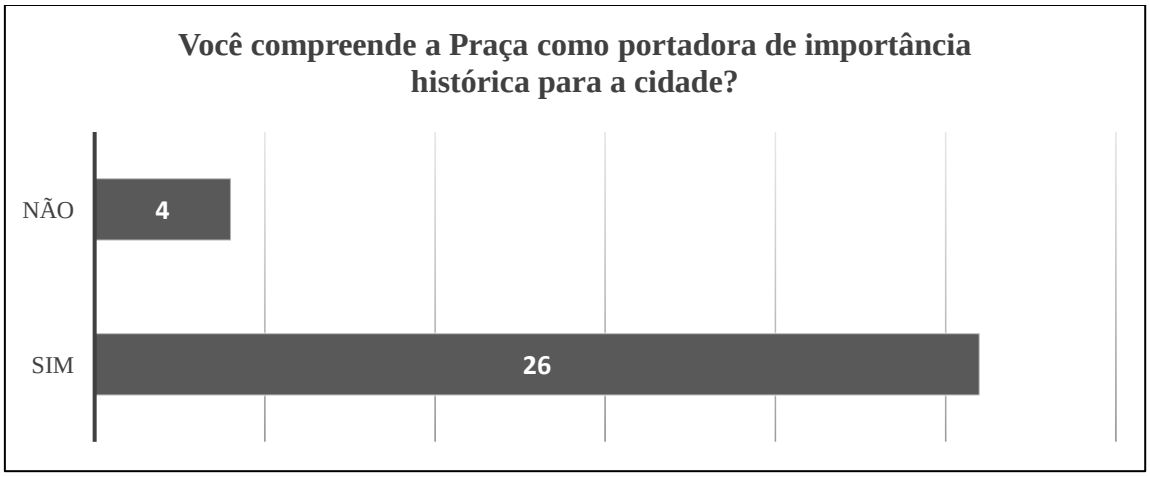
A identidade de um lugar é construída através de laços sociais, adquirindo significados. É necessário o "reconhecimento do valor do espaço; a permanência; a intimidade de uma relação humana particular (laços de parentesco e/ou de vizinhança fortes) e um sentimento de singularidade e identidade" (LIMA, 2009, p. 169).

O sociólogo Sennet trata o individualismo do homem como um grande problema da sobremodernidade, resultado do excesso de ego, da banalização do corpo. A "Infindável locomoção corre o risco de ignorar a história, ao perder suas conexões com outras pessoas e com os lugares dos quais se move [...] viaja sozinho e em silêncio; anda para trás do ponto social" (SENNET, 2003, p. 338). Em consequência, isto acaba por refletir nas relações da sociedade com o espaço urbano, devido impessoalidade das relações sociais, a distância e isolamento entre os indivíduos, e a falta de solidariedade com o outro. Dessa forma, podemos observar que a perca dos valores de comunidade, dos laços de vizinhança resultam falta do sentimento de afinidade destas pessoas com a Praça Nereu Ramos, o que acaba por impedir que estas se envolvam e se responsabilizem pela Praça.

A segunda fase da entrevista possuiu como objetivo auxiliar na investigação da importância da preservação dos patrimônios culturais e históricos, contribuindo para o entendimento da memória e paisagem urbana da Praça Nereu Ramos e do seu entorno para os seus usuários.

Sabe-se que os centros urbanos são o ponto de partida da origem das cidades, construídos através de suas estruturas físicas e simbólicas. Para Santos (2012) os elementos espaciais do passado (monumentos, espaços públicos e edifícios antigos) interagem com os hábitos contemporâneos, e permitem a compreensão dos processos de produção, práticas sociais e culturais da cidade. As distintas paisagens urbanas construídas ao longo dos processos de desenvolvimento do centro tradicional contribuem para a manutenção da memória social dos seus moradores.

Tabela 9: Você compreende a Praça como portadora de importância histórica para a cidade?



Fonte: Elaborado pela autora.

Na tabela 9 nota-se que a grande maioria dos entrevistados afirmaram que compreendem a Praça Nereu Ramos como local de importância histórica para a cidade de Criciúma. Questionados se saberiam contar a história da origem da Praça e do porquê de ela ser considerada importante para a cidade, vários entrevistados sabiam contar a história de forma sucinta.

De acordo com a entrevistada 15: "A praça possui grande importância histórica para Criciúma, eu vejo ela como o coração da nossa cidade, sempre ouvia falar desde pequena, é uma referência do nosso passado". Alguns entrevistados sabiam dizer o porquê da Praça ser importante historicamente à cidade, como demonstra os relatos dos entrevistados 07 e 29 respectivamente: "A praça está ali há anos, é onde começou o centro comercial da nossa cidade, que hoje ainda continua com suas atividades". "Neste local iniciou-se em seu entorno o desenvolvimento da cidade de Criciúma".

Já o entrevistado 01 respondeu que compreendia a Praça como sendo um elemento de importância histórica, mas não sabia responder o porquê: "Bom, acredito que sim. Apesar de não conhecer a sua história".

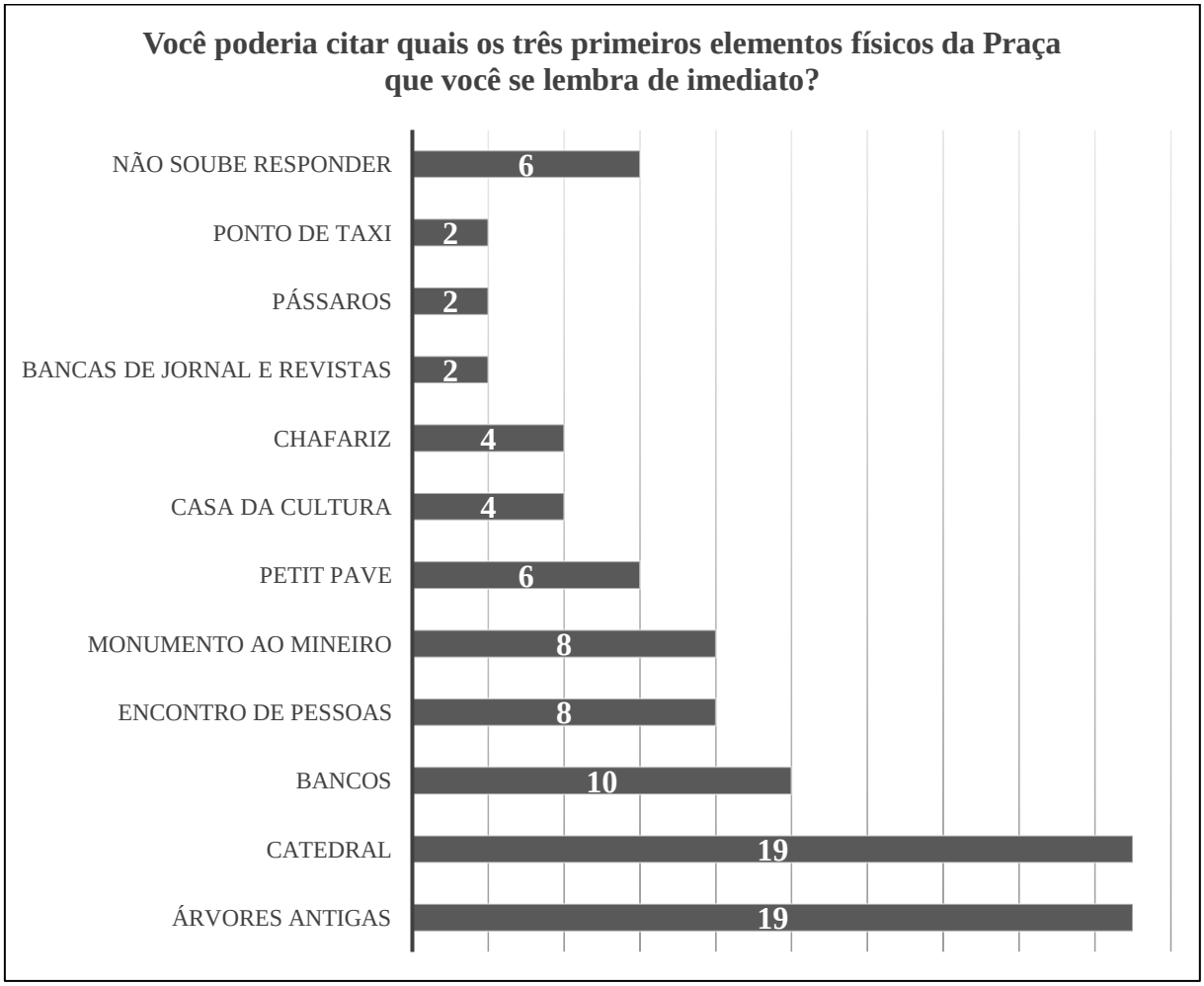
O espaço central da cidade é o conjunto das formas, funções e relações sociais de uma cidade. É no centro que estão localizados os estabelecimentos comerciais e instituições mais importantes, e os melhores conjuntos de monumentos e arquitetura. É no centro que é realizado o encontro das pessoas, onde o homem é visto e apreciado. Para De Lucca (2015), as áreas centrais são marcadas por um "desenho urbano humanizado, pela paisagem rica em detalhes arquitetônicos e, não raro, por configurarem redes de praças e jardins públicos e de equipamentos culturais, tais como cinemas, museus e teatros".

Do mesmo modo, o centro como lugar de construção da memória urbana preserva a cidadania e as expressões socioeconômicas e culturais de uma sociedade. Seu conjunto espacial e social representam a centralidade, a produção de signos, experiências e expressam o núcleo articulador da vida urbana. "Os elementos que são sentido à vida no urbano são os lugares onde o sujeito mora e habita, trabalha e se locomove, mas, principalmente, os lugares de fruição poética resultam da montagem da realidade a partir de injunções materiais" (GONÇALVES, 2007, p. 53).

Portanto, a significação pelos entrevistados é a Praça Nereu Ramos, e depois a catedral São José. As entrevistas foram utilizadas como ferramentas para buscar o entendimento sobre o valor simbólico da Praça como espaço público, levando ao entrevistado a descrição da Praça como importância de sua memória individual e coletiva no processo de descrição de sua vida urbana. Cada sujeito é único, e percebe a Praça de modo singular. Os usuários que se identificam com a Praça, fazem dela o seu lugar antropológico, e constituem processos de identidade construídos pelos sentidos simbólicos, poéticos, históricos e antropológicos.

Sobre as tabelas 9 e 10, buscou-se compreender quais os elementos estavam presentes na memória dos usuários, solicitando aos entrevistados citarem os três primeiros elementos físicos e a principal edificação que se destaca na paisagem urbana da Praça Nereu Ramos. Verifica-se pela tabela 10 que os dois maiores elementos físicos que se destacam na Praça é a Catedral e as suas grandes árvores antigas que fazem parte da Praça, ambos citados por 19 dos 30 entrevistados. Registre-se que a Praça possui árvores nativas da região como um imenso garapuvu, ipês e canteiros com capim cresciúma, que deu o nome à cidade. Ambos citados por 19 dos 30 entrevistados. O monumento ao mineiro também foi lembrado e muitas pessoas sentem que ele já esteve em um lugar de mais destaque na Praça. No imaginário dessas pessoas está tanto a natureza e as edificações, componentes importantes em um espaço público como a uma praça.

Tabela 10: Você poderia citar os três primeiros elementos físicos da Praça que você se lembra de imediato?



Fonte: Elaborado pela autora.

Para Lynch (2017) a identidade da pessoa com o lugar é construída por meio do objeto identificado na paisagem e seu significado. As árvores, os pássaros, o chafariz, e o petit pavê são exemplos de elementos identificados pelas pessoas e construído na sua memória individual. Segundo Halbwachs (2006) estes elementos estão apoiados nas memórias coletivas dos usuários, pois, segundo a autora, as memórias coletivas contêm memórias individuais.

O chafariz esteve presente no miolo da Praça entre as décadas de 70 e 90 e também foi lembrado pelos entrevistados. Mesmo sendo retirado da Praça há aproximadamente de 30 anos, foi detectado que ele continua fazendo parte da memória dos seus usuários.

Figura 15: Paisagem da Praça Nereu Ramos, 2019.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

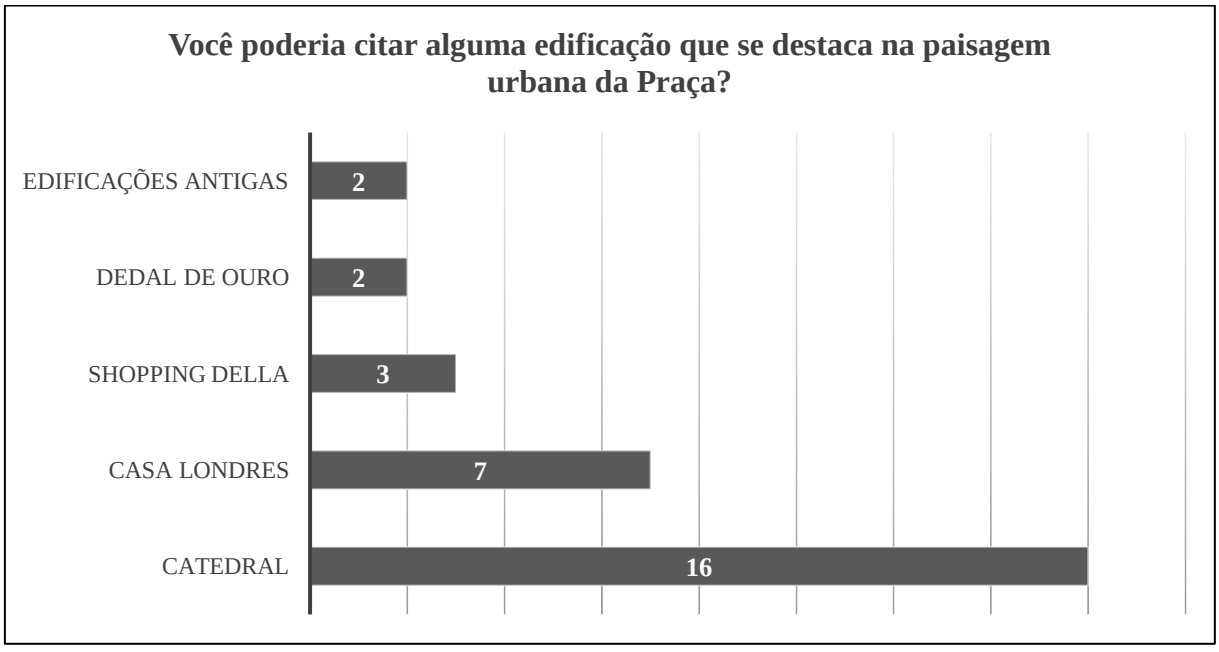
A entrevistada 15 alega como principais elementos “os bancos do meio da praça, rodeados de árvores; o monumento do mineiro e as lajotas famosas espalhadas por toda a praça”. As lajotas citadas são os famosos Petit Pavê, constituídos de pedras portuguesas nas cores brancas e pretas que formam desenhos geométricos, e antigamente pavimentavam toda a praça e os seus calçadões, mas que atualmente estão presentes somente no seu miolo central (figura 15).

Nota-se que as respostas apresentadas possuem elementos físicos presentes em tempos diferentes, devido a diversidade da faixa etária de cada entrevistado. Magalhães (2003,

p. 100) reforça que os espaços são modificados de acordo com o tempo social de cada sujeito. “Existe o tempo longo e contínuo da sucessão linear dos acontecimentos históricos e o tempo desconectado, com diferentes ritmos, intensidades e valores que se cruzam, as temporalidades também elas produzidas e diferenciadas”. As diferentes épocas em que os entrevistados viveram e tiveram experiência com a Praça produzem temporalidades e espacialidades não integrados, por serem produzidos ritmos e atributos distintos.

Visualiza-se pela tabela 11 que a grande maioria citou a Catedral São José como a edificação que mais se destaca na paisagem urbana da Praça. Percebeu-se que a Catedral é o elemento de mais identidade da Praça, do Centro e também para Criciúma, pois ela participa tanto da história da Praça, do bairro e da cidade. Além de sua importância histórica, a Praça também é um marco aos usuários. A catedral, para o entrevistado 30, “é uma edificação bonita, chama a atenção, passamos por ela seja qual for o caminho que estamos trilhando na praça”. O relato do entrevistado 22 reforça esta afirmação: “A edificação da igreja faz parte integrante de história da praça e da cidade de Criciúma”.

Tabela 11: Você poderia citar alguma edificação que se destaca na paisagem urbana da Praça?



Fonte: Elaborado pela autora.

Para Lynch (2017) a imagem que cada usuário possui de um determinado lugar está associada as suas memórias e significados. Perceber um objeto, ou no caso em questão um edifício, como destaque e distinção aos demais implica reconhecê-lo como formador de uma identidade, e de ter algum significado à pessoa.

A Catedral São José é considerada um elemento marcante para a Praça Nereu Ramos devido a sua singularidade e monumentalidade. “A partir do momento em que uma história, um sinal ou um significado se liga a um objeto, o seu valor como elemento marcante aumenta” (LYNCH, 2017, pág. 84). A Catedral é uma edificação única para a Praça, contrastando com as edificações próximas, possuindo significado sagrado e poético aos usuários, independentemente de suas religiões. Por isso, quando pensamos na Praça Nereu Ramos, logo nos vemos a cabeça a Catedral São José, sendo difícil desassociar uma da outra.

De acordo com as entrevistas, nota-se que o edifício da antiga loja Casa Londres[8] foi a segunda edificação que mais se destaca na paisagem urbana da Praça (figura 16). No edifício já funcionou diversas atividades comerciais, sendo o mais significativo, a loja Casa Londres, considerado um dos estabelecimentos comerciais mais tradicionais da cidade. Reconhecer a Catedral, e a Casa Londres como edificações marcantes, significa dizer que os usuários reconhecem e se identificam com as edificações mais antigas presentes na Praça.

Figura 16: Edifício antiga Casa Londres, 2019.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

[8] O edifício da antiga Casa Londres foi construído em 1921, e está localizado na Praça Nereu Ramos, na Rua João Pessoa. Até a sua reforma no ano de 1986, o edifício abrigava no pavimento térreo a atividade comercial e no pavimento superior, o uso residencial. O edifício já abrigou diversas atividades comerciais, como restaurante, bar, barbearia e lojas. A loja de tecidos Casa Londres, um dos estabelecimentos mais conhecidos do comércio criciumense, começou suas atividades no ano de 1966, e encerrando em 2014, e atualmente no local se encontra uma loja de roupas. O edifício foi tombado pelo decreto N° 814/SA/2003.

Já para a entrevistada 02, o edifício que mais se destaca na paisagem da Praça é o Shopping Della: “O shopping pertence ao núcleo da praça e ao longo dos anos acompanhou as mudanças que nela aconteceram, se adaptando a modernização, tanto hoje quanto em anos passados, o grande fluxo de pessoas que transitam na praça, passa por ele”.

As edificações tanto como elementos da paisagem arquitetônica como pelas suas funcionalidades constroem uma memória coletiva e afetiva pois as lojas propiciaram muitas idas à Praça e convívio com as pessoas, com as vendedoras, tipos de produtos. Estas edificações acabam por ser a representação material da memória do comércio da cidade. Como foram lojas muito antigas e existem até hoje, o cliente acaba construindo um relacionamento com esses elementos da paisagem, que são as lojas, assim como a Catedral e o shopping (figura 17).

Figura 17: Shopping Della, 2019.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Na pergunta sobre "O que você pensa sobre patrimônio histórico?" foi possível perceber que os Criciumenses reconhecem a importância do patrimônio histórico para a preservação da cultura e história de uma população, como é visto nos seguintes relatos:

"Acho importante a preservação histórica de elementos da cidade. É interessante ver a evolução dos anos e saber que esses elementos fazem parte do crescimento de onde vivemos", diz um entrevistado. "Acho que é de grande importância para manter viva uma história da cidade, para ser recordado momentos importantes do passado, onde tudo começou, onde tudo passou a tomar forma e virar o que é nos dias de hoje. É a raiz de uma cultura", diz outro.

De acordo com Jackson (1989, p. 2 apud CORRÊA, 2003, p. 158) a cultura de uma população é formada por

> mapas de significados, por meio das quais o mundo se torna inteligível. As culturas não são simplesmente sistemas de significados e valores que temos em nossas mentes. Tornam-se concretas por intermédio de padrões de organização social. A cultura é o modo pelo qual as relações sociais de um grupo são estruturadas e modeladas: mas é também o modo como aquelas formas são vivenciadas, entendidas e interpretadas.

Para a entrevistada 02 o conjunto de patrimônios históricos de uma cidade possui relação com a memória e com o tempo vivido de sua população, sendo garantia para sua preservação às gerações futuras. "Por ser um bem material que serviu para uma determinada comunidade deveria ser mais utilizado para expor e mostrar sua história. Penso que é importante manter alguns patrimônios para serem lembrados o porquê da sua existência pelas outras gerações".

Foi visto que um espaço urbano somente é compreendido se seus usuários possuírem relações com sua forma e uso, e ainda, possuírem algum sentimento de significado e memória. Os espaços das cidades são constituídos pela relação constante entre natureza e história. A cidade é qualificada pelas suas estruturas físicas, representados pelo conjunto de sua forma, os seus edifícios, ruas e praças. Magalhães (2002, p.29) salienta que a cidade é mais do que somente bens materiais, ela é história, é a representação de sua cultura, onde a população se apropria e significa. "O valor do espaço urbano está na confluência da forma com o uso e, a partir daí, dos significados que pode chegar a ter, sempre variáveis ao longo do tempo e em acordo com a cultura que os produz".

A preservação do patrimônio cultural de um lugar é indispensável para a permanência da memória e identidade de uma população, possuindo relevância não só para a vida do presente, mas também para o futuro dos cidadãos, formando cenários para novas

histórias. “A garantia da cidade como patrimônio se encontra, assim, através das imagens construídas socialmente: o significado e a memória que tem para a população” (MAGALHÃES, 2002, p. 33). Um objeto só irá fazer parte da memória urbana de uma pessoa, se este fazer parte de sua vivência, de seu cotidiano, e para isso é necessário que o objeto seja preservado e que ainda faça parte de um lugar.

Nesta fase dos questionamentos, foi mostrado aos entrevistados fotos de dois edifícios presentes na Praça Nereu Ramos: a Casa da Cultura Neusa Nunes Vieira[9] e o Edifício Filhinho. O edifício da atual Casa da Cultura possui grande importância cultural a cidade. O edifício foi construído para ser a sede da Prefeitura Municipal, e desde então, já abrigou diferentes órgãos públicos, podendo destacar o Fórum (1944); Câmara Municipal (1946), FUCRI (1972) e Casa da Cultura (1987). Atualmente é administrada pela Fundação Cultural de Criciúma e abriga o Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, setor de Patrimônio Histórico e Galeria de Arte.

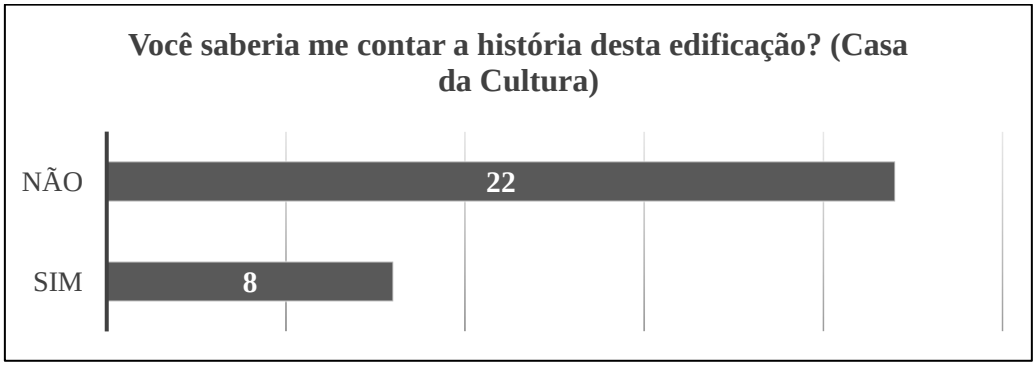
Para a edificação da Casa da Cultura foi mostrado uma foto atual (figura 18) e realizado três perguntas (tabelas 12, 13 e 14), a fim de verificar se os entrevistados saberiam contar um pouco sobre a história da edificação, analisando a importância da edificação frente a sua memória e identidade individual e coletiva.

[9] No início do século XX, foi no local onde hoje se encontra a Casa da Cultura, a instalação da primeira capela de Criciúma. Em 1928 é iniciado a construção de um sobrado para abrigar a primeira escola do município, o Grupo Escolar Lapagesse. Este sobrado é demolido para que em 1943 fosse inaugurado a edificação existente hoje, para ser a sede da Prefeitura Municipal. O edifício passou por reformas em 1984, quando teve toda sua fachada externa revestida em granito. A edificação foi tombada como patrimônio histórico da cidade pelo decreto municipal nº 815/SA/2003.

Figura 18: Casa da Cultura, 2019.

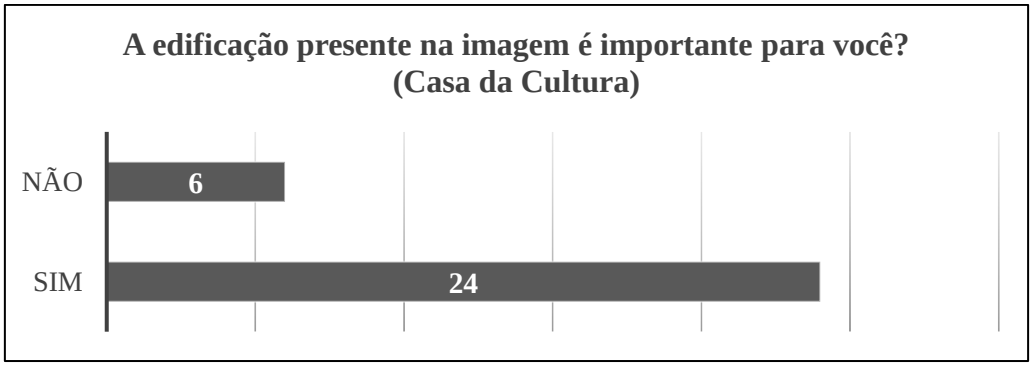
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Tabela 12: Casa da Cultura



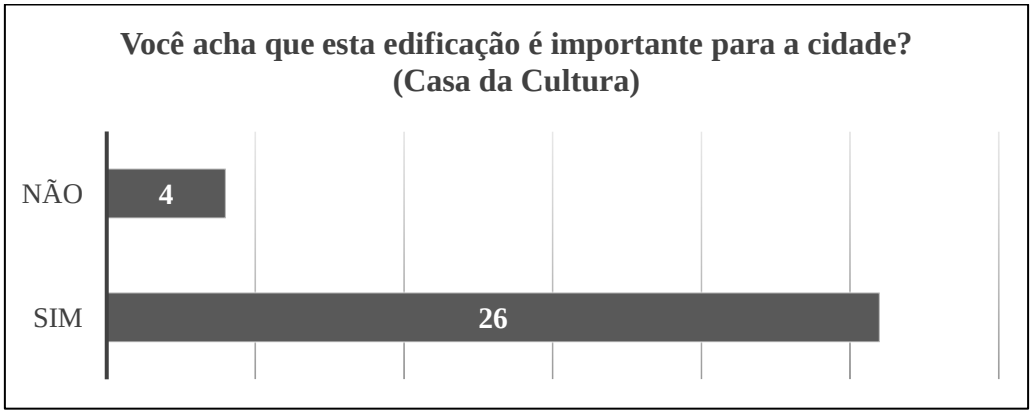
Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 13: Casa da Cultura



Fonte: Elaborado pela autora

Tabela 14: Casa da Cultura



Fonte: Elaborado pela autora

Mesmo possuindo ao longo dos anos diversas funções municipais, a grande maioria não soube contar a história que o edifício da Casa da Cultura possui. Entre as respostas afirmativas, seus relatos foram vagos, o que demonstra a falta de valorização e conhecimento que a população criciumense possui com a sua própria história. Isto é verificado na resposta curta do entrevistado 09: "Esta edificação abrigou a Prefeitura Municipal, o Fórum e Câmara Municipal. Posteriormente foi utilizado pela antiga FUCRI para inscrição de vestibular".

Sobre a importância da preservação do edifício da Casa da Cultura e de todos seus pertences históricos, o entrevistado 02 relata que "A casa da cultura deve abrigar muitos pertences históricos importantes sobre a difusão da cultura da nossa cidade. Assim como em museus, esse acervo conta a nossa história, a evolução da nossa cidade, a vinda de nossos antepassados e o que eles fizeram para torná-la o que ela é hoje para nós". Para o entrevistado 01, "Eu não costumo ir até a Casa da Cultura, porém acho importante sim ter este tipo de edificação na cidade, ainda mais um edifício que fez parte do crescimento histórico do centro da nossa cidade".

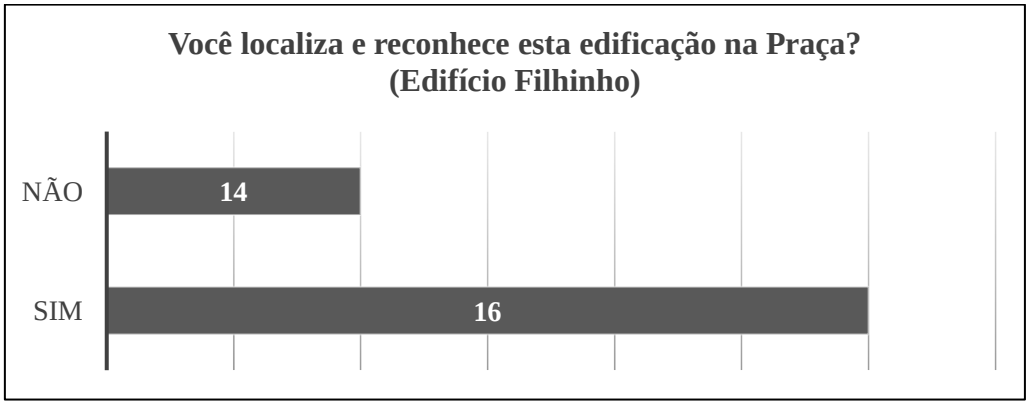
As edificações públicas desempenham um papel importante na paisagem pois tem uma função para todos. Embora tenha funcionado a prefeitura, fórum, câmara, e uma fundação educacional, foram estas funções públicas que a memória individual absorveu. Para os entrevistados mais jovens ou que não viveram na cidade neste tempo, foi mais difícil absorver essa edificação como elementos de paisagem. Isso quer dizer que a memória abarca preferencialmente aquilo que foi vivido.

A fim de verificar a compreensão e percepção da paisagem urbana da Praça Nereu Ramos, foi escolhido uma edificação de importância histórica, e que ainda preservasse as suas características arquitetônicas, e ainda fosse de fácil identificação. Para este exemplo, foi

escolhido o Edifício Filhinho[10], construído na década de 1940, e que funcionou até os anos 2000 o famoso ponto de conversa e encontro: o Café São Paulo.

Para isso, foi apresentado uma foto do Edifício Filhinho do ano de 1944 (figura 19). Quando apresentado a foto e perguntado se os entrevistados reconheciam e localizavam a edificação na Praça Nereu Ramos, 46,66% responderam que não se lembravam (tabela 15).

Tabela 15: Edifício Filhinho



Fonte: Elaborado pela autora.

[10] O edifício Filhinho se encontra numa das esquinas famosas da Praça Nereu Ramos. Construído na década de 1940, leva este nome em homenagem ao filho do proprietário, Abílio Paulo Filho. O prédio possui linguagem Art Déco, com platibandas para esconder os telhados embutidas, e marquises e forte marcação da esquina, indicando a preocupação da época com os passeios e os pedestres.

Figura 19: Edifício Filhinho (1944)

Fonte: Arquivo Histórico Pedro Milanez.

Entre os que não reconheciam o edifício, também tinham aqueles que confundiram-no com outro edifício presente na Praça, por possuir características arquitetônicas semelhantes, e que também abrigava outro café famoso, o Café Rio. Isto é verificado pelo relato do entrevistado 10: “Não reconheço, acho que é o perto da esquina da catedral”.

De acordo com os entrevistados que sabiam localizar a edificação, alguns ainda sabiam contar um pouco da história do edifício. Isto é verificado nos relatos dos entrevistados 07 e 19: “Sim, sei que antigamente ficava um famoso café, mas não me lembro se era o café Rio ou São Paulo”. “Sim, fica na esquina da praça e hoje funciona uma sapataria, mas foi por muito tempo um café, e seu prédio hoje está bem acabado”.

Esta edificação está localizada na esquina da Praça Nereu Ramos com a rua Conselheiro João Zanette. Atualmente o térreo deste edifício encontra-se totalmente descaracterizado pela abertura de grandes vitrines, possuindo grandes placas publicitárias que escondem parte de sua fachada, e suas características arquitetônicas (figura 20).

Figura 20: Edifício Filhinho, 2019.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Sabe-se que a paisagem urbana é um lugar construído através da história do homem, e onde foram deixados traços, memórias de uma atividade produtiva, sinais de infraestruturas, monumentos arquitetônicos ou espaços. “Não há nenhuma parte da cidade e do território em que não se encontrem os densos traços do passado, mesmo naqueles mais recentes” (SECCHI, 1985). Estes aspectos afetam e condicionam decisivamente os processos de crescimento e de transformações das cidades, do território e da paisagem.

A compreensão e percepção da paisagem urbana pelos sujeitos é realizada por meio da identificação dos marcos urbanos, que são as referências que cada indivíduo possui da cidade. Para Landim (2004) os marcos urbanos são criados através de processos ao longo do tempo, relacionados com a nossa percepção, memória e inteligência. Um problema recorrente em muitas cidades é o encobrimento das paisagens urbanas e edificações históricas por elementos visuais, que escondem da vista de todos os cidadãos os elementos presentes. A enorme quantidade de símbolos e imagens dispostas principalmente nas edificações comerciais,

atrapalham a leitura e compreensão da paisagem urbana, transformando os centros de diversas cidades em locais homogêneos e idênticos.

Os edifícios localizados na Praça Nereu Ramos e no seu entorno, como é o caso do Edifício Filhinho e tantos outros, apresentam grandes placas de publicidade e propaganda, encobrindo grande parte, ou até mesmo toda a extensão de suas fachadas. Esta técnica de publicidade esconde os elementos arquitetônicos dos edifícios, encobrindo a sua verdadeira linguagem, levando a descaracterização dos lugares. A paisagem uniforme das fachadas encobertas transformam os espaços públicos da cidade em locais não-simbólicos chamados por Augé (2005, p.77) de não-lugares. Uma pessoa pode estar em qualquer rua e em qualquer lugar, podendo gerar o desapego, e dificultando a apreensão dos lugares.

> Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. [...] a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a 'lugares de memória', ocupam aí um lugar circunscrito e específico.

A Praça Nereu Ramos é um formador de "urbanicidade", conceituado por Magalhães (2002), por ser lugar de integração entre o social e o urbano. Os espaços públicos possuem a característica de fortalecer a diversidade de usos e de usuários democraticamente em um mesmo local, repercutindo na criação da memória coletiva e da cultura. Isto é fundamental para o reconhecimento histórico do coletivo, sendo que "a sua permanência/preservação reforça uma identidade coletiva e é, intrinsicamente, uma força positiva" (MAGALHÃES, 2002, p.39).

A identidade de lugar não foi percebida em todos os sujeitos da pesquisa, sendo que 50% compõe o conjunto dos que se identificam. Alguns participantes identificaram –se com elementos das praças e não com a praça em si compondo um lugar, outros já a identificaram como em espaço, um lugar com sentimento de pertencimento. Do coletivo da pesquisa 26% identificam-se com a Casa da Cultura, 26% defenderiam a praça de possíveis agressões. Quanto a motivação para estar na praça a maioria vai motivada pelo comércio integrado à praça, lazer e convívio social.

Levando-se em consideração esses aspectos, a Praça Nereu Ramos, como exemplo de espaço público para a cidade de Criciúma pode ser considerada um símbolo de vida coletiva, fornecendo a oportunidade de trocas sociais entre seus indivíduos e grupos, proporcionando o encontro e sendo referência à história e memória.

4.2 A LEITURA DA PAISAGEM URBANA: A PRAÇA VIVIDA HISTORICAMENTE

Com o auxílio do inventário fotográfico realizado através de fotografias antigas disponíveis no arquivo histórico municipal Pedro Milanez, e fotografias feitas pela própria autora durante o ano de 2019, foi possível realizar uma leitura da paisagem urbana da Praça Nereu Ramos, interpretando as transformações ocorridas ao longo do tempo. As modificações puderam ser percebidas tanto no meio social, em relação as transformações de emoções sentimentos, costumes referentes a cada época; como também no meio físico, com modificações no seu espaço urbano, traçado de vias, monumentos, edificações e elementos físicos presentes. Para melhor compreensão, a leitura da paisagem urbana foi dividida em períodos, dispostos a seguir.

4.2.1 Período de 1899 - 1920

A partir das fotografias antigas entre o período de 1899 e 1920, é possível perceber as características da paisagem existente no entorno do Núcleo Colonial, essencialmente agrícola, formado por pequenas propriedades instaladas próximas as margens do rio Criciúma. A proximidade com o rio era importante, pois os colonos utilizavam suas águas para uso cotidiano e também para atividades agrícolas e pastoris.

Os primeiros traçados e caminhos do núcleo colonial foram influenciados pelo curso do rio Criciúma, no local onde hoje está instalada a Praça Nereu Ramos. O rio influenciou a organização espacial do núcleo e era utilizado como forma de localização dos lugares. Posteriormente, as primeiras ruas foram construídas nas margens do rio, e este se transformou em um signo norteador dos caminhos, e que participava ativamente do cotidiano individual e coletivo da sociedade (ADAMI, 2015).

O núcleo passa a ser denominada de Distrito de São José de Cresciúma em 1892, o que acarretou na necessidade de instalação de vários equipamentos públicos para realização das atividades socioadministrativas, como escola pública, cartórios e subcomissionato de polícia. Estes equipamentos foram instalados no local da atual Praça ou em suas proximidades, contribuindo para consolidação deste espaço como o mais importante do Distrito.

Entre os equipamentos instalados ao redor da futura Praça, está a Igreja São José (figura 21), que influenciou aquele local como o ponto mais importante da vila. Nas imagens

datadas da década de 1900, podemos perceber a grande aglomeração de pessoas para a inauguração da Igreja São José, que era muito utilizada para os encontros religiosos aos domingos.

A partir do inventário fotográfico podemos perceber a evolução espacial do local onde hoje está instalada a Praça Nereu Ramos, verificando as modificações das características de sua paisagem ao longo das décadas. Na imagem de 1900, o local da futura Praça era um grande espaço de pastagem de animais, como cavalos e bois (figura 22). Nas imagens da década de 1910 é possível perceber neste local a criação de um campo de futebol, utilizado pelas primeiras famílias como local para jogar futebol, bola de pau, e também continuava como uso para potreiro e pastagem de animais. O seu entorno é caracterizado ainda por uma paisagem estritamente rural, com presença de pastagens e plantações. As casas existentes eram construídas com os fundos para o rio Criciúma.

Figura 21: Igreja São José (local atual)

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

Figura 22: Local atual Praça Nereu Ramos

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

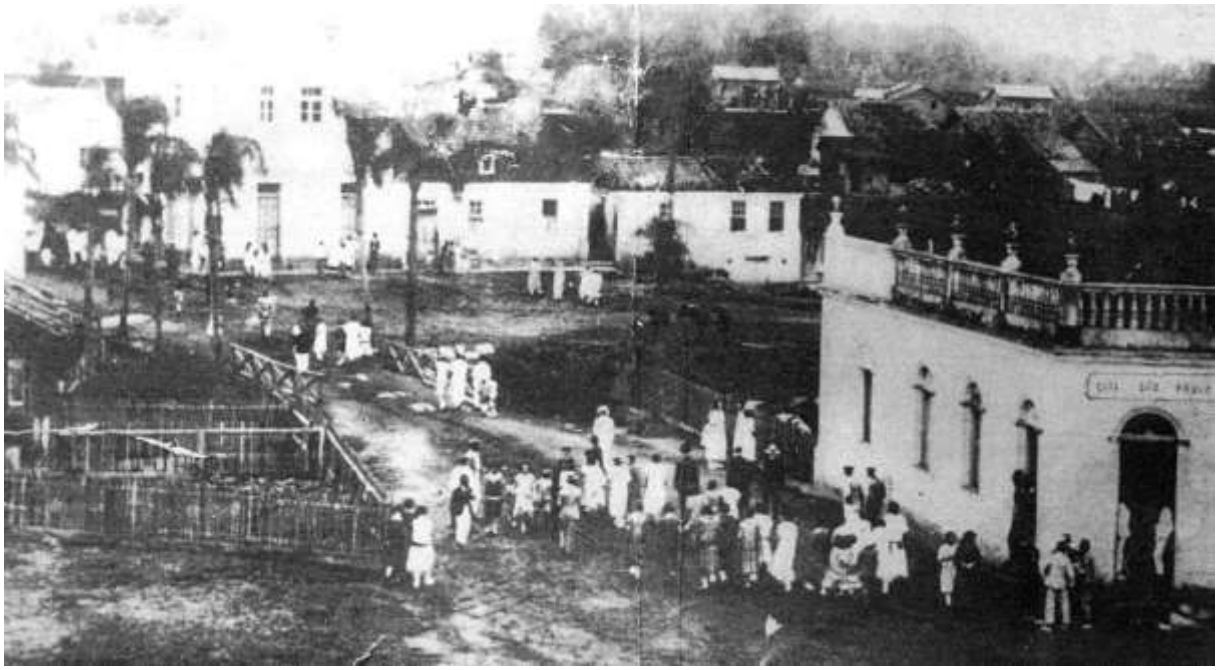
No ano de 1910 surge neste local a primeira edificação comercial do núcleo colonial para venda de excedentes agrícolas, a Cooperativa Vitória Ltda. Com o passar dos anos, são instalados nas proximidades outras 'vendas' e armazéns de secos e molhados, o que resultou no fortalecimento do comércio no espaço central. Por estarem localizados na confluência das estradas coloniais, estes espaços se transformaram também em lugares de trocas sociais, por serem pontos de encontros entre os colonos, que se reuniam para conversas.

Pelas imagens da década de 1920, pode ser visto a presença de novas construções no núcleo central, influenciada pelo descobrimento do carvão em 1913 e a construção da Estrada de Ferro Dona Teresa Christina em 1919, que acarretou no início da modificação da atividade econômica do Distrito, passando do agrícola para a atividade mineira.

A indústria carbonífera provocou mudanças drásticas na paisagem do município como um todo. Segundo Adami (2015) junto com a indústria carbonífera vieram as aberturas das minas, construção das vilas operárias, caixas de embarque, a Estação Ferroviária, Casa do Ferroviário; e ainda o início da degradação ambiental da região devido à grande quantidade de rejeitos provenientes da atividade.

Analisando a paisagem da época, mesmo com as modificações da atividade econômica do distrito, permaneceram ainda as características rurais do entorno, com as plantações agrícolas e comércio agropecuário. Isto ocorre pois as modificações na paisagem são lentas, e não são realizadas todas juntas, acarretando na formação de elementos de períodos diferentes. Adami (2015, p. 83) salienta que "isto significa que foi necessário um longo período de transição para que a paisagem da bacia do rio Criciúma obtivesse características de paisagem extrativa e urbana e o mineiro perdesse as características de colono".

Figura 23: Núcleo central da Vila em 1920



Fonte: Arquivo Histórico Municipal

Ao longo dos anos a atividade carbonífera foi se intensificando, atraindo a vinda de pessoas de cidades vizinhas, ocasionando em um estímulo ao setor comercial e econômico no centro da cidade, instalando em seu núcleo diversos estabelecimentos comerciais, como lojas, mercados, bares e hotéis. A modificação da paisagem pode ser observada pela figura 23 do núcleo central da vila, com a implantação de várias construções térreas de estilo colonial, com destaque para a edificação no canto direito da foto, o Café São Paulo. Nesta imagem também podemos perceber a grande presença de pessoas usufruindo do espaço público da rua como forma de socialização e local de trocas e convívio social.

Figura 24: Estação Ferroviária Criciúma

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

4.2.2 Período 1930- 1950

Foi ao longo da década de 1930 que a Praça Nereu Ramos começa a ser construída, com a demarcação dos caminhos, jardins e plantio de árvores. A construção da Praça transformou o modo com que a população se apropriava do local. De acordo com Seda et al. (2014, p. 100) "essa passagem da 'condição' de espaço para a 'condição' de lugar é resultante da fecundação das funcionalidades pela 'habitação' do ser humano com sua poética e seus processos de identidade repletos de pulsações e de vida". Portanto a transformação da praça para um lugar agradável incentivou a sua apropriação como local de vida, memória e cultivo pessoal.

A década de 1930 é caracterizada por diversas transformações em sua área central. O Distrito já emancipado e o rápido crescimento econômico oriundo da indústria carbonífera contribuíram para conformação do pequeno povoado no entorno da Praça Nereu Ramos, com aparecimento de várias residências e estabelecimentos comerciais e de serviço. Estas edificações eram de propriedade de agricultores que começaram a investir os lucros de suas plantações em outros setores, como comércio e pequenas indústrias. Nas imagens, percebe-se

que mesmo com a implantação de novas ruas e construções no entorno da Praça, esta continua com características rurais, com pastagens, plantações agrícolas e traçado do rio visível (figura 26).

A Praça Nereu Ramos, nesta época já tinha se transformado no principal espaço urbano do município e local das trocas sociais entre os moradores, simbolizando sua importância social, econômica e cultural para a cidade. Era neste local onde ocorreu os mais importantes fatos históricos do município, contribuindo para formação da sociedade criciumense.

As mais importantes atividades sociais eram realizadas na praça, atraindo milhares de pessoas. Entre os eventos, podemos destacar a quermesse, carnavais, eventos cívicos, festas religiosas e populares. A festa de São José, o padroeiro da igreja matriz, foi realizada pela primeira vez em 1925. Era uma festa que envolvia toda a comunidade, onde os colonos se organizavam e ajudavam a arrecadar fundos para a construção das torres da igreja, sendo uma construída em 1935, e a segunda em 1940 (AUGUSTINHO, 2007).

Figura 25: Catedral São José

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

A festa de São José era um momento de renovação da fé, mas também utilizada para entretenimento e lazer à população (figura 25). A festa ocorria na Praça Nereu Ramos,

com montagem de barracas para comercialização de quitutes, bazar, churrasco, bebidas, etc. Ao lado da igreja existia uma cancha de boxa, e ao seu lado um coreto, usado para palco de apresentações de bandas e corais. A festividade ocorria durante o dia inteiro, utilizando a praça como local de encontro e convívio entre amigos e parentes.

Figura 26: Avenida Getúlio Vargas 1930

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

Figura 27: Rua João Pessoa 1930

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

A indústria carbonífera trouxe transformações nas dinâmicas da sociedade criciumense. A ascensão econômica influenciou na construção de residências de alto padrão e

sobrados de comércio e apartamentos na Praça Nereu Ramos e seus arredores (figura 27). O centro foi o local de moradia de pessoa da alta classe social, formadas pelos engenheiros, técnicos e administradores que trabalhavam na mineração.

A Praça Nereu Ramos também foi local para simbolizar os principais trabalhadores da história da cidade de Criciúma: os mineiros. Em 1946 foi erguido no centro da praça o monumento aos mineiros, reconhecendo o valor destes trabalhadores corajosas e guerreiros, e sua importância frente a construção e fortalecimento econômico de toda a região. Os mineiros aposentados até hoje frequentam a praça, e a utilizam como local de convívio social, onde relembram os fatos e histórias do passado.

A vida social acontecia praticamente ao redor da Praça Nereu Ramos. Entre as décadas de 1940 e 1950 a Praça era tomada pelos blocos do carnaval de rua. Os bailes carnavalescos eram organizados pela Sociedade Recreativa Mampituba que tinha sua sede na praça. Era uma festa de grande prestígio para a elite da sociedade criciumense.

Figura 28: Praça Nereu Ramos 1940

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

A Praça também era local de romance na cidade. Antigamente, as missas eram os locais onde os jovens se encontravam e conheciam outras pessoas. Os moradores vinham nos

sábados e domingos para a área central e permaneciam grande parte do dia sentados nos bancos ou andando pela praça para o encontro de namorados e amigos.

Na década de 1940 foi inaugurado na Praça uma nova opção de lazer para a cidade de Criciúma: o Cine Rovaris. Na época não existiam muitas opções de lazer, as crianças brincavam de bolinha de gude e de boneca, mas nos finais de semana, não havia nada mais desejado do que frequentar o cinema. A cobiça era tanta que em algumas sessões eram formadas grandes filas, que chegavam a ultrapassar os limites da praça.

Figura 29: Vista do alto da torre da Catedral, 1943

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

Por muito tempo, a principal fonte de informação das notícias de Criciúma era a Praça Nereu Ramos. Por ela as notícias políticas, sociais e religiosas eram repassadas através do encontro das pessoas e rodas de conversa. Em 1946 foi fundado a Voz de Cresciúma, que retratava as notícias da cidade por meio de um serviço de auto-falante fixados no jardim da Praça Nereu Ramos. Este serviço se transforma na Rádio Eldorado em 1948, localizada no edifício São Joaquim, trazendo notícias políticas, sociais e culturais, além de música e transmissão de radionovela (AUGUSTINHO, 2007).

A necessidade de trabalhadores para as indústrias carboníferas ocasionou em um grandioso e rápido crescimento populacional acarretando na vinda de grande quantidade de pessoas que não possuíam nenhuma relação e identidade com os elementos da paisagem do município de Criciúma.

A vinda de migrantes sem identificação com os elementos sociais e culturais, e a rápida transformação da cidade ocasionaram na perda dos elementos significantes construídos coletivamente pela população original criciumense, não havendo mais o sentimento de pertencimento ao local. De acordo com Adami (2015, p. 106) “quando a paisagem não apresenta significado, não há um vínculo por parte das pessoas que convivem com ela, consequentemente esta se torna apenas o local em que se desenvolve as atividades cotidianas”.

Dentro deste contexto, a nova paisagem criada, resultado das transformações econômicas e sociais relacionadas à mineração do carvão, representaram uma nova identidade e nova forma de apropriação dos migrantes. Esta falta de identidade pelos novos moradores contribuiu também na intensificação das mudanças no espaço urbano central. De acordo com as imagens da época, ocorreu uma rápida substituição dos poucos casarios existentes na Praça por sobrados da tipologia Art Déco. Estes edifícios possuíam em seu pavimento térreo o uso comercial, e nos pavimentos superiores o uso residencial. As novas edificações provocaram um adensamento urbano aquele espaço, que diferentemente das casas coloniais, foram implantadas sem afastamentos laterais e frontais, o que provocava uma estruturação e limitação à rua, criando uma maior interação entre os espaços privados e os espaços públicos.

A nova forma de implantação das edificações modificou a relação entre a paisagem urbana e os elementos físicos do entorno da Praça, alterando a forma com que os usuários se relacionam e percebem o espaço. Além das construções em novo estilo arquitetônico, a paisagem da Praça também foi sendo modificada pela implantação de novos equipamentos públicos (prefeitura e câmara de vereadores) e de monumentos identitários à sua população (monumentos aos homens do carvão).

Além das modificações em suas tipologias arquitetônicas, o entorno da Praça também foi alterado pela terraplanagem dos terrenos, aberturas de novas ruas e eliminação de alguns afluentes do rio Criciúma (figuras 30 à 34).

Figura 30: Interior Café São Paulo, 1940

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

Figura 31: Comemoração Chorpus Chisti (Rua João Pessoa) 1940

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

Figura 32: Vista Aérea Praça Nereu Ramos, 1950

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

Figura 33: Concentração Religiosa na Praça Nereu Ramos, 1951

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

Figura 34: Rua João Pessoa - P. Nereu Ramos. Casa Londres à direita funcionava como Bar e Restaurante Gruta Baiana.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

4.2.3 Período 1960- 1980

A década de 1960 ficou caracterizada pela crescente expansão urbana da cidade. Iniciou no município um novo ciclo econômico, proporcionando a diversificação industrial. O carvão deixa de ser símbolo de progresso, e a sociedade criciumense busca uma modernização urbana, e para isso, nega tudo que remete à cultura do carvão, apagando aos poucos as suas marcas.

Dentro deste contexto, começa a se desenvolver na cidade a indústria da construção civil. Ao longo do tempo, a paisagem da cidade é modificada pela implantação de altos edifícios na região central, que contrastam com os antigos sobrados de dois pavimentos. As modificações não ocorreram somente no estilo e características das edificações, mas refletem também nas transformações da cultura e sociedade da época (figura 35).

Figura 35: Vista aérea da Praça e do Centro de Criciúma, 1966

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

Estas transformações provocaram a perda do significado e importância dos edifícios de tipologia Art Déco frente a paisagem da Praça Nereu Ramos. A implantação de edifícios com maiores gabaritos no seu entorno, e recobrimento das fachadas por grandes placas publicitárias modificaram a relação entre a paisagem urbana e os elementos físicos da Praça, alterando a forma com que os usuários se relacionam e percebem o espaço.

As modificações na paisagem aparecem primeiro na Praça Nereu Ramos e no seu entorno, por serem estes os locais de vivência e moradia das pessoas com maiores classes sociais. Portanto é na Praça onde ocorre a representação do poder financeiro da elite criciumense, por meio da ostentação nos prédios e de suas transformações para almejar o poder e a modernidade.

O alto poder aquisitivo dos trabalhadores transformou a Praça em uma passarela para desfile da população. Os homens passeavam vestidos de terno e gravata, e as mulheres roupas elegantes sob medida. Nos finais de semana a Praça era muito movimentada, com presença dos moradores durante o dia inteiro, se estendendo pela madrugada. Os bares e cafés presentes, como Café São Paulo e Café Rio, eram locais disputadíssimos e recebiam uma grande quantidade de pessoas.

Figura 36: Colocação Petit Pavê na Praça

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

Figura 37: Inauguração Petit Pavê na Praça

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

Figura 38: Praça Nereu Ramos 1970 - Triangulo Praça Eltevina Luz e vista edifício atual

Fonte: Foto Zapellini

A afirmação da elite criciumense no espaço urbano central também influenciou em modificações no rio Criciúma. Foram realizadas obras de retilinização e canalização do rio e de seus afluentes, tratando o rio como um ser indesejado, um esgoto que somente traz sujeira, poluição e odor desagradável. Estas obras resultaram no desaparecimento da relação do rio com a paisagem urbana do centro.

A diversificação industrial provocou o desenvolvimento da indústria cerâmica na cidade. No fim da década de 1960, e início da década de 1970, o desejo de esquecimento à cultura do carvão, e a necessidade de apoio ao novo ciclo econômico, incentivaram o recobrimento das fachadas das edificações comerciais e residenciais da área central com revestimentos cerâmicos (figura 38).

O exemplo mais significativo foi a reforma da Catedral São José, que recebeu revestimento de azulejos em toda a sua fachada. O surgimento do movimento moderno ocasionou modificações drásticas na implantação e tipologia dos edifícios, construídos de maneira isolada nos lotes, com presença de jardins com espelhos d'água, planta livre, e fachadas marcadas por linhas retas e panos de vidro.

O desejo de uma cidade moderna gerou como consequência reformas e transformações do espaço urbano central. Na Praça Nereu Ramos o Monumento aos Homens do Carvão foi transferido do seu espaço central de destaque para um local adjacente à Praça. Em seu espaço vazio, é construído em 1971 uma fonte luminosa com um chafariz, sendo desinstalado em 1990 (figura 39).

Figura 39: Fonte Luminosa- Praça Nereu Ramos, 1979

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

Nesta mesma época, foi iniciado o processo de verticalização do centro, acarretando no crescimento da indústria da construção civil, transformando profundamente a paisagem e forma e ocupação da cidade. Em 1973 ocorre a transferência da ferrovia da região central, e implantação da axial-avenida Centenário que interligava as partes leste e oeste da cidade (figura 40).

A retirada da ferrovia e as alterações realizadas, descaracterizaram e destruíram contexto histórico e seu conjunto simbólico de identidade remetente à mineração do carvão. As alterações no espaço urbano para atender as necessidades dos automóveis e a especulação imobiliária ocasionaram na demolição das estações ferroviárias, a casa do ferroviário, do pontilhão que interligava a Rua Anita Garibaldi com a Joaquim Nabuco, e a relocação do monumento ao mineiro. (OLIVEIRA e MILIOLI, 2014).

Figura 40: Av. Centenário- Terminal de Transportes Urbanos, 1981

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

Criciúma é uma cidade que sempre buscou se reinventar e se transformar a fim de se afirmar como moderna. Segundo Nascimento (2004, p.15) "A sua relação com a ferrovia se estabeleceu sob o signo da modernidade, ora afirmando um vínculo, quando a estrada de ferro simbolizava o progresso, para depois descartá-la em vista de outros meios de modernidade". A construção da ferrovia significava tudo que era mais moderno para a época. Com o avanço da tecnologia e o aparecimento dos automóveis e aviões, a relação entre a cidade e a ferrovia foi se modificando, e antes o que era símbolo do progresso, se transformou em um empecilho ao desenvolvimento.

Com o contínuo crescimento da economia, no final da década de 1970 ocorre o processo de reordenamento e reorganização do espaço urbano central, com ações visando sua revitalização. A proposta urbana elaborada pelo arquiteto Manoel Coelho, transformou em calçadões as ruas lindeiras da Praça Nereu Ramos. A requalificação compreendia parte das Ruas Conselheiro João Zanette, Seis de Janeiro e Padre Pedro Baldoncini, ampliando mais tarde

para a Avenida Getúlio Vargas e parte da Rua João Pessoa, deixando estes lugares livres e propícios para a circulação dos pedestres (figura 41), incentivando ainda mais este local como espaço de lazer e convívio, e promovendo o comércio ali existente. Nesta mesma época é inaugurado na Praça o Shopping Della Giustina, considerado o segundo shopping do estado.

Figura 41: Praça Nereu Ramos, 1979.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

A transformação paisagística do espaço urbano central trouxe uma nova identidade visual do município, incluindo novo mobiliário urbano, iluminação pública, e calçamento em petit pavê com desenhos geométricos e com a logomarca exclusiva que se espalhavam por toda a cidade (figuras 42 e 43).

Figura 42: Catedral São José, 1979.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

Figura 43: Casa da Cultura, 1980.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

Em 1989 foi realizada a primeira Quermesse de Tradição e Cultura do município de Criciúma (figura 44 e 45). Era uma grande festa popular que reunia todas as etnias fundadoras do município, para enaltecer a gastronomia típica, e apresentações artísticas e culturais. A festa foi realizada na Praça Nereu Ramos, com grande participação da população. Ao longo das edições, a festa foi sendo consolidada e se tornava cada vez maior, e em 1995 foi transferida para o Parque Centenário, sendo posteriormente transferida em 2006 para o Centro de Eventos.

Figura 44: Festa das Etnias, 1980

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

Figura 45: Vista Aérea Praça Nereu Ramos, 1980

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

4.2.4 Período 2000 - 2019

Na década de 2000 ocorre o rápido crescimento da indústria da construção civil e expansão imobiliária. No centro e nos bairros de seu entorno, a paisagem é modificada pela rápida verticalização de seus edifícios. A especulação imobiliária provoca no espaço urbano central, a demolição de edificações com importância arquitetônica e histórica, construídas entre as décadas de 1950 e 1960, substituídas por conjuntos de salas comerciais ou edifícios.

A negação ao patrimônio cultural e aos espaços públicos centrais proporcionaram o esquecimento da população quanto as edificações históricas existentes na cidade. O calçamento em petit pavê pôde ser considerado uma das marcas identitárias da cidade de Criciúma, mas atualmente encontra-se em uma situação precária, devido à falta de manutenção e cuidados tanto pelos moradores quanto pela administração municipal.

Ao longo da década de 2010, a cidade passa por uma nova reforma urbanística. As ruas de diversos bairros da cidade receberam a implantação da rede de esgotamento sanitário,

e construção do canal auxiliar do Rio Criciúma, passando pela extensão da Praça Nereu Ramos e ruas de seu entorno. Em conjunto com as obras de infraestrutura da cidade, ocorreram a substituição dos elementos urbanísticos da reforma do final da década de 1970, com a renovação do mobiliário urbano, e retirada do pavimento em petit pavê, substituído por blocos de concreto intertravado A transformação paisagística do espaço urbano central trouxe uma nova identidade visual do município, incluindo novo mobiliário urbano, iluminação pública, e calçamento em petit pavê com desenhos geométricos e com a logomarca exclusiva que se espalhavam por toda a cidade (figuras 46).

A reforma previa no projeto inicial a retirada do petit pavê em toda a extensão da Praça Nereu Ramos. Devido a manifestações de alguns órgãos, como a própria Fundação Cultural da cidade, o petit pavê foi mantido nos locais da formação original da Praça, como o triângulo da Praça da Bandeira, e nos passeios ao longo dos canteiros e seu espaço central (figura 47).

O petit pavê pode ser considerado como parte do Patrimônio histórico cultural da cidade, pois remete ao símbolo e identidade da Praça Nereu Ramos. Segundo Oliveira e Milioli (2014, p.134) “a praça é o maior simbolismo da cidade, e o petiti-pavê é o simbolismo da praça

Figura 46: Praça Nereu Ramos, 2019.

Fonte: Acervo pessoal da autora

juntamente com as árvores, o conjunto arquitetônico que a circunda e pelo sentido de pertença que propõe ao usuário".

Figura 47: Praça Nereu Ramos, 2019.

Fonte: Acervo pessoal da autora

Mesmo com tantas transformações em sua paisagem, a Praça continua sendo caracterizada como um espaço democrático de convívio de pessoas de todas as idades, credos e classes. Diariamente é possível perceber a presença habitual dos aposentados sentados nos bancos sob a sombra das árvores, descansando e conversando. Augustinho (2007, p. 110) qualifica a Praça como um local hospitaleiro, sendo o "melhor lugar para as boas relações sociais de pessoas da terceira idade. A praça central de Criciúma, com sua beleza e atmosfera, é um ótimo estimulante para o corpo, a mente e o espírito".

Os jardins e bancos presentes na Praça Nereu Ramos também são utilizados pelos trabalhadores para descanso nos seus intervalos do almoço. As árvores presentes proporcionam ar puro e sombra, criando um ambiente agradável e atrativo.

A Praça Nereu Ramos é considerada um palco artístico e cultural, onde ocorre o encontro das pessoas com as artes. É o local onde são expostos trabalhos artísticos e científicos, também produtos como artesanato, artes plásticas e literatura. No projeto Meio-Dia Cultural ocorrem apresentação de artistas, com dança, canto, teatro no miolo da praça. Durante os sábados a Feira do Bric (figura 48), com comércio de produtos de artistas e artesãos da região. Segundo Augustinho (2007, p. 299) o sábado na praça "[...] é um reflexo positivo dos valores desenvolvidos ao longo de muitos anos, desde os tempos dos primeiros colonizadores do município".

> O sábado na Praça revela o modo de ser do povo criciumense, suas características psicológicas, sua cultura e sua essência. É um reflexo positivo dos valores desenvolvidos ao longo de muitos anos, desde os tempos dos primeiros colonizadores do município. A praça reflete, [...] sua grande importância e sua missão de vida sociocultural de Criciúma.

Figura 48: O sábado na Praça Nereu Ramos, 2019.

Fonte: Acervo pessoal da autora

Mesmo após tantas transformações em sua paisagem, a população de Criciúma permanece com um grande afeto pela Praça Nereu Ramos. As diversas transformações recorrentes da história da Praça durante todos os anos, a transformaram em um simples espaço

qualquer em um lugar antropológico. A Praça Nereu Ramos é o resultado da vida e das experiências da sociedade criciumense, simbolizando todas as boas lembranças e sentimentos vividos. Portanto seu processo de construção de lugar antropológico foi possível devido ao reconhecimento e apropriação de seus usuários frente ao espaço público que é a Praça Nereu Ramos.

Figura 49: Monumento aos Homens do Carvão, 2019.

Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 50: Catedral São José, 2019.

Fonte: Acervo pessoal da autora

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo inicia-se pela vontade de pesquisar a Praça Nereu Ramos, local que fez parte de quase toda a vida da pesquisadora. Para a pesquisadora, a Praça é uma extensão de sua casa, é onde ela passou grande parte da infância e adolescência, e onde ela ainda passeia aos sábados pela manhã. Mas será que a população de Criciúma também reconhece a Praça Nereu Ramos como elemento formador de sua memória social e identidade?

Este trabalho pretendeu investigar o processo de apropriação e identidade de lugar que a população de Criciúma possui quanto a importância da preservação dos espaços públicos e paisagem urbana da Praça Nereu Ramos. Para conseguir atender aos objetivos propostos foi necessário realizar pesquisas bibliográficas, inventário fotográfico, observações e entrevistas semiestruturadas na Praça. As análises dos dados foram realizadas por meio de análise de conteúdo e ou análise por conceitos chave.

O entendimento da Praça como espaço público, necessitou de reflexões quanto aos conceitos de apropriação de espaço, formação de identidade de lugar, formação de lugar antropológico, relações entre sujeitos e identidade urbana, e ainda a relação entre paisagem e memória urbana. Sua perspectiva está no âmbito da transdisciplinaridade, utilizando valores e sensibilidades da psicologia ambiental, antropologia, sociologia, e conceitos técnicos da geografia, arquitetura e urbanismo.

Durante a pesquisa, foi possível reconhecer a Praça Nereu Ramos como espaço materializado de toda a história Criciumense. Foi nela onde ocorreram os principais fatos históricos da cidade, e o desenvolvimento das manifestações culturais, filosóficas e artísticas da população. As atividades e fatos que ocorriam e ainda acontecem na praça contribuíram para o desenvolvimento social atual, influenciando na forma de pensar, agir e ser de seus moradores. A memória da população está relacionada com a região central da cidade. Possuem como tradição a reunião para conversas, debates, realizar manifestações culturais, sociais e políticas.

As observações realizadas nas pesquisas de campo em conjunto com as entrevistas revelaram que há cidadãos que não se deixaram apropriar e se identificar com o ambiente da Praça, mas também foram percebidos usuários que reconhecem a Praça Nereu Ramos e seu entorno como um espaço de significado extraordinário. É neste local onde se concentram as principais relações sociais, incentivando o encontro, o lazer e as trocas sociais entre pessoas. As experiências de campo em conjunto com o inventario fotográfico da Praça revelou que este

é o lugar mais importante da cidade, representando o símbolo máximo da cultura e história dos moradores e da vida urbana da cidade.

O estudo das transformações da paisagem urbana da Praça realizadas deste o início da fundação da vila até os dias atuais utilizou não somente as teorias de planejamento urbano e patrimônio material da área de arquitetura e urbanismo, mas também perceber toda a evolução da complexidade das relações sociais de seus usuários.

A partir da coleta dos dados, foi possível perceber que a forma urbana atual da cidade de Criciúma foi sendo estruturada de acordo com fatos históricos ocorridos. O caminho inicial dos tropeiros, a Praça Nereu Ramos, a religiosidade e principalmente a atividade econômica do carvão influenciaram tanto a vida social como a formação da cidade. Balthazar (2001, p. 92) cita os quatro fatores principais definidores do centro urbano:

> Primeiro - o cruzamento viário no início da formação da vila. Segundo – a definição do espaço atual da Praça Nereu Ramos. Terceiro – a construção da ferrovia e da estação ferroviária. Quarto – a implantação do escritório do DNPM e das casas deste departamento, assim como a realização do Congresso Eucarístico Diocesano.

Embora a produção carbonífera tenha motivado a cultura dos cidadãos criciumenses, poucos elementos simbólicos coletivos se encontram presentes na paisagem urbana da cidade. Poucos exemplares restantes ainda relembram a desvalorizada cultura do carvão frente a identidade da cidade. Permanecem o Monumento aos Homens do Carvão na Praça Nereu Ramos, o antigo casarão que funcionava como sede regional do Departamento Nacional da Produção Mineral DNPM, parte da Ferrovia que ainda corta parte da cidade, as Bocas de Mina desativadas, a Mina Modelo, a Casa do Ferroviário, e alguns equipamentos (OLIVEIRA e MILIOLI, 2014).

Há de reconhecer que ocorre o início de um recente movimento de revalorização da indústria carbonífera em Criciúma, a fim de relembrar a pratica econômica que impulsionou a região no passado. A implementação de cenários que relembram o carvão mineral nos novos parques instaladas na cidade (mini ferrovia com estação no Parque das Nações, monumento Eu amo Criciúma com um vagão de trem instalado no Parque Altair Guidi) não refletem os reais impactos que a atividade provocou na população e no meio ambiente.

Atualmente, o entorno da Praça Nereu Ramos possui grande complexidade funcional, caracterizado pelo intenso fluxo de pessoas devido a presença de forte comércio varejista e procura por serviços diversificados, que na maioria das vezes utilizam a galeria subterrânea do Terminal Urbano Central da cidade como forma de deslocamento.

As edificações em conjunto com outros simbolismos urbanos, como os monumentos, espaços públicos e privados como a igreja, o clube, o cinema, os bares e cafés constroem a paisagem urbana do entorno da Praça Nereu Ramos, e traduzem a identidade cultural de Criciúma. A Praça se transformou em um símbolo do encontro e convívio, utilizado como local de passeio no período diurno.

Após a discussão das análises, pode-se então perceber a falta de interesse tanto da população quanto de seus gestores políticos para a preservação dos conjuntos arquitetônicos Art Déco e Eclético que ainda sobrevivem no espaço urbano central. Este patrimônio histórico e cultural, com o passar do tempo, foi se remodelando e se descaracterizando. As construções mais antigas foram sendo substituídas por novas, ocasionando em uma heterogeneidade nas edificações, com diversos estilos arquitetônicos. Na paisagem da Praça e do seu entorno é ainda possível perceber alguns exemplares de edificações da década de 1940, edifícios revestidos de azulejos da década de 1970, e construções na linguagem atual.

A legislação existente na cidade referente à proteção do seu patrimônio é ineficiente, contando uma proteção devido a classificação como Zona Especial de Interesse Histórico-Cultural nas ruas limítrofes da Praça Nereu Ramos no Plano Diretor de 2012. O grande desafio presente nos centros urbanos históricos e também na cidade de Criciúma, é conseguir aliar o desenvolvimento urbano com a preservação da sua memória.

O patrimônio histórico cultural criciumense ao longo do tempo, vai perdendo sua identidade e memória, seja pelo descaso do poder público por falta de leis e fiscalização, o desinteresse pela proteção pela própria população, ou ainda pela desvalorização cultural frente aos proprietários e inquilinos dos imóveis com importância histórica.

Um exemplo de elemento tradicional característico do centro de Criciúma é o petit-pavê. O petit-pavê ou pedra portuguesa é um material utilizado para a pavimentação, com grande facilidade de montagem e manutenção, instalado por meio da compressão das pedras, sem utilização de cimento. Foi utilizado a partir de 1977 na pavimentação de todas as calçadas do espaço central, incluindo a Praça Nereu Ramos, formando desenhos em comemoração ao centenário da cidade.

O grande problema da presença desta pavimentação no espaço urbano central é a sua colocação inadequada e a falta de manutenção. Portanto, é visível a necessidade da valorização do conjunto da paisagem urbana e seus patrimônios culturais existentes no espaço urbano central, restaurando e protegendo os elementos significativos e de identidade para a permanência de sua história e cultura.

Podemos concluir que a paisagem urbana está em constante transformação, sendo constituída por elementos novos e antigos, realizados por processos de construção e reconstrução. O desejo de progresso da população acarretou na perda das marcas dos imigrantes iniciais, das primeiras formas de comércio agropastoril, de toda à cultura do carvão, da eliminação e esquecimento do rio Criciúma, da diversificação industrial, ou seja, de todas as marcas da história criciumense.

Almeja-se que essa pesquisa possa contribuir para os estudos relacionados à paisagem urbana da Praça Nereu Ramos. A falta de conhecimento da população pela própria história pode ser recuperada pela educação patrimonial. A educação patrimonial pode ajudar no reconhecimento do valor da preservação do bem cultural, dos seus espaços públicos, marcos, monumentos e arquiteturas, incentivando a população a interagir com a sua história, identificando os seus símbolos e identidades. Será somente através da educação e consciência que a população reconhecerá a relevância do patrimônio cultural, e aí sim poderá protegê-lo.

REFERÊNCIAS

ADAMI, Rose Maria. **Rio Criciúma**: o rio que a cidade escondeu: significados e representações na paisagem. Criciúma, SC: UNESC, 2015. 332 p.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 2005. 110p.

AUGUSTINHO, Aguinaldo. **Praça Nereu Ramos**: o coração de Criciúma. Florianópolis: Ed. Samec, 2007. p. 299.

AZEVEDO, A; MAGALHÃES, D. e PEREIRA, J. **City Marketing - MyPlace in XXI** - Gestão Estratégica e Marketing de Cidades. Grupo editorial Vida Econômica. 2010.

BALTHAZAR, Luiz Fernando. **Criciúma – Memória e Vida Urbana**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2001

BARBINI, F; RAMALHETE, F. A praça: intervenções contemporâneas em espaços de património**. Urbe - Revista Brasileira de Gestão**, v. 4, n. 2, p. 233-244, jul./dez. 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979. 229 p.

CARLOS, Ana Fani**. A cidade**. São Paulo: Contexto, 2003.

CARVALHO, K. D. **Lugar de memória e turismo cultural**: Apontamentos teóricos para o planejamento urbano sustentável. Revista de Cultura e Turismo. Santa Catarina, 2010.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999.

COPATTI, C.; OLIVEIRA T. D. de. **A leitura do espaço urbano**: interações entre patrimônio, memória e turismo cultural. Revista de Arquitetura IMED, pág. 48-58, jan./jun. 2016.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Monumentos, política e espaço**. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografia y Ciencias Sociales, Barcelona, v. IX, n. 183, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato. Cultura e cidade: uma breve introdução ao tema. In: CARLOS, Ana Fani A; LEMOS, Amália Inês Geraiges (Org.). **Dilemas urbanos**: novas abordagens sobre a cidade. São Paulo: Contexto. 2003.

COSTA, Marli de Oliveira; CÂMARA, Maurício Ruiz. **A cidade como texto**: tecendo saberes e conhecendo Criciúma. São Paulo: Baraúna, 2011. 533 p.

CRESTANI, A. M. Z.; KLEIN, R.M.M.A. Espaço, imagem e memória: adensamento dos conteúdos coletivos a materialidade da cidade. **Territorios**, Bogotá, v.36, p.139-157, 2017.

DARMEGIAN, S. A construção da subjetividade na metrópole paulistana: desafio da contemporaneidade. In: TASSARA, E. T. de O. (Org.) P**anoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2001.

DE LUCCA, G. R. **Dilemas da urbanização brasileira**: um estudo sobre as transformações espaciais na centralidade urbana de Criciúma/SC. Florianópolis: SC, 2015. 261p. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade.

FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras. **História da cidade e do urbanismo no Brasil**: reflexões sobre a produção recente. Cienc. Cult., São Paulo , v. 56, n. 2, p. 23-25, Apr. 2004.

FOLLMANN. J.I. **Identidade como conceito sociológico**. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, v.37, n.138, p. 48-66, 2001.

FONT, M. **A praça em movimento**: processos de transformações morfológicas e funcionais no Brasil do século XX. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

GARBOGGINI, F. B. **Por uma arquitetura dos espaços abertos**: a reabilitação do campus da Unicamp no século XXI. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

GASTAL, S. Lugar de memória: por uma aproximação teórica ao patrimônio local. In: GASTAL, Susana (org). **Turismo: investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 207 p.

GONÇALVES, T. M. **Cidade e poética**: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007. 208 p.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. 10ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

JODELET, D. A cidade e a memória. In: DEL RIO, V; DUARTE, C. R; RHEINGANTZ, P.A. (orgs.) **Projeto do lugar**: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa/ PROARQ, 2002.

JUNG. Carl. G. (Ed.); FRANZ, Marie-Luise von. **O homem e seus símbolos**. Ed. especial brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1969, 316 p.

LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 7 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014. 590p.

LANDIM, P. da C. **Desenho de paisagem urbana**: as cidades do interior paulista. São Paulo: Ed. da UNESP, 2004. 132 p.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, SP: editora da UNICAMP, 2003.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

LIMA, V. M. F. DE. A Construção do Conceito de Identidade Urbanística como Contribuição ao Campo do Desenho Urbano. **Cadernos do LINCC**, v. 3, n. 3, p. 160-182, 2009.

LYNCH, K. **A boa forma da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1999. 446 p.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 2017. 198 p.

MAGALDI, C. O público e o privado: propriedade e interesse cultural. In: SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. **O direito à memória - patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo,1992.

MAGALHÃES, S. **Sobre a cidade**: habitação e democracia no Rio de Janeiro. São Paulo: Pró Editores Associados, 2002. 137 p.

MARX, M. **Cidade Brasileira**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1980.

MOORE, G. Environment and Behavior Research in North América. History, Developments, and Unresolved Issues. In: STOKOLS, D.; ALTMAN, I. **Hand-book of Environment Psycology**, New York: Wiley & Sons, v. 2, p. 1371-1410, 1987.

NASCIMENTO, D. do. **As curvas do trem**: a presença da Estrada de Ferro do Sul de Santa Catarina (1880-1975) cidade, modernidade e vida urbana. Criciúma: UNESC, 2004. 184 p.

NASPOLINI FILHO, Archimedes. **Criciúma 70 anos – 1925-1995**. Criciúma: Editora do autor, 1995.

NORA, P. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto história. Revista do Programa de Estudos em Pós-Graduados em História e do departamento de História da PUC, São Paulo, n.10, 1993, p. 7-28.

OLIVEIRA, I. R. de; MILIOLI, G. **Sustentabilidade Urbana & ecossistema**: relações entre a sociedade, o desenvolvimento e o meio ambiente nos municípios. Curitiba: Juruá, 2014. 202 p.

OLIVEIRA, S. L. de O. **Tratado de Metodologia Científica**: projetos de pesquisas, TGI; TCC, monografia, dissertações e teses. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

POL, Einric. **La Psicología ambiental em Europa**. Barcelona: Antrhopos, 1988.

PORTO, Éder Pereira. **Planos diretores e (re) produção do espaço urbano no Município de Criciúma:** a produção da cidade e sua regulação legal. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

PROSHANSKY, H. M. **The city and self-identity. Environment na behavior**, 10 (2), 1978, p. 147-169.

ROBBA, F; MACEDO, S.S. **Praças brasileiras**. 2.ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003. 311p.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 86 p.

ROSANELI, A. F. Et al. **Apropriação do espaço livre público na metrópole contemporânea**: o caso da Praça Tiradentes em Curitiba/PR. Urbe-Revista Brasileira de Gestão Urbana, v.8, n.3, p. 359-374, set./dez. 2016.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5 ed. São Paulo, Editora da USP, 2012. 118 p.

SECCHI, B. **A Primeira lição de urbanismo**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

SECCHI, B. **L'eccezione e la regola**. In: Casabella, v.509, n.1, p. 29-31, 1985.

SEDA, T. M. et al. **A praça, a poética e os processos de identidade**: desvelando aspectos da identidade urbana. Raega - O Espaço Geográfico em Análise, v. 31, p.91-116, ago. 2014.

SENNETT, R. **Carne e Pedra**. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SOLÀ-MORALES, Manuel. **Las Formas de Crecimiento Urbano**. Barcelona. Edicions UPC. 2001.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VELHO, Gilberto. Individualismo, anonimato e violência na metrópole. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 6, n. 13, p. 15-29, jun. 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo De Consentimento Livre e Esclarecido

Título da Pesquisa: A Praça, Paisagem Urbana e seus Processos de identidade.

Objetivo: Investigar o processo de apropriação e identidade de lugar da população de Criciúma/SC quanto a importância da preservação dos espaços públicos e paisagem urbana da Praça Nereu Ramos**.**

Período da coleta de dados: 10/09/2019 a 16/10/2019

Tempo estimado para cada coleta: 20 minutos

Local da coleta: Praça Nereu Ramos

Pesquisador/Orientador: Teresinha Maria Gonçalves Telefone: (48) 34372588

Pesquisador/Acadêmico: Grasiele de Costa Scarduelli Telefone: (48) 999264193

Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais da UNESC

Como convidado(a) para participar voluntariamente da pesquisa acima intitulada e aceitando participar do estudo, declaro que:

Poderei desistir a qualquer momento, bastando informar minha decisão diretamente ao pesquisador responsável ou à pessoa que está efetuando a pesquisa.

Por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro, não haverá nenhuma remuneração, bem como não terei despesas para com a mesma. No entanto, fui orientado(a) da garantia de ressarcimento de gastos relacionados ao estudo. Como prevê o item IV.3.g da Resolução CNS 466/2012, foi garantido a mim (participante de pesquisa) e ao meu acompanhante (quando necessário) o ressarcimento de despesas decorrentes da participação no estudo, tais como transporte, alimentação e hospedagem (quando necessário) nos dias em que for necessária minha presença para consultas ou exames.

Foi expresso de modo claro e afirmativo o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/ indiretos e imediatos/ tardios pelo tempo que for necessário a mim (participante da pesquisa), garantido pelo(a) pesquisador(a) responsável (Itens II.3.1 e II.3.2, da Resolução CNS nº 466 de 2012).

Estou ciente da garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa (Item IV.3.h, da Resolução CNS nº 466 de 2012).

Os dados referentes a mim serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 466/2012 do CNS - Conselho Nacional de Saúde - podendo eu solicitar informações durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

Para tanto, fui esclarecido(a) também sobre os procedimentos, riscos e benefícios, a saber:

DETALHES DOS PROCEDIMENTOS QUE SERÃO UTILIZADOS NA PESQUISA
A presente pesquisa será realizada na Praça Nereu Ramos em Criciúma -SC, com estudos sobre s situação atual da praça, utilizando técnicas de observação e entrevistas semi-estruturadas, com foco na identificação dos tipos de usuários, atividades desenvolvidas e os horários mais utilizados.

A entrevista realizada terá 20 minutos de duração, e será dividida em três fases, com perguntas apoiadas nas teorias relacionadas ao tema, com questões fechadas e abertas, podendo ser respondidas livremente de forma verbal. Na primeira fase da entrevista será apresentada duas imagens individuais de edificações existentes na Praça Nereu Ramos, propondo que o entrevistado fale o que ele vê e pensa sobre as imagens observadas.

Na segunda fase serão elaboradas perguntas a fim de verificar o entendimento que os sujeitos possuem sobre a importância da preservação das edificações históricas como elementos constituintes da paisagem urbana da cidade.

Na terceira fase serão identificadas as percepções dos usuários quanto aos significados e memória dos espaços físicos e paisagem da praça. Nesta etapa, serão realizadas entrevistas aos usuários da Praça Nereu Ramos, para verificação de qual edificação mais se destaca na paisagem urbana, através da citação de três elementos físicos que mais se recordam. As entrevistas serão realizadas com registros em cadernos de notas, gravadores e câmeras fotográficas.

RISCOS

Os riscos previstos envolvendo os sujeitos da pesquisa durante os questionários das entrevistas semiestruturadas podem ser de origem psicológica, intelectual e emocional. Dessa forma, depreende-se que os riscos decorrentes da realização de pesquisas com seres humanos podem ser: Possibilidade de constrangimento ao responder o questionário; Desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio e vídeo; Cansaço ou aborrecimento ao responder às perguntas; medo; vergonha; estresse; e ainda a possível quebra de sigilo e anonimato. Os riscos previstos envolvendo as observações simples podem ser classificados quanto à invasão de privacidade quanto aos sujeitos, por meio da possível divulgação de imagem pessoais por meio de filmagens ou registros fotográficos e divulgação de dados confidenciais. Outro risco a ser considerado será a interferência do pesquisador quanto a vida e a rotina dos sujeitos.

BENEFÍCIOS

Os benefícios previstos para a pesquisa no âmbito da sociedade será a análise das transformações ocorridas na paisagem urbana, bem como na identificação e significação dos bens culturais presentes na Praça Nereu Ramos do município de Criciúma. A pesquisa possui relevância social, contribuindo tanto aos sujeitos e a sociedade em geral pelo fomento à valorização do patrimônio cultural, realizada pelo conhecimento da importância da permanência dos elementos representativos de significado social e histórico aos seus moradores. A pesquisa oferecerá aos sujeitos entrevistados elevada possibilidade de incremento de conhecimento histórico e cultural da cidade de Criciúma, bem como o entendimento do papel histórico da Praça Nereu Ramos como um agente no processo de urbanização do município de Criciúma. A pesquisa ainda trará como benefícios o fomento a reflexão dos sujeitos quanto as suas emoções e sentimentos relacionados a Praça e seus agentes físicos, realizando uma leitura da paisagem urbana através da sua subjetividade e imaginário urbano.

Declaro ainda, que tive tempo adequado para poder refletir sobre minha participação na pesquisa, consultando, se necessário, meus familiares ou outras pessoas que possam me ajudar na tomada de decisão livre e esclarecida, conforme a resolução CNS 466/2012 item IV.1.C.

Diante de tudo o que até agora fora demonstrado, declaro que todos os procedimentos metodológicos e os possíveis riscos, detalhados acima, bem como as minhas dúvidas, foram devidamente esclarecidos, sendo que, para tanto, firmo ao final a presente declaração, em duas vias de igual teor e forma, ficando na posse de uma e outra sido entregue ao(à) pesquisador(a) responsável (o presente documento será obrigatoriamente assinado na última página e rubricado em todas as páginas pelo(a) pesquisador(a) responsável/pessoa por ele(a) delegada e pelo(a) participante/responsável legal).

Em caso de dúvidas, sugestões e/ou emergências relacionadas à pesquisa, favor entrar em contato com o(a) pesquisador(a) Grasiele de Costa Scarduelli pelo telefone (48) 999264193 e/ou pelo e-mail grasi.scardu@hotmail.com

Em caso de denúncias, favor entrar em contato com o Comitê de Ética – CEP/UNESC (endereço no rodapé da página).

O Comitê de Ética em Pesquisa em Humanos (CEP) da Unesc pronuncia-se, no aspecto ético, sobre todos os trabalhos de pesquisa realizados, envolvendo seres humanos. Para que a ética se faça presente, o CEP/UNESC revisa todos os protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos. Cabe ao CEP/UNESC a responsabilidade primária pelas decisões sobre a ética da pesquisa a ser desenvolvida na Instituição, de modo a garantir e resguardar a integridade e os direitos dos voluntários participantes nas referidas pesquisas. Tem também papel consultivo e educativo, de forma a fomentar a reflexão em torno da ética na ciência, bem como a atribuição de receber denúncias e requerer a sua apuração.

ASSINATURAS	
Voluntário(a)/Participante _____ Assinatura Nome: _____ CPF: _____._____._____ - ____	Pesquisador(a) Responsável _____ Assinatura Nome: _____ CPF: _____._____._____ - ____

Criciúma (SC), 17 de junho de 2019.

APÊNDICE B – Modelo entrevista semi-estruturada

Procedimento de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense com vista à obtenção do Título de Mestre em Ciências Ambientais com o Título:

A PRAÇA, PAISAGEM URBANA E SEUS PROCESSOS DE IDENTIDADE

Pesquisadora: Grasiele de Costa Scarduelli
Orientadora: Prof. Dra. Teresinha Maria Gonçalves
Apresentação: Estamos realizando uma pesquisa sobre a Praça Nereu Ramos de Criciúma, estudando as formas de apropriação e identidade das pessoas que a frequentam.

Data:

Nome Entrevistado:

Idade:

Situação: ( ) Usuário -lazer ( ) Morador Próximo

( ) Trabalhador-descanso e ou passagem

Questão 01: Gostaríamos de saber como você se relaciona com a Praça Nereu Ramos. Utiliza-a de forma freqüente?

( ) Raramente ( ) 1 a 3 vezes semana ( ) 4 a 7 vezes semana

Questão 02: Qual a motivação para vir a praça?

Questão 03: O senhor se identifica com a Praça?

( ) Sim ( ) Não

O senhor cuidaria da praça?

Sente que é um espaço também seu?

Traria uma planta bonita para plantar na praça?

Defenderia a praça contra agressores (pessoas que quebram o mobiliário, maltratam as plantas, etc)?

Questão 04: Você compreende a Praça Nereu Ramos como portadora de importância histórica para a cidade? Porquê?

Questão 05: Você poderia citar quais os três primeiros elementos físicos da Praça Nereu Ramos que você lembra de imediato? Que logo lhe vem à cabeça?

Questão 06: Você pode citar alguma edificação que se destaca na paisagem urbana da Praça Nereu Ramos? Porquê?

Fonte: Acervo pessoal da autora

Questão 07- Você saberia me contar a história desta edificação?

Questão 08- A edificação presente na imagem é importante para o você?

Questão 09- Você acha que esta edificação é importante para a cidade? Porquê?

Questão 10- O que você pensa sobre patrimônio histórico?

Fonte: Arquivo Histórico Pedro Milanez

Questão 11- Você localiza e reconhece esta edificação na Praça Nereu Ramos?

ANEXOS

ANEXO A- Parecer de submissão da Pesquisa na base Plataforma Brasil

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A praça, paisagem urbana e seus processos de identidade.
Pesquisador: GRASIELE DE COSTA SCARDUELLI
Área Temática:
Versão: 2
CAAE: 17530619.0.0000.0119
Instituição Proponente: Universidade do Extremo Sul Catarinense
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.542.655

Apresentação do Projeto:
Trata-se de um projeto de pesquisa que objetiva investigar qual a importância de preservarmos a história da cidade no sentido de fomentar o sentimento de pertença, a identidade de lugar e as relações socioculturais. A intenção é saber o que a paisagem urbana diz sobre a história cultural de uma população. A pesquisa é qualitativa e pretende realizar diagnósticos da situação atual da praça, utilizando técnicas de observação e entrevistas, com foco na identificação dos tipos de usuários, atividades desenvolvidas e os horários mais utilizados. Também será realizado por meio do estudo de documentos históricos e de registros fotográficos a descrição e análise da paisagem urbana existente no entorno da Praça, avaliando a relação entre seu ambiente físico e comportamentos sociais.

O projeto prevê entrevistas semiestruturadas que serão realizadas na Praça Nereu Ramos e nas ruas de seu entorno em horários e dias distintos. O coletivo da pesquisa será composto por 30 sujeitos que irão representar a população do município de Criciúma. Será utilizada uma amostragem estratificada, constituída de pessoas que utilizam a praça de diferentes maneiras: 10 sujeitos usuários, 10 moradores das proximidades e 10 trabalhadores do entorno da praça. Os grupos de entrevistados serão escolhidos em ordem aleatória, com idades variadas, de forma a determinar diferentes percepções relativas a diferentes usos cotidianos.

Endereço: Avenida Universitária, 1.105
Bairro: Universitário **CEP:** 88.806-000
UF: SC **Município:** CRICIUMA
Telefone: (48)3431-2606 **E-mail:** cetica@unesc.net

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

Continuação do Parecer: 3.542.655

Objetivo da Pesquisa:

Esta pesquisa tem como objetivo principal a investigação do processo de apropriação e identidade de lugar da população de Criciúma/SC quanto à importância da preservação dos espaços públicos e paisagem urbana da Praça Nereu Ramos.

Os objetivos secundários englobam: - compreender a Praça Nereu Ramos como elemento histórico do processo de urbanização do município de Criciúma (SC); -analisar a importância da preservação dos patrimônios culturais da Praça Nereu Ramos para compreensão da memória e identidade; - identificar e caracterizar as edificações históricas no contexto da paisagem urbana da Praça Nereu Ramos; - interpretar as relações entre o espaço físico e os grupos sociais que frequentam a Praça Nereu Ramos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos previstos envolvendo os sujeitos da pesquisa durante os questionários das entrevistas semiestruturadas podem ser de origem psicológica, intelectual e emocional. Dessa forma, depreende-se que os riscos decorrentes da realização de pesquisas com seres humanos podem ser: possibilidade de constrangimento ao responder o questionário; desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio e vídeo; cansaço ou aborrecimento ao responder às perguntas; medo; vergonha; estresse; e ainda a possível quebra de sigilo e anonimato. Os riscos previstos envolvendo as observações simples podem ser classificados quanto à invasão de privacidade quanto aos sujeitos, por meio da possível divulgação de imagem pessoais por meio de filmagens ou registros fotográficos e divulgação de dados confidenciais. Outro risco a ser considerado será a interferência do pesquisador quanto a vida e a rotina dos sujeitos. As entrevistas serão realizadas de maneira a minimizar os desconfortos dos participantes, garantindo local reservado e liberdade para não responder questões que possam gerar constrangimentos; estando atento aos sinais verbais e não verbais de desconforto. Será garantida a proteção ao sigilo, assegurando a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico-financeiro. Por fim, será garantindo o acesso aos resultados individuais e coletivos da pesquisa.

Os benefícios previstos para a pesquisa no âmbito da sociedade serão a análise das transformações ocorridas na paisagem urbana, bem como a identificação e significação dos bens culturais presentes na Praça Nereu Ramos do município de Criciúma. A pesquisa possui relevância social, contribuindo tanto aos sujeitos e a sociedade em geral pelo fomento à valorização do

Endereço: Avenida Universitária, 1.105
Bairro: Universitário **CEP:** 88.806-000
UF: SC **Município:** CRICIUMA
Telefone: (48)3431-2606 **E-mail:** cetica@unesc.net

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

Continuação do Parecer: 3.542.655

patrimônio cultural, realizada pelo conhecimento da importância da permanência dos elementos representativos de significado social e histórico aos seus moradores. A pesquisa oferecerá aos sujeitos entrevistados elevada possibilidade de incremento de conhecimento histórico e cultural da cidade de Criciúma, bem como o entendimento do papel histórico da Praça Nereu Ramos como um agente no processo de urbanização do município de Criciúma. A pesquisa ainda trará como benefícios o fomento a reflexão dos sujeitos quanto às suas emoções e sentimentos relacionados à Praça e seus agentes físicos, realizando uma leitura da paisagem urbana através da sua subjetividade e imaginário urbano.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está muito bem estruturada metodologicamente e teoricamente. O projeto revela muito cuidado com todos os detalhes e atende aos quesitos exigidos pelo Comitê de Ética na Pesquisa. O Cronograma está em dia, as documentações necessárias foram apresentadas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos foram apresentados e estão dentro dos padrões exigidos pelo Comitê de Ética.

Recomendações:

Trabalho aprovado. Não há outras recomendações a fazer.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências nem inadequações. Uma vez concluída a pesquisa, deve ser anexado a esta Plataforma o relatório final incluindo análise dos dados e conclusões do estudo.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1338001.pdf	02/08/2019 13:43:05		Aceito
Outros	CartaRespostaGrasi.docx	02/08/2019 13:42:53	GRASIELE DE COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermoGrasiele.docx	17/07/2019 10:53:14	GRASIELE DE COSTA SCARDUELLI	Aceito

Endereço: Avenida Universitária, 1.105
Bairro: Universitário **CEP:** 88.806-000
UF: SC **Município:** CRICIUMA
Telefone: (48)3431-2606 **E-mail:** cetica@unesc.net

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

Declaração de Instituição e Infraestrutura	AceiteGrasiele.docx	16/07/2019 17:58:37	GRASIELE DE COSTA SCARDUELLI	Aceito
Folha de Rosto	FolhaGrasiele.docx	16/07/2019 17:57:06	GRASIELE DE COSTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoGrasieleScarduelli.pdf	16/07/2019 17:55:26	GRASIELE DE COSTA SCARDUELLI	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

CRICIUMA, 29 de Agosto de 2019

Assinado por:
Marco Antônio da Silva
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Universitária, 1.105
Bairro: Universitário **CEP:** 88.806-000
UF: SC **Município:** CRICIUMA
Telefone: (48)3431-2606 **E-mail:** cetica@unesc.net